



FEVEREIRO

1120 2-23

Revista Feminina



COBBO MATERNO, quadro de Antonio Fernandes. Da collecção do dr. Julio Mesquita Filho.

Anho VII

Preço 1\$200

Num. 69

S. PAULO
E nd. Teleg. «Casalla»
Caixa Postal, 177

Casa Alemã
FUNDADA EM 1883

FILIAES:
Santos, Campinas, Jahu.
Ribeirão Preto e
Rio de Janeiro



1026

1031

Modelo N. 1026

Modelo em etamine gris, elegante e de muito efeito, forrado de linon rose. Blusa japoneza, com abertos á mão, gola plissada. Cinto de seda. Saia com plissés, aos lados volantis picotados. Reproduz-se em côres da moda.

PREÇO 130\$

Modelo N. 1031

Vestido modelo muito original, em tecido moderno, direito, com tunicã drápée, em elegante forma de paniers; gola formato gracioso; cinto de seda. Todo forrado de tulle.

PREÇO 135\$

RUA DIREITA
16-18-20

Wagner, Schädlich & Co.

Fazendas
e Modas



Armarinho
Roupa branca

Rua Libero Badaró 404 - São Paulo - Brazil

Casa Lemcke

TELEPHONE N. 258 - CAIXA POSTAL N. 221

Fazendas,
Armarinho
Roupa branca
HENR. LEMCKE & Cia.



Oh amigo!
Que é isto?

CONHECEMOS o que é que afflige a este amigo. Elle soffre de uma debilidade nos rins, que o impede de trabalhar com tranquillidade e prohibi-lhe de gozar a vida. Na mesma forma encontram-se soffrendo infirmitades de pessoas por não terem encontrado um medicamento que ajude o funcionamento regular dos rins. Os alimentos irritantes e trabalho continuo numa mesma posição, a absorção de gazes e cheiro de pinturas etc., debilitam os rins, e estes como consequencia não podem filtrar perfeitamente o sangue, deixando o cheiro de venenos uricos e trazendo como resultado dôres terriveis que geralmente se conhecem com o nome de «rheumatisas».

As *Pilulas de Foster para os Rins*, constituem um remedio que ha muito tempo passou da periodo experimental. Por mais de meio seculo as tem usado eficazmente milhares de pessoas atacadas por enfermidades dos rins, e dôres nas costas. Olhe em cima para o quadro illustrado, e si o senhor offre de dôres nas costas não espere, porque essa espera pôde trazer-lhe fataes consequencias. Sem perder tempo entre na primeira pharmacian e compre um vidro de *Pilulas de Foster para os Rins*. Venda-se em todas as pharmacias. Solicite nosso folheto sobre as enfermidades renaes, que l'he enviaremos absolutamente gratis.
Foster, McClellan Co. - Caixa Postal 1062 - RIO DE JANEIRO -

ARTE CULINARIA

ADALIUS - 3. edição

Já está exposto á venda, na redacção da «REVISTA FEMININA», rua do Rosario, 12. 2.º andar, o preciosissimo livro «Adalius», especialmente confeccionado para uso das donas de casa. A primeira e segunda edição, que continham poucas paginas, exgotaram-se rapidamente, a despeito da sua avultada tiragem. Esta terceira edição compõe-se de mais de cem paginas e está enriquecida notavelmente de receitas e conselhos culinarios.



ceitas que esses livros apresentam, se são realisaveis, nem sempre obtem exito, porque não foram experimentadas. Ora, as receitas do «Adalius» são todas experimentadas, e o que mais é, estão ao alcance de quem quer que queira experimenta-las, tal a clareza com que são escriptas.

O «Adalius» contém mais de quatrocentas receitas e o seu texto é constituído das melhores receitas para lunch, cozinha, doces, de conselhos sobre hygiene, sobre o cuidado e ornamentação da mesa de jantar, de tudo, enfim, que pôde interessar uma dona de casa. É uma obra de que não deve prescindir nenhuma dona de casa, que o deve lêr constantemente, consultar e conservar como o seu livro predilecto.

Não ha dona de casa que se não queixe da difficuldade ou obscuridade com que são compostos os livros de arte culinaria.

O «Adalius», ao contrario, não traz nenhuma receita que não fosse experimentada e cuja confecção se torne difficil. Todo elle, seja qual fór o assumpto de que trate, é absolutamente apto veitavel e util. O seu texto é claro, simples e comprehensivel.

O seu preço é 25000 reis. Esse preço está, como se vê, ao alcance das bolsas mais modestas, sendo certo que a «REVISTA FEMININA», que o editou, não afere nenhum lucro com a venda. O «Adalius», vendido por esse preço, constitue, antes, um beneficio que faz ás suas leitoras e um meio de propaganda.

Livros sobre cozinha não faltam em portuguez; mas todos elles se resentem de um grave defeito: as suas receitas ou são obscuras ou não são realisaveis, pelas difficuldades que apresenta a sua execução. Além disso, algumas re-

Enviam pois seu endereço a a quantia de dois mil réis em sellos do correio, á redacção da «REVISTA FEMININA» - S. Paulo, e immediatamente receberá pelo correio o precioso livro sobre cozinha «Adalius».

ANDAR 13 PRAT 2
16-19

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L
End. Telegr.: FILIALVES
Rua Libero Badaró N. 129
S. PAULO

O Coleccionador de Diamantes, por Affonso Arinos 1 vol. br.	24000
O Mestre de Campo, por Affonso Arinos 1 vol. br. 34000 enc.	44000
Posita de Estrada, por Afranio Peixoto 1 vol. br. 34000 enc.	44000
Trovas Brasileiras, colligidas por Afranio Peixoto 1 vol. br. 34000 enc.	44000
Somarels e Desastres, por Luiz Guimarães 1 vol. br.	44000
Arte de fazer versos, por Osorio Duque Estrada 1. vol. enc.	44000
Tesouro Poetico, collectanea das melhores poesias nacionaes, por Osorio Duque Estrada 1 vol. enc.	34000
Arte de Escenar, theoria do estylo, por Xavier Marques 1 vol. br. 24000 enc. 24000	44000
Diccionario de Rimas, por Guimarães Passos e Olavo Bilac 1 vol. cart.	44000
Trecho de Versificação, por Guimarães Passos e Olavo Bilac 1 vol. cart.	34000

DR. RODRIGUES GUIÃO — Clinica medico-cirurgica, especialmente de partos, molestias de mulheres e crianças.—Consultorio rua de S. Bento, 14 (Palacete Jordão). 1. andar. sala n. 11. Consultas, das 13 ás 15 horas. — Residencia: Avenida Barão de Piracaba, 153. — Telepho-
ma, 28-28.

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excelente re-constituente dos organismos enfraquecidos das crianças, *poderozo tonico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consupativas acima apontadas.



É superior ao oleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetalisado*, intimamente combinado ao *tanino da nogueira (Juglans Regia)*, e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e às emulsões; dahí a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o recebem diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODOTANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:
Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C^a
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

MENSTROL Unico para as enfermidades da MULHER

O DESENVOLVIMENTO DA MULHER, ATRAZO E IRREGULARIDADE DA MENSTRUACÃO, HYSTERISMO, ENFERMIDADES NERVOSAS, TODAS AS IAFECÇÕES UTERINAS e DEFEITOS DA CIRCULAÇÃO DO SANGUE

A venda em todas as Drogarias e Pharmacias no Brasil nas Republicas Argentina e do Uruguay



PULVERISADORES

são necessarios em todas as casas, sendo não sómente um artigo de utilidade therapeutica como tambem de requinte.

Os Pulverisadores DAVOL incluem modelos simples e de phantasia para pulverisar perfumes e muitos modelos para uso no tratamento de doencas do nariz e gargantas.

Os Artigos de Borracha Davol são de Perfeita Qualidade em todo o mundo, e devido ao processo de fabricaçào Davol, conhecido como "Unit-Cure," dão a máxima satisfação nos climas mais oppostos.

A venda nas Pharmacias e Grandes Armazens.

Enviamos o nosso folheto de artigos de borracha a quem o solicitar.

DAVOL RUBBER COMPANY

Dept. D-5

Fabricantes

Casa Fundada em 1874
Providence, R. I., E. U. A.





CEROTINA

Quem não conhece este admiravel creme brilhante para calçados deve usal-o e assim se convencerá rapidamente da sua excellencia e real utilidade.

Usae «CEROTINA» e o vosso calçado terá um brilho que fará inveja ao Sol.

Deposito geral: **CASA DO OTTO** Largo da Memoria 12 (Piques) — São Paulo

—; Importação e exportação de couros e artigos para sapateiros e selleiros. —;

Guilherme Weisfeld
Olives
Telephone
N.º 2001.
(Cidade.)
Rua dos Guapanazes 153.
São Paulo.

Casa de moveis GOLDSTEIN

A MAIOR EM SÃO PAULO

Jacob Goldstein

Grande sortimento de moveis de todos os estylos, e qualidades. Camas de ferro simples e esmaltadas, colchoaria tapeçaria, louças e utensilios para cozinha e mais artigos concernentes a este ramo. Preços vantajosos. Tenho automovel á disposição dos interessados, sem compromisso da compra, telefonar para 2113 Cid. Vendas só a dinheiro.

Rua José Paulino N. 84

Córite e envie sem demóra
este coupon á redacção
da **Revista Feminina**

..... de de 191.....

SR. JOÃO SALLES DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"
Praça Antonio Prado (Palaceta Briccolé) - S. Paulo

Peço-lhe inscrever-me como assignante da *Revista Feminina*,
por um anno, a começar em
de 192..... e a terminar em de 192.....
para cujo pagamento encontrará anexa a importancia de Rs. 15\$000
caso prefira receber a Revista registrada deveis enpiar mais cinco mil réis ou
sejam 20\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

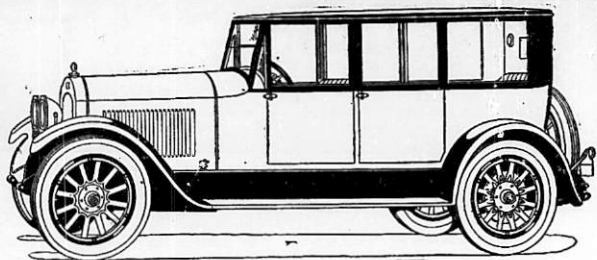
As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor declarado

Endereço.....

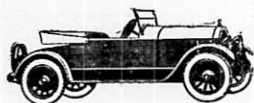
lugar.....

Estado.....

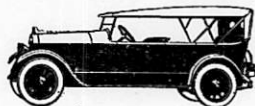
Observações.....



Cole Limousini de grande luxo



Cole 2 lugares



Cole 7 lugares



Cole 4 lugares

Luxo ■ ■ ■ Conforto ■ ■ ■ Elegancia ■ ■ ■ Durabilidade

Oito cylindros, oitenta e cinco cavallos, motor de aviação.



"Dort" O carro ideal para o interior

Quatro cylindros, trinta e cinco cavallos, muito simples e de construção perfeita.

Stock de peças sobrecellentes ■ ■ ■ PEÇAM DEMONSTRAÇÕES

Israel Company Limitada

RUA FLORENCIO DE ABREU N. 79 ■ ■ ■ ■ ■ TELEPHONE CENTRAL N. 92

Companhia
Mechanica e
Importadora
de São Paulo

SÃO PAULO

N.36 Rua 15 de Novembro N. 36

RIO DE JANEIRO

N. 25 Avenida Rio Branco N. 25

SANTOS

Rua Santo Antonio N. 108 - 110

LONDRES

Broad Street House
New Broad Street, E. C.

Codigos em uso: A. B. C. 5.a edição. A. I.,
A. Z., WESTERN-UNION, LIEBER'S e RIBEIRO
Endereço Telegrafico: MECHANICA

Unicos agentes dos
afamados automoveis

SPA

A grande marca mundial

Procuram deste ja
informações

SEIOS

Desenvolvidos - Fortificados -
Aformoseados

Com



APasta Russa

Do Dr. G. Ricabal

O unico REMEDIO que em menos de
dous mezes assegura o desenvolvidimen-
to, a firmeza dos SEIOS, sem causar
damno algum á saude da Mulher

"Vide os atestações e prospectos que acom-
panham cada Caixa"

A' venda em todas as PHARMACIAS,
DROGARIAS E CASAS de PERFUMA-
RIAS DO BRAZIL.

Deposito em S. Paulo, DROGARIA BARUEL

Aviso - Renette-se registrado pelo Correio, pa-
ra qualquer parte do Brazil, mediante a
quantia de 10\$000, enviada em carta com VALOR DE-
CLARADO, ao Agente Geral - J. DE CARVALHO
Rua General Camara, 226, sobrado - (junto á
Avenida Passos)
- CAIXA POSTAL N.º 1724 - Rio de Janeiro.

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE!

A' venda em todas as pharmacias, drograrias e perfumarias

LYCETOL

GRANULADO

GIFFONI

DISSOLVE E EXPELLE

o ACIDO URICO

RESISTAN MARIAMEN TO PELA SERRADURA NERES

CONTRA

DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS

CALCULOS BILIARES

ARTHRITISMO—RHEUMATISMO

→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGRARIAS DO BRASIL

DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

FRANCISCO GIFFONI & C.^{LA}—RUA 1.^o DE MARÇO 17

RIO DE JANEIRO

RECEITAS DE BELLEZA PARA COLORIR OS CABELLOS

Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade, visando, principalmente os cabellos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da velhice.

Entre as tinturas usadas para tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercurio, de cal, de bismutho, de estanhos e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves desordens que só muito tarde são percebidas. As tinturas americanas são a base de sulfato de cadmium e sulphidrato de amoniaco. São menos toxicas, mas irritam o couro cabeludo e provocam a calvice rapida. As tinturas a base de nitrato de prata, tão espalhadas, são de acção toxica lenta e fatal. Ha, porém, alguns productos vegetaes inoffensivos que infelizmente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se pôde recomendar sem receio e que, da resultados admiraveis é a *Petalina*, com a qual se pôde obter, graduando as doses, todos os tons, do castanho claro ao negro azeviche. Infelizmente este producto é raro em nosso meio, sendo oriundo da Persia, de onde actualmente só pôde vir com grande difficuldade.

A *Empresa Feminina Brasileira* acaba de receber uma pequena partida.

Podeis obtel-a por intermedio de nossa *Recosta*, enviando a importancia de 10\$000 e mais 500 réis para a remessa.



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc. Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás mães de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Escoltado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drograrias. Deposito Geral:

PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.

Rua 1.^o de Março, 17 — Rio de Janeiro

O que diz o Dr. Fournier sobre as pessoas fracas, nervosas e doentias.



Olha para aquelle par de rachiticos: porque não tomarão o COMPOSTO RIBOTT para ganhar forças, vigor, vitalidade e energia?

«A maior parte das doenças da humanidade, disse o Dr. Fournier, grande clinico francez, são devidas a deficiência gastico-assimilante dos órgãos digestivos. De cada dez pessoas ha pelo menos oito que não tiram dos alimentos que ingerem a nutrição que seu organismo requer. E assim se explica, prosegue o reputado clinico, como existem tantas pessoas fracas, debeis doentias, embora muito bem alimentadas. A razão é simples: os alimentos que estas pessoas tomam passa pelo seu organismo como um liquido por um tamir, deixando apenas a nutrição indispensavel para conservar a vida embora não a saúde. Para taes pessoas aconselho o COMPOSTO RIBOTT (phosphato ferruginoso organico), que é o tonico assimilativo e anti-dispeptico mais eficaz de que dispõe a therapeutica moderna. O COMPOSTO RIBOTT é um producto á base de ferro organico phosphatado, que sendo o ferro mais assi-

milavel conhecido contribue poderosamente para augmentar a força de resistencia e energias do paciente e fortificar o systema a medida que vae se enriquecendo o sangue e tonificando o systema nervoso. O phosphoro que entra no COMPOSTO RIBOTT é o melhor que a sciencia conhece para nutrir, dar vigor e tonificar os nervos. Tambem entra no COMPOSTO RIBOTT o ext. de noz vomica, cuja acção de grande tonico estomacal e anti-dispeptico não é necessario descrever. Aconselho, pois, a todas as pessoas fracas, nervosas e dyspepticas, tomarem por algum tempo as refeições o COMPOSTO RIBOTT, de cujos resultados estou certo ficarão satisfeitos».

O COMPOSTO RIBOTT a que allude o Dr. Fournier, acha-se já á venda em todas as boas pharmacias e drogarias do Brazil. O depositario remette amostra gratis a quem solicitar preços, e remetta 400 rs. em sellos do correio para pagar o porte, etc.

Unico depositario no Brasil

BENIGNO NIEVA - Caixa Postal, 979 - RIO DE JANEIRO

Assinatura annual para todo o Brasil 15\$000
Assinatura com registro 20\$000
Idem para o estrangeiro 30\$000

Revista Feminina

Redacção
:: PRAÇA ANTONIO PRADO ::
Palaceo Briccola
Telephone N. 5661 - Central :::

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

o Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcoveada afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VII

SÃO PAULO, 1920

NUM. 67

Fev.

FEVEREIRO



COM muito acerto entrou a religião a pelear contra a moda feminina, que de arte do vestir está, aos poucos, se transformando em arte de despir... Effectivamente, ao ver-se passar, hoje, nas nossas grandes cidades (porque o interior se defende galhardamente dentro da sua moral antiga) uma das chamadas elegantes, não me tem a impressão de que ella esteja em marmores de alcova... porque nossa noção anterior de «trajes meares» molos e pintos muito maiores em comprimento, e muito mais anchos em largura. Iavteram-se assim as dimensões dos nossos vestuários, e caquante o decote deffiuza para os lados, como a agua que encontra um obstaculo, a saiz ergue-se, progressivamente. O pescoco avistou o tornozello; logo a seguir a terceira e quarta costellas dixeram adeus aos gastrocnemios ou musculos das pernas; e logo se poz á ja-nella a ultima costella a confabular, amistosa, com o joelho... E talmente desceu o decote, que os humoristas o classificaram como decote para auscultação, tão facil se tornou a um medico pôr ali o ouvido e auscultar ambos as pulmões, do apice á base... Parecia que, chegado aquellas dimensões de folha de jarra ou do tangá indigena, a maré do decote não mais vazaria, e eclusas seriam oppostas á maré que vinha de baixo. Illusão. Mais desceu o decote; mais subiu e saiz. Numa comedia de Claudio de Souza já se annunciava que por ahi vae o outro acabarão por encontrar-se... E tinha razão o comediographo em sua satyra, porque o decote de auscultação já se transformou em decote de appendice, e a saiz que se podia dizer de mariscar é hoje pouco mais do que «de ballarina».

Allegou-se, de começo, entre as razões futeis que sempre explicam as modas, a necessidade da economia de estofos, encarecido, formalmente, pela guerra. E' uma razão que se pôde equiparar a do saloio que tirou o chapéu para receber uma pancada, porque o chapéu lhe custaria vinte mil réis, e a cabeça nada lhe custara.

Outros, porém, e quem sabe si mais logicos, acham que o desnudamento que por ahi vae é um phenomeno communho ao fim de todas as grandes guerras. E citam, para o caso, as ergias das victorias dos romanos, nossos avós, e excessos de depravação. Arguem que o espetivamente das chammas femininas se torna explicavel diante da indifferença do homem-soldado, que acaba de se bater longe-

mente, e cujos musculos darrados, cujos nervos desgovernados pedem, apenas, repouso, e passam indifferentes ante as seduccões femininas. E como parece que a nossa missão na terra, segundo um profundo philosopho inglez, é «pertubar amavelmente a vida masculina», a Eva moderna, que já não dispõe da maçan, fructa hoia muito sem valor, vê-se forçada a despir-se...

Prêfro, e creio que todas as minhas leitoras o preferirão, admitir a primeira hypothese, do que cogitar da segunda, tão inopportuna é ella para o nosso meio, cujos homens não se bateram, quáto aviltante, injuriosa e escaradiga é para as mulheres dos paizes que estiveram em guerra, e que são assim comparadas a «chinas» de batalhão, ás pobres desgraçadas que, ás esquinas, esperam passar os soldados para lhes acenar com nudezes e lubricidades.

Podem, no entanto, repellar com viva energia aquelle conceito as que se apresentam em publico semi-nuas, que, nos bailes, se pozem a penetrar os humedris em danças immorales lascivas, garradas aos homens como a lhes ruplicar que as possuam, e que exhibem pelas ruas, ao olhar do passante, do proprio garoto, os segredos intimos de seu pudor? Não, certamente que não. Não podem ellas se revoltar si um delles lhes cusparinha um baldão sobre o seio alvo, e que devia estar coberto.

Como exigir o respeito que se deve ás mulheres honestas si nos vestimos como as hebraicas, si fumamos como fumam as favoritas dos harems, si nos enchempanamos como as marafatas, si nos drubçamos nos hombros das homens como o fazem as chinas embrigadas, e si chregamos—já se chegou a isso!—a fazer, a apregoar, no «grande mundo», as celebres farras?...

Felizmente que esse phenomeno, si nos attingiu, foi só nas grandes cidades, e ainda nestas, apenas numa certa sociedade desnaturalizada, de typos que se envergonham de ser brasileiros, quando mais se deveria envergonhar o Brasil de os ter por filhos. Esses senhores, e essas senhoras—pobres senhores e pobres senhoras!...—nem vestem, nem falam, nem se alimentam, nem raciocinam á brasileira, e acabaram por se constituir em uma sociedade aparte, em um kyato sebaceo dentro da nossa nacionalidade: sociedade de francezinhos, do cabeças de idiotos que se deixaram emburruçar pelo ether e pela morphina da diluolção de raças em decadencia.

Ora, toda a campanha é pouca contra esse elemento de putrefacção, de exentria parasi-

taria, contra essa broca de importação, essa lagarta de elegancia rosada que se intromette no algodoeiro branco de nossa moral de antanho.

Expulemos de nosso seio aquella gente que não é mais brasileira, porque a alma brasileira é a que vive no nestro interior, immune ao contagio das depravações e dos vicios que os transatlanticos vehiculam com os germes de outros pragas.

Não são brasileiros. São bonecos internacionais, bonecos lamentaveis esses «zeinhos» e essas «transparentes» que, juntos, no seu ridiculo e na sua vacuidade mental, «fazem ddo» sobre a nossa reputação e sobre as nossas tradições...

Anna Rita Malheiros

(Para a Revista Feminina, de S. Paulo)

As nossas leitoras e assignantes

Contra os habitos e as tradições da nossa revista, que, durante cerca de sete annos, tem sahido sempre com regularidade, este numero sae com atraso de alguns dias, e é precavel tambem que mais alguns numeros, tres ou quatro, sejam publicados com atraso. Regamos ás nossas assignantes e leitoras e a todas as pessoas que se interessam pela nossa revista, que nos relezem esta falta, de que não somos absolutamente culpados. Como é sabido, tem havido em quasi todas as officinas typographicas desta capital, greves ou ameaças de greves, decorrentes de certas exigencias das classes operarias. Isso é apenas uma das causas do nosso atraso, porque ha outras tambem, como a falta de operarios typographos, a carencia, que actualmente se está fazendo sentir na praça, de materias indispensaveis para a factura de uma revista como a nossa, e outras mais que se nos antolham insuperaveis.

Brevemente, porém, essas causas terão desaparecido, depois que tivermos installadas as nossas machinas que mandámos vir da Alemanha e Estados-Unidos e quando entrarem em funcção os mestres-operarios que foram contratados por esta administração.

Os nossos concursos

ENTREGA DO PREMIO DE 100\$000

Em boa hora nos lembramos de organizar estes concursos, que obtiveram um exito que foi além de toda expectativa.

Para o primeiro delles, iniciado em nosso numero de setembro, e cujo objecto era um avental, concorreram cento e seis senhoras. Foram desclassificados oitenta e dois trabalhos por não satisfazerem as condições exigidas, isto é, por serem mesquinhos como composição, faltos de graça ou originalidade e porque a maior parte delles foram executados com material ordinario, além de outros defeitos que logo á primeira vista ressaltaram. Foram, pois, submettidos a julgamento vinte e quatro trabalhos, dentre os quaes se destacam alguns pela elegancia da concepção, pelo capricho da execução e pelo seu notavel effeito.

São elles os que vêm assignados por Baby, Mimi, Velhinha, M. S. C. (dois trabalhos), Julieta, Orlandina, Desdemona, Gaby, Fifi, Etza, Joza, Mariucha, Nenê, Bebê, Finoca, Marina, Etevína, Paula, Emma, Alda, Alina, Delia e Manola. Reunida a comissão, a 20 de Fevereiro proximo passado, na sala de Exposição de Trabalhos Femininos, anexa a esta redacção, foi o premio adjudicado á d. Maria Benedicta de Castro, de S. Paulo, moradora á rua Visconde do Rio Branco, 87. O trabalho desta concorrente foi um pequeno e lindissimo avental, em cambrá de linho, bordado á mão na parte de baixo, cortada em angulo, e passado por uma fita azul no alto. É um trabalho que allia a graça a uma extrema simplicidade. A vencedora do nosso concurso está pois á disposição a quantia de 100\$000, relativa ao premio que obteve.

Os demais trabalhos continuam expostos para serem vendidos, sendo as quantias remetidas ás expositoras. Até ao momento em que redigimos esta noticia foram vendidos os seguintes: Delia, 25\$; Alina, 15\$; Manola, 36\$; Etza, 24\$; Nenê, 30\$; Fifi, 25\$; Gaby, 20\$; Orlandina, 18\$; Desdemona, 15\$, e Julieta, 32\$. Estas quantias já foram enviadas, sob registro, ás concorrentes.

Quarto concurso de trabalhos femininos

Este quarto concurso não deixa de ser, como os tres que o antecederam, digno de interesse e curiosidade. O objecto deste concurso é uma toalhinha para creado-mudo, quadrada, e de dimensões que podem variar de 20 a 25 centimetros para cada lado. As condições do concurso são mais ou menos as mesmas.

1.o) O objecto do concurso é a confecção de uma toalhinha para creado-mudo.

2.o) As dimensões já foram indicadas acima.

3.o) A riqueza do lavor e do material empregado pouco valem para a obtenção do premio. Mais vale a simplicidade de bom gosto que a riqueza de gosto duvidoso. As bases para o premio são a novidade da criação, a originalidade, a simplicidade, a graça e a belleza.

4.o) O jury será composto de tres pessoas, escolhidas dentre as que mais comprovada competencia têm sobre o assumpto.

5.o) As concorrentes não assignarão o seu trabalho, adoptando um pseudonymo. Juntamente com a peça virá uma carta fechada onde declarará o verdadeiro nome e residencia e o pseudonymo adoptado. O pseudonymo deve ser escripto no verso do envelope. Esta medida, como já dissemos, é de uma utilidade que salta logo aos olhos, porque os julgadores, não conhecendo os concorrentes, podem agir com perfeita isenção de animo.

6.o) Feito o julgamento, verificado o trabalho premiado, será aberto o envelope a elle correspondente para verificar-se o nome da concorrente.

7.o) O trabalho premiado tornar-se-á propriedade da empresa, podendo os restantes ser retirados pelas suas proprietarias mediante recibo passado a esta redacção. Caso não declarem «explicitamente» que desejam a restituição, os objectos continuarão expostos em nossa sala de exposição para serem vendidos, sendo o producto da venda enviado, sob registro, ás expositoras.

8.o) O prazo para a entrega dos trabalhos terminará no dia 15 de Maio do corrente anno, ás 14 horas.

9.o) O jury reunir-se-á no dia 20 do mez encerrante, para dar o seu parecer.

10.o) O trabalho considerado o melhor, dentro das clausulas do concurso, receberá o premio de 50\$000.

Uma advertencia: no concurso que acaba de ser realiado, as concorrentes Baby, Mimi e Velhinha concorreram com tres aventaes muito graciosos e feitos com um notavel capricho. Ellas, porém, aproveitaram rendas e entremeios de fabrica, que desvalorisam os trabalhos. Se fossem todos elles feitos á mão, embora muito mais simples, teriam, por certo, obtido mais benevolencia por parte da comissão julgadora. Os bordados tanto podem ser feitos á mão como á machina. Hí bordados á machina tão perfectos, que valem por trabalhos manuaes. Entretanto, entre dois trabalhos igualmente bellos e originaes, um feito á mão e outro executado á machina, a preferencia dos juizes reoahirá, por certo, sobre o primeiro.

Premio 50\$

Toalhinha para creado-mudo

Condições
do
concurso



O homem foi feito para sofrer. Todos nós temos a nossa carga, como o boi tem a canga e o burro tem a cangalha. Como poderemos fugir da dor se, para isso, teríamos que fugir de nós mesmos? Certo domingo, um domingo fuscado, de céu pardacento, para espantear o tédio que me mortificava em casa, saí à rua com o propósito de distrahir-me, e eis que, logo aos primeiros passos, ao virar uma esquina, um individuo me fechou entre os seus braços e apertou-me contra o peito de uma fôrma que me teria partido as costellas se eu não tivesse escapado num safanão. Escapei, meio atonito, atordado. O abraço provocou-me as lagrimas, de modo que não pude reconhecer quem era o meu eternecido aggressor. Enxuguei as lagrimas, pisquei para treinar os olhos e olhei. Tinha deante de mim um individuo de luto. Todo elle era preto, desde os pés até ao petillho de crepe. O que havia de menos obscuro na sua penumbrosa pessoa era o rosto, um rosto esverdinhado, côr de cidra. Toda a cara era verde, desse verde icterico, proveniente de derramamento biliar.

— Sou eu... o Ramiro, o Arthur Ramiro, teu velho amigo, teu condiscipulo do collegio. Com a bréca! não te lembrás mais de mim?

— Ora viva! O Ramires! Exclamei, já convallescido da surpresa do abraço aggressor.

E dei-lhe, por vingança, outro abraço, no piedoso intuito de afogal-o, tal como elle queria fazer commigo.

Poucos minutos depois, já estavamos num café, saboreando um pseudo-moka e uns cigarros pseudo-turcos. Quantas perguntas, quantas recordações, quantas palmadinhas nos joelhos! Rimo-nos a proposito de tudo, ao recordar os episodios da nossa estouvada juvenitade.

— O' Arthur, falei ao cabo de algum tempo. Por quem guardas esse luto tão pesado?

Arthur endireitou-se na cadeira, poz-se pensativo, tornou-se ainda mais verde e esboçou um sorriso, um desses sorrisos que mais parecem uma careta. Transcorreram alguns segundos, durante os quaes suspirou varias vezes, e, por fim, falou com uma melancolia que lhe vinha do fundo das vísceras:

— Guardo este luto...

— Por teu pae? por tua mãe? interroguei.

— Não, por meu sogro.

Fiquei assombrado. Todo mundo deita luto pela morte

dos sogros e até das sogras, mas não luto carregado como o seu, luto que lhe vestia de negro não só o corpo mas tambem a alma. E' provavel que, ao ouvir-lhe a resposta, eu arregalasse os olhos e abrisse a bocca de puro espanto. E' provavel, porque o meu amigo atalhou logo:

— Vou contar-te a minha vida, ou, pelo menos, os seus episodios principaes.

E após umas chupadas melancolicas ao cigarro, proseguiu:

— Sabes que levei, como tu tambem, uma vida dissipada. Quando attingi os meus trinta annos, não me restavam senão algumas roupas elegantes e um brilho de belleza varonil. Sim, porque eu fui um bonito rapaz, como te deves lembrar. Hoje nem sou uma sombra do que fui. Os tempos mudam.

— Mudam...

— Pois, como ia dizendo, moço que eu era e bonito, pensei em pôr essas prendas em leilão, a quem mais desse. Não me seria difficil encontrar uma moça de boa posição, cortejal-a, casar-me com ella... Feito isto, estava resolvido o problema da minha vida. Vendi-me, pois. Ao cabo de tantas idas e vindas, de tantas voltas e reviravoltas, tropecei certo dia numa moça, Isabel Archanjo. Tropecei e quasi caí, louco de amor. Louco de amor por ella, por certo que não, mas pelo seu dote, porque Isabel era a filha unica — unica, percebes tu? — de um grande capitalista. Esta Isabel tinha, então, os seus trinta e cinco annos. Não sei como seriam os seus cabelos, porque os tinha postigos, ruivos, côr de pó. Seus olhos estavam reduzidos a um, e digo que se haviam reduzido porque bem se via que este um valia por dois, pois, para ser de ciclôpe, bastava que estivesse grudado na testa. Seu nariz, visto de frente, parecia um minusculo caracol, e a côr da sua tez fosse branca, nem verde, nem vermelha, nã seria tambem injustiça dizer que não participava destas tres côres, embora fosse branca na parte que devia ser vermelha, e verde nos sitios que deviam ser brancos. Quanto à sua esbelteza, é melhor não falar; quanto à sua graça, é melhor calar o bico. O collo de Isabel era tão chato, que era uma verdadeira "tabola

rasa". Ao andar, parecia ebria. Ponhamos que ella, ao caminhar, não fazia s s, mas ponhamos tambem que fazia todas as demais letras, para sermos equitativos. Diz-se que as pessoas nobres têm pergaminhos; se assim é, Isabel era nobilíssima porque toda ella era um pergaminho. Eu explico-me: os furuncullos, os abscessos arrebatados, as espinhas, as rugas e verrugas fizeram da sua cara um verdadeiro pergaminho. E não é só isso: as diversas colorações do rosto transformaram-n'o num mappa onde estava perfeitamente demarcada, por meio de kystos e silências epidérmicas, a cordilheira de montanhas, podendo-se assignalar os cursos dos rios, as linhas fronteiriças e a situação das povoações. Mas a ti, caro amigo, parecerá estranho que eu, reconhecendo-lhe tantas fealdades, me apaixonasse por ella. Pois fica sabendo que me apaixonei, porque Isabel tinha realmente uma belleza, um encanto, que, á primeira

vista, fazia
esqu
cer
dos
os
eus
im
ensos
de
feitos
physicos...

Alguem
canto
moral?
perg
ta rás.

Oh! nada
disso, lon
ge disso!

Essa belle
za consis
tia no out
ro mila
grosso, que
me ven
dou os ol
hos e me
arancou
da bocca o
"sim",
mercê do
qual fiquei

unido a ella por toda a vida. Por toda a vida! percebes bem o terror que esta expressão encerra?

Houve, nesta altura das expansões do meu amigo, uns momentos de silencio. Chupámos mais uns tragos ao pseudo-moka e mais umas fumaças aos pseudo turcos. Os olhares de Arthur cravaram-se no tecto, abstractos e sem nada ver, ou melhor, vendo-se por dentro. Depois de um suspiro, proseguíu:

— A minha lua de mel passou num continuo eclipse. Bem cedo começaram os desgostos. Porque? Por futilidades. Por "dá ci aquella palha", derrubava sobre os meus pobres hombros toneladas de improperios. Eu imaginava, antes de me casar, que o seu caracter fosse excellent. Suppunha-meiga, cordata, mansa. Phantasias! Eu illudia-me a ponto de cuidar que, fechando os olhos á sua fealdade, podia ter prazeres conjugaes, acreditando que grande parte dos meus deveres de marido estariam cumpridos só com acompanhá-la, com ter para ella attentões fraternaes, com alliviar, por meio de carinhos, os seus aborrecimentos e afugentar os seus tedios por meio de sorrisos. Por isso es-ás vendo que eu, apesar de descuidado, de folgazão, de

bohemio, não sou perverso, perseguidor, nem amigo de fazer damnos a ninguem. Pois, a despeito das minhas boas disposições, não consegui corrigir a má índole da minha mulher. Era ciumenta, intratavel, aspera, brutal. Um dia, sentados á mesa, houve entre nós uma discussão, uma dessas disputas desleivas. Tenlei reconquistar a minha autoridade de marido... Ao ouvir-me, Isabel levantou-se. Creio que estavam comendo ovos fritos. Resultado: os ovos e o prato foram-me atirados á cara.

— Oh! que perigo!

— Por causa do prato, não, porque desviei a tempo a cabeça. Os ovos, esses, sim, achataram-se em meu nariz. Indignado, corri á casa dos meus sogros. Pelo caminho, serenei um pouco e cheguei mesmo a pensar que não devia romper em absoluto com Isabel. Romper e cair na miséria eram para mim a mesma coisa. Como homem pratico

que sou,
ponho os
intress
do esto
mago ac
na paz
do espiri
to. Ao che
gar á casa
dos sogros
vacillei se
tuçaria ou
não o tym
pano do
portão;
porém,
lembran
do-me do
que ella
me havia
dito que
contaria
tudo a os
paes, pre
feri que es
tes soubes
sem pri



meio pelos meus proprios labios. Minha sogra estava não sei onde, e meu sogro recebeu-me no gabinete. Expuz-lhe as minhas queixas que tinha contra a sua filha, não com raiva, — confesso-o ruborizado — mas com mansidão, medindo as palavras e procurando afoçal-as com todo o mel que tinha disponível. Mal tinha terminado, eis que meu sogro me abriu os braços de par em par, acolheu-me dentro delles, dizendo aos meus ouvidos: "Pobresinho! Isabel é exactamente como a mãe; e tu, infeliz, tens o mesmo destino que eu tenho." Por seu turno, contou-me elle as suas penas, quasi identicas ás minhas, e acabámos a entrevista consolando-nos mutuamente e compadecendo-nos um do outro. Desde então se estabeleceu entre nós uma especie de camaradagem, que nos permitia desfogar um no outro as mutuas maguas. Quando nos encontravamos, nunca nos perguntavamos um pelo outro, e sim por "ellas". A' minha pergunta, respondia invariavelmente: "E eu até aqui", e indicava o alto do chapéo, que é o sitio mais alto da sua pessoa. Os soffrimentos, comparilhados assim, perdiam muito da sua amargura. Eu era o seu lenço de lagrimas, elle a minha toalha de pranto. Minha sogra dizia sempre ao

marido, ameaçando-o com o dedo: "Abra o olho, homem!" Um dia quasi lhe furou o olho com um socco. Eis a razão por que ella lhe recommendava que abrisse o olho: é porque tinha a intenção de fural-o. Outro dia succedeu-me apresentar-me deante della com a cara vermelha, não certamente de vergonha — porque já não a tinha — mas de umas bofetadas com que Isabel me presenteou. Eu disse então ao meu sogro: "Vou sahir d'este casamento com as mãos na cara, não com as minhas, mas com as della". Uma vez

sahí á rua com uma das orelhas á dependura. Nem parecia orelha, e sim um brinco. E tudo porque? Porque, se eu digo branco, ella diz preto, e se eu digo preto, ella diz branco. Casal que começa por branco e por preto, acaba por tornar-se verde. Aquillo não é mulher, é um telescópio, porque me faz ver estrellas. Meu sogro adocava de tal maneira as minhas dores, que ellas, so fim do passeio, estavam reduzidas á minima expressão. Ha poucos dias, fui vizital-o. Disseram-me que estava doente. Estava gravemente doente. Minha sogra, porém, garantía que "não era nada". Reclamei o medico. A virago retrucou "que não era nada". A filha abundava na mesma opinião. Morreu. E' provavel que



a viuva e a filha continuem a dizer "que não era nada", e que elle morreu por acinte. Morto o meu sogro, fiquei a sós com os meus soffrimentos. Sinto que minha alma está negra. Como me pesa a vida! Eis a razão por que trago este luto pesado.

Eu estava, ao ouvi aquella confissão, com o coração confrangido. Chamei o "garçon" e paguei as despesas. Doia-me immenso aquella baixeza de caracter, aquella paciência para aguentar insultos e affrontas, e tanto mais quanto é verdade que tudo a

quillo fazia o misero por causa do estomago, da pitaça, das roupas, por não ter coragem nem valor para affrontar a vida cara a cara. Sahimos do café. Meu amigo deteve-me ainda á esquina para me fazer a apologia do seu sogro, rematando com as seguintes palavras:

— E affirmo-te, caro amigo, que meu sogro era o homem de costumes mais edificantes que havia na cidade.

E ante o meu gesto de extraneza:

— Sim. Meu sogro era architecto.

Não sei se Arthur Ramiro teve intenção de fazer espirito ou aquillo brotou por geração espontanea.

José Luengo

D. Palmyra Wanderley

"A Republica", o interessante e bem feito jornal, que se publica em Natal, Rio Grande do Norte, em seu numero do dia 2 do mez passado, noticiando as grandes manifestações de apreço e sympathia que foram rendidas ao governador, o senador sr. Antonio de Souza, no dia da sua posse no governo doquelle Estado, refere-se, entre outras manifestações que lhe foram tribuadas pelas diversas classes sociais, á manifestação feminina, que, por certo, lhe foi das mais gratas ao coração.

Do grupo de senhoras da alta sociedade de Natal, destacou-se a sra. D. Palmyra Wanderley, nossa distincção collaboradora e uma das senhoras mais finalmente intellectuaes do nosso país.

Eis o discurso que, então, a illustre senhora pronunciou:

Frank Craig, o pintor das mulheres, o grande illustrador inglez, mestre na pintura historica e nas annotações graciosas das elegancias modernas "sentindo-se morrer, teve o bom gosto de viajar de Londres para Cintra, onde «cada flor é uma alma» e cada alma deve ser uma flor.

E ahí, fechou seus olhos sobre um lindo canteiro de rosas de Menesirate, as amigas de Byron.

E ao fazer a sua ultima exposição de arte no atelier Bohanne, ao lado do seu triumpho de artista, velava uma saudade precursora de um adeus, entristecendo desde as suas «admiráveis monocromias», até as arvoredas douradas, os neveiros azues, das aquellellas vistas. Desejára visão de pintor, enriquecendo o patrimonio artistico de sua terra. Despedida de Frank Craig, entre quadros, para depois,

entre rosas, a maneira do jardineiro de Nuremberg, Courtenay, «deixar a gloria suprema de viver em plena arte» como Dorian Gray.

E como artista que reis, dr. Chavez, artista do Bem, voltado sempre ás suggestões do bello, viestes, tambem, jardineiro da caridade, entre um punhado de rosas, não deixar a gloria suprema de viver, mas, receber a gloria suprema de bem governar.

Olhae... são rosas que vos cercam. Rosas, sim, porque é a primavera do sonho que vos rodeia; e ellas são o sonho da primavera, desabrochando em petalas—mocidade das rosas glorificando a Natureza, no advento da floração—mocidade feminina glorificando a paschoa final do vosso governo. Rosas, sim, porque é a primavera do sonho que vos envolve; e ellas têm uma alma de perfume que inebria—beijo do sol, feito semente de luz, em calices de esmeralda, perpetuando a messe das corollas—oculo de gratidão chirimando a vossa frente, eternizando o vosso nome bendito. Mil vezes bendito pela menina devallida, vagaluma das ruas, para quem cultivastes um campo mais verde e mais vasto, um asylo da esperanza onde a oaga da miseria se desfaz e o lume da misericordia se accende, ao contacto das mãos brancas das fadas de Deus—irmãs da caridade, fiandeiras do Céu, tecendo no tear do soffrimento as flagramas de amor. Bendito pelas velhinhas, invalidadas pelas misérias humanas. Derramastes sobre ellas o vosso olhar piedoso, multiplicando e abrigo dos mendigos, como a arvore multiplica os ramos para o descanso dos passares; a semente da caridade, onde, para sobreviver as amarguras da velhice, as calhandras da escaço cantam o psalmo da bondade e do carinho. Bendito pela moça abandonada — mariposa sem rumo, flor exposta ao sopro da maldade

que mancha o lyrio mais branco e cresta a borboleta mais luminosa; porque solidificastes com a vossa moeda os alicerces de uma casa de protecção, santuario de tribulha, onde o ouro se transforma em preces e as preces são bençãos sobre seus benefiteiros. Bendito pela rainha do lar de amanhã, para quem alargastes mais uma escola de instrucção domestica, base da familia. «Pedago do Céu que a Providencia deixou na terra para aprender a viver na Eternidade, colheita divina onde as abelhas do amor fabricam o mel da virtude fortalecendo a sociedade e fortalecendo a Patria. Bendito, enfim, pela mulher norte-riograndense que, no ultimo dia do vosso governo, nem corao-vos de rosas, como a Italia agradecida coroava o heróe de Goito o poeta estandarte da unidade italiana», porque, como o filho de Carlos Alberto, sois o salvador desta terra, o porta bandeira da honra do Estado do Rio G. do Norte...

Ha no Egypto uma pyramide que ha muitos seculos impede que as areias do deserto supulsem a murna de Meris, em cujo sephago se acha escripta em caracteres indeleveis a historia de uma raça. Diz a lenda que, quando o sopro da manhã, nos primeiros rubores da aurora, embala os leques das palmeiras, soluga um soluço mysterioso, a estatura de moeson; e os leões da Numidia, espavoridos, não rugir ao seu lado. O vosso nome, como a pyramide da cidade de Gizeh, ha de ser sempre a sentinella desta terra, impedindo que os inimigos reterem a epoca gloriosa do vosso governo—governo que equivale á grandiosa victoria da soberania de um povo—na gratidão do qual brilhará sempre como o rubi precioso de um rajad da India que, para não perdê-lo um só momento, mandou dar caval-o no coração.

RIO GRANDE DO NORTE

A "Escola Domestica"

A «Escola Domestica» é uma das instituições mais úteis do Natal, Rio Grande do Norte. Nella se formam aptidões para a luta da vida e se fortalecem caracteres. Moldada segundo os melhores modelos, essa casa de ensino tem cooperado grandemente para elevar o nível moral e intellectual da população daquella adeantada e prospera capital nordestina.

As festas com que foi commemorado o encerramento do anno lectivo, em novembro proximo passado, correram brilhantissimas, sobresahindo, pelo interesse que despertou, a exposição do trabalho das alumnas e dos Clubs de Extensão, realisada nos salões do edificio da Escola.

A parte mais interessante da festa realisou-se no theatro «Carlos Gomes», ao qual compareceu o que ha de mais selecto na sociedade natalense. A solemnidade foi honrada com a presença do dr. Oliveira Lima, paranympho da turma das alumnas diplomadas, que pronunciou, então, este elegantissimo discurso:

«Entre o que os americanos chamam experiencias da vida e que nem sempre infelizmente emprestam experiencia à vida, faltava, na parte que me coube por lote, o ser paranympho de uma turma de graduadas de uma Escola Domestica: experiencia tanto mais rara no Brasil, quanto é a unica escola d'este genero que possui o paiz, o que é muito em louvor do espirito progressivo d'este Estado e especialmente d'aquelle espirito clarividente, que é ou antes deve ser o do homem publico, que teve a bella iniciativa de uma tão util instituição. Por isso mesmo me envaideço da distincção que me dispensastes e que agradeço com tanta cordialidade, tanta sinceridade.

Fizeram-me graciosamente observar que não fui convidado para paranympho, nem fui designado: que fui eleito. Razão de mais para desvanecer-me, sendo o primeiro cargo de eleição que exerço e ainda por cima proveniente do suffragio feminino, que é a grande novidade do dia em materia politica e uma das conquistas permanentes de uma guerra da qual já se disse, com razão, ter resultado toda em proveito do Japão, do socialismo e das mulheres. Em proveito portanto do mundo, porque aquillo que a mulher, com seu geito e sua elegancia, não conseguir realisar, com seu geito e sua perseverancia, — a sua constancia é uma fabula mais, talvez um estratagemma — não será dado ao homem levar a cabo. Contentemo pois, não sei si com a regeneração do mundo, mas pelo menos com cousas que o mundo ainda não vira.

Eu sou, devo dizelo, um velho adepto do suffragio

feminino e da independencia da mulher. Na noite da primeira eleição do presidente Wilson achava-me eu em Washington e, não só tomei parte, como fellei n'uma grande reunião em Ebbit Honse em prol d'essas idéas que eram então, não direi perigosas de professar como as do anarchismo, mas soffrivelmente originaes. A questão do suffragio feminino, toda a questão feminista de que o direito de voto é a base, sempre me pareceu porém uma questão de senso commum.

A mulher não é intellectualmente inferior ao homem. Si lhe falta poder creativo, sobra-lhe o dom de assimilação, e si lhe escasseia vigor physico — tudo isto comportando excepções, — convem lembrar que a finura vale muitas vezes mais do que a força. Si a mulher não tem logrado praticar feitos tão notaveis no dominio da intelligencia quanto o homem, é muito porque lhe tem faltado a oportunidade. Porventura recebe a mulher a mesma educação que o homem? Estas proprias cousas domesticas que são mais da sua alçada — não posso dizer que lhe sejam privativas porque na China são os homens que cozem, no Japão são elles que bordam, em todo o mundo elles tambem cosinham, primando até na arte culinaria como theoreticos e como praticos, e casacos ha em que são elles que tratam dos filhos — quem pensa em ensinar-lhe?

Sei que na Belgica existem as «*coles menageres*» e que os Estados Unidos lhes não podiam ser alheios; vi funcionar uma em Buenos Aires, que me pareceu excelente, como tudo quanto alli diz respeito à instrucção e à philanthropia, no seu mixto de escola operaria e de escola de digamos burguezia enquanto a denominação não estiver abolida; ouvi que em São Paulo não admittiram ainda o alcance; e tratando quem poderá contestar que só se pode fazer que o que se aprende a fazer, e que si se pode aprender por si, mais facil e mais rozoavel é aprender com quem saiba e possa ensinar?

Tudo é cosinhar; mas cosinhar mal ou bem são para quem come cousas diversas.

O mesmo com relação ao vestir; um traje bem cortado e bem acabado é cousa distincta de um traje ridiculo á falta de gosto. De quantas desastrosas consequencias não é responsavel a ignorancia em materia de puericultura? Este é no emtanto o campo por excellencia da actividade feminina, correspondente á sua mais nobre missão, que é a de mãe de familia. Não que isto comtudo dizer que a mulher não deva sahir do gynecceu ou que lhe assenta viver sob tutela.

O christianismo melhorou-lhe a situação, mas a re-



bindos e pittorescos aspectos da Parahyba do Norte.

Vêm-se, nos tres medallhões, o presidente da Republica, o presidente do Estado e o Prefeito da Capital.

cordação da curiosidade, não sei si intempestiva, mas fatal da nossa má Eva, continuou a pezar sobre ella e a determinar com relação a ella uma politica de «confiar desconfiando», que tanto mais convinha ao homem quanto lhe favorecia a auctoridade. Alguns chegaram a apontar a mulher entre os inimigos do homem. Estou certo de que o não faziam de verdade, sinceramente: dou n'este ponto mais pela intelligencia e bom gosto da Humanidade que nos precedeu. Mas que o fizessem de *point à vis*, peor ainda.

Pouco por sua vez o elemento germano que, segundo a propria sciencia historica franceza — pelo menos até a guerra, pois que esta alterou mesmo a sciencia — dotara a sociedade antiga da liberdade individualista, foi quem mais elevou a condição da mulher no lar, mas não na sociedade, isto é, no que diz respeito á sua posição social, a qual ficou exteriormente sendo inferior á do homem. A emancipação da mulher, mesmo no terreno juridico, é cousa muito mais moderna, pode mesmo dizer-se que recente, e foi o resultado do espirito de tolerancia que produz a instrução.

Entrou primeiro a reconhecer-se a igualdade das facultades, logo a das capacidades, depois a dos direitos, até chegar a dos deveres, que é a parte mais ardua, mesmo porque a galanteria masculina, quando assim se quizesse exercer, não mais poderia subtrahir o outro sexo ás obrigações assumidas. A guerra que ha pouco terminou, levou o homem ciente da mulher, não mais por motivos sentimentaes, mas por causa da sua competencia comprovada pelos salarios auferidos. A mulher vai portanto continuar a ser maltratada, senão mais por motivos biblicos e pela sua penna prosadores sacros, pelos seus adversarios politicos, pelos concorrentes aos lugares publicos, pelos seus antagonistas, hontem no affecto, hoje no interesse.

São os ossos do officio, ou antes dos officios, e força é que se resigna, preparando-se para a lucta e adquirindo, desde a competencia profissional domestica, pois que ella nunca deixará de ser a dona de casa — regalia que lhe não é disputada pelo que tem de trabalhosa, mesmo quando constitucionalmente exercida — até a alta cultura litteraria e scientifica, capaz de formar uma Madame de Stael ou uma Madame Curie.

Algumas das accusações são comtudo tão arraigadas que já parecem identificadas os defeitos que visam com a natureza feminina. Quem não culpa por exemplo a mulher de indiscreta? Entretanto, não me esquece o que me confessou uma vez meu chefe em Washington, Salvador Mendonça, cuja vista precaria o obrigava a empregar secretarias particulares para a leitura e correspondencia, duas invariavelmente, uma para o inglez e outra para o portuguez. De uma feita tomou um secretario; pois foi o unico tempo, nas suas palavras, em que se revelaram aos jornaes assumptos reservados da legação. As secretarias tinham sabido resistir heroicamente aos reporters e manter-se mudas; de igual continencia de lingua não foi capaz o sr. secretario.

O escolho a evitar na organização de uma escola como esta era que ella ministrando embora uma educação secundaria geral se transformasse numa academia ultradomestica. Nada ha de mais difficil do que as cousas simples. Parece-me que essa difficuldade foi vencida e que se manteve a comprehensão exacta do que é e deve ser uma escola domestica, sem lhe forçar o prosaismo que de balde se buscaria aqui. Sobre esta instituição paira a memoria de um espirito gentil que cedo em demasia se desprezou da terra e cujo influxo poetico, emanado da região mysteriosa onde se devem congregar as almas associadas pela comunidade dos sentimentos e pela affinity dos sonhos, deve ter inspirado o dr. Henrique Castriciano na sua generosa concepção.

Anos ha que elle em Bruxellas se entreteve descrevendo-me o seu projecto, na execução do qual poz o que não costuma ser uma virtude brazileira, a saber, a perseverança. Luctou pela realisação do seu ideal; não se deixou abater pelas primeiras inevitaveis decepções, e eis aqui em plena florescencia o empreendimento que tanto o honra, tanto realce empresta á Liga do Ensino que o amparou, e tanto credito projecta sobre a administração do preclaro governador que comprehendeu a im-

portancia do melhoramento e o perfillho, d'elle fazendo um modelo, como está tratando de tornar modelar o serviço de assistencia social, que nobilita a humanidade.

Este Estado parece ter comprehendido, se n'este ponto serve-nos a todos da federação de exemplo e estimulo aquillo que devemos sem excepção comprehender; que não é possivel organizar-se uma democracia sobre as bases da equidade e da verdade, com 80 o/o de analfabatos na sua população. O deputado federal que no Congresso se fez conhecidamente o paladino do progresso na União da instrução publica é um deputado do Rio Grande do Norte; e assim occorre porque no seu meio local encontra o sr. dr. José Augusto correspondencia para seu nobre e fecundo ideal.

Antes mesmo de eu ter a fortuna de aqui vir, sabia que a vossa Liga do Ensino presidida pelo mais digno dos magistrados, honra de sua classe e columna da justiça, se esforçava—apenas não podia ainda saber quanto—no sentido de promover a diffusão das escolas, tendo até cuidado de uma instituição unica no paiz, como esta Escola Domestica, que se tornou a perola do Estado, que foi a razão ou o pretexto da minha gratissima visita a uma terra tão hospitaleira e tão sympathica, e que o Brazil todo estará amanhã copiando, quando lhe perceber as vantagens educativas e o largo alcance social.

A civilização reclama instituições como a Escola Domestica de Natal porque aquillo que antigamente, sabendo-o de instincto, a mulher cultivava intensivamente no lar, que era o seu dominio vedado a estranhos e d'onde raramente sahia, hoje tem que procurar aprender em outra escola e com orientação scientifica em estabelecimentos publicos, desde que a vida de familia tomou um aspecto todo exterior. Para coroar a serie dos inimigos da reclusão domestica veio o cinematographo. A tradição das excellentes donas de casa empiricas mas diligentes e devotas que foram nossas avós e nossas mães, e que pelo impulso adquirido ainda são nossas esposas, estava pois ameaçada de perder-se si a não recolhesse e perfilhasse o Estado, fornecendo-lhe a continuidade e duplicando-lhe a valia por meio da obra de benemerencia pedagogica que aqui já se acha pode dizer-se executada.

Este estabelecimento teve ainda a dita de deparar com a directora que mais e melhor lhe convinha. Disse Bergson, a meio dos dithyrambos suggeridos em França pelo concurso militar americano que lá decidira da guerra, que são os americanos a raça mais idealista do mundo. De então para cá deve ter-se modificado seu conceito e talvez que se haja reduzido ás suas verdadeiras proporções, as quais seriam que os americanos combinam no seu ser collectivo, em um feliz equilibrio, a feição ideal e a feição pratica. Ha 20 annos que o verifiquei e o externei n'um livro. Incepta-se o americano de materialista e elle apparece o unico despido de cobiaças; louva-se sua espiritualidade e elle surge com o senso preciso das realidades.

A mulher americana mostrou, antes do que nenhuma outra, do quanto era capaz o seu sexo no terreno da formação da intelligencia e da vontade da mocidade. Ella possui muito aperfeiçoado o instincto educativo, feito de suavidade magnetica e de firmeza no querer, que incute confiança e desperta diligencia, a que não falta religiosidade porque a fé na missão a cumprir é consubstancial e que se traduz por um senso positivo e uma percepção lucida do modo de desempenhar essa missão. Vejo que mesmo sem intenção fiz o retrato da vossa directora, Miss Leora James, a quem a Escola Domestica de Natal deve muito da sua actual prosperidade porque, elevando o cargo que lhe foi em boa hora confiado á altura de um apostolado, lhe tem dedicado toda a sua energia e toda a sua bondade.

Não é mais licito pôr em duvida a energia da mulher, que na crise por que acaba de passar o mundo, não só fabricou munições de guerra como soube usal-as, exercendo o unico officio que lhe parecia vedado, que era o de soldado. Também se dizia que lhe estava defeso o de bispo, tanto que falta o feminino para esses dous substantivos; mas já na Inglaterra, onde á mulher foi concedida a participação na vida politica, lavra alicitação para que a mulher possa preencher logares ne sacerdotio da Igreja.

CONTO DE



Manuel Marinelli

A Estrella Alada

I

A alegre notícia divulgou-se prontamente por todos os recantos do bosque, enchendo de júbilo os rouxinóis, estes dulcíssimos trovadores nocturnos.

Tão grande era o successo, tão extraordinário o triumpho, que até os peixes, que moravam no fundo dos arroyos, abandonavam seu refugio, na noite silente, e levantavam a cabeça para se congratularem pelos seus proprios olhos do que por toda a parte se murmurava.

Uma estrella rutila desceia do céu para pousar no ramo verde de um carvalho, e ali permanecia desde que o sol baixára até a aurora, sem que essa bella flor do céu fosse temendo que suas irmas a abandonassem sózinha.

Diz-se que o mundo já mais se viu um semelhante prodigio e os moradores daquelle bosque contemplavam, com amorosa urgência, aquella estrella que resplandecia immo-el toda a noite sobre as torres fallas do gentil revo.

Os rouxinóis não deixavam de cantar luctuosos a formosa estrella. Studavam-na com tristes sons, com melancolicos gorgiejos e jímias es inimitaveis cantores tiveram a voz tão bella e a inspiração tão viva como naquella occasião.

Passavam as noites em extase os habitantes do bosque que parecia encantado. Passavam a noite em claro os ratinhos tímidos, as lagartixas, as mariposas e aranhas, cigarras e grilos, gnomos e sylphos; não era fado para ver de longe a estrella resplandecente, que se havia dignado baixar à terra, como para escutar os impudicissimos concertos com que a obsequiavam cada noite es rebais e os innocentes rouxinóis.

E a estrella parecia objecto de um respeito profundo, de uma admiração sem limites, de um verdadeiro culto pantheista, que se exteriorizava ostensivamente quando agers baixava a aurora, e a estrella, abandonando o tenro galho, subia para o céu escuro ainda e, diminuindo lentamente de tamanho, acabava por sumir-se da vista dos seus devotissimos admiradores.

Os rouxinóis, então, despediam-se della em uma psalmodia primorosa e retiravam-se para descansar alguns instantes os moradores do bosque, sobre o qual desca um silencio nocturno, que de quando em quando, era cortado pelo pia estridido da corvoia, o passaro matutino por extelencio.

Por muitos dias já repetia-se o extraordinario acontecimento. Quando as sombras do crepusculo, rubindo pela baxada escavalavam o pendur de morte; quando os passos passavam o gurgulo coruchio após despedirem-se do sol com um ultimo trinado; quando cessava a grita das cigarras, o trabalho das aranhas, das formigas, das lagartixas, de todos os operarios obscuros da selva, decia magestosamente do céu a flor maravilhosa de luz e pousava, sem vacillação, sobre o verde ramo, que desde o primeira dia escolhera para nelle posar a noite.

Pela claridade que projetava, passos e insectos, reptis e caracóis não ousavam mirar a frente; os gnomos, tambem, não podiam fital-a, porque sua vista, acostumada ás trevas não resistia à luz tão viva e resplandecente. Ninguém a via de perto; uns por medo ao sobrenatural, outros por amor ao extraordinario, todos sentiam-se felizes em vê-la de longe, cantando em unisono seus luctuosos, fazendo-a alvo de uma sincera devoção.

Não obstante algum affirmar que não era uma estrella; que, sob a luz deslumbrante havia um par de szas enormes, e que não se tratava de uma coisa celeste, senão de um pchre tér da terra.

A origem de tal sifiração não se pode descrever e o fadido que espalhara o boato exorandea-se no anonymato, para não ser victima da ira da multidão indigna.

E a estrella continuou em paz suas quotidianas visitas no bosque, recebendo o tributo de amor e admiração de seus fidelissimos devotos.

II

Os reptis sempre foram, desde tempos immemoriaes, invejosos da alheia felicidade. A admiração que a estrella despertava naquelle bosque tornando não fazia mal a ninguém, pois, sendo todos que via coisa sobrenatural, os animaes em conjunto estavam de accordo em render-lhe um preito da homenagem. Todos, porém, não; as lagartixas, que odiavam mortalmente es zumbes voadores, tanto aos insectos como ás aves, sentiam um odio profundo contra aquella luzinha que circundava nos ares com a mesma ligeireza de um passaro, e, em tenebrosos conciliabulos, conspiravam contra ella.

— Precisamos averiguar o que é este mysterio do bosque — bradou um dia o chefe da turbulenta grey — Esta luz incompreensivel me molesta e as honras que lhe tribuam me enfurecem! Quem se julga com coragem para constatar o que seja essa falsa estrella?

— Eu, senhor! disse uma lagartixa miuda e inocente.

— Como conseguis isto?

— Simplemente: escolarei a arvore, mistrei de perto a extranha luzerna, e, quando a tenha examinado sufficientemente, voltarei para dar conta da empreza.

— Entretanto, que faris si perderes a vista ao contemplar tão brilhante chamma?

— Pouco me importa a vista contanto que essa luz se apague para sempre!

— Bravo! Isso é que se chama falar como um reptil, brada o chefe. Pouco importa a cegueira, contanto que se destrua quem se odia... Parte, minha filha, e volta o mais breve possivel, que aqui te esperamos.

E concluiu solennemente:

— O espirito maligno da serpente do Paraiso que te acompanhe!

A lagartixa sahio correndo para realizar sua vil espionagem, e suas companheiras, durante muito tempo, ficaram esperando-a, occultas suas fojo abertas no tronco de uma arvore.

— Como tarda!

— Póde ser que não regresse nunca!

— Voltará, meus amigos, disse o chefe do bando. — Voltará, porque, activa e astuta, saberá evitar todos os perigos no caso que ache difficil ou arriscada a sua missão.

La respondendo a aurora, quando, esperangante e extenuada, a lagartixa se reuniu ás suas companheiras.

— Que é? perguntou impaciente o chefe.

— Já sei! Já descobri tudo. Entretanto, por um triz não perce a vida. Um maldito morcego perseguiu-me durante a ida e a volta.

— De que se trata afinal, contou o reptil impaciente.

— De uma coisa simplicissima. Mal cheguei ao tronco onde pousa a estrella, subi por elle até muito perto da chamma; quiz approximar-me mais, entretanto a luz que irradiava é tão viva que tive que retroceder. Cantado occultei-me atraz de umas folhas e contemplei a meu gosto a estrella... Não é estrella, porém. Trata-se de uma mariposa enorme, de rapa desconhecida que traz uma luz na cabeça.

— Não o disse? — exclamou o chefe.

— Mas que luz!

Cieio que não é mais fulgida a das proprias estrellas.

— Perfeitamente. Agora que sabemos a verdade, é occasiao de acabarmos com esse astuto mentiroso. Porque elle ha de trazer uma luz na cabeça e nós outras não? Porque deve receber as homenagens de todo o bosque se nós somos desprezados por todo o mundo?

— Que morra? vociferou a falsa lagartixa.

— Que morra! respondeu em côo o negregado bando.

— Muito bem! Que morra! concluiu o chefe — Quem se encarrega, porém, de matal-a?

— Como se fará, se sua luz impede que se lhe approximem?

— Eu! — aparteou uma lagartixa de cabeça chata, como a de um criminoso.

— Como o fará?

— Isso fica por minha conta.

— Quando consumarás o crime?

— Amanhã de noite.

— Conta, pois, com o agradecimento da rapa. Guerra a tudo que brilha e a tudo que vira!

— E, amanhã isto se passava, a estrella subia solennemente para o céu e desaparecia nas trevas apenas enfumacada pelo crepusculo matutino.

III

Quando começou a escurecer, a criminoso lagartixa arrancou um agudissimo acule de roseira silvestre, despediu-se dos seus, que o animaram a consumar o attentado, e dirigiu-se resolutamente para a arvore, em cuja rama acabava de pousar a estrella.

As demais lagartixas amontoaram-se no seu miseravel escondijo para esperar a noticia da innocente victima. Os rouxinóis preludavam seu canticco harmonioso e os humildes devotos da estrella, contemplando-a em beatifica attitud, começaram a escutar o canticco admiravel.

Entretanto, a lagartixa traidora subia pela arvore onde estava a rama em que se apoiava a estrella; tinha na parte direita, como uma punhal, o terrivel espinho. Quiz approximar-se mais mas o fulgor da chamma a delumbrou.

Então procurou conversar com a flor luminosa, para obrigar-se de baixo da sua asa e feril-a à traição, apertadamente.

— Oh! flor do céu! disse saudando-a — Rutilante estrella, deixo que me acerque de ti para embeber-me na tua luz divina!

— Não sou flor da céu nem estrella rutilante! — respondeu a interrogada — sou simplesmente uma mariposa de terras longinquoas, que anda pelo mundo em viagem de estudo.

— E's estrella! Conhece-se isto na tua propria humildade — respondeu com tortuosas flexuosidades na voz a malvada lagartixa — Como estrella és venerada em todo o bosque.

— Eu? E que motivo dá para isto?

— Não sei. Só posso affirmar que não ha por ahí animalzinho que não passe a noite a contemplar-te.

— E' impossivel!

— Par ti, só por ti, os rouxinóis, esses inspirados rhapsodos, trinaem e gorgiejam toda a noite, tomando-te por uma estrella.

— E' necessario arrascal-os da seu erro. Eu não sou tal cousa... Sou uma simples mariposa; em meu paz ha milhões de borboletas como eu.

— Não pôde ser! O céu parecia incendiar-se quando voavas... Puderá! Imagina que a arvore preferida por nós outras, chama-se a arvore do fogo.

— Que maravilha!

O' gentil borboleta, concientes que eu te contemplo de mais perto?

— Contempla-me quanto quizeres.

— Quer fazer o absequio de levantar a az-direite para que essa estrella que reluz em tua fronte não me cegue?

— Pois não...

A mariposa levantou a asa e, á sua sombra, infamou a lagartixa entrou o acerado espinho no coração da falsa estrella. Depois fugiu.

— Meu Deus! — gritou a victima. Matou-me este reptil! E dizendo isto cahiu, tomada por convulso e horriva.

O criminoso reptil correu a narrar o acontecido ao bando que o aguardava. E' inutil re-crestar que foi recebido com entusiamo. Quando, porém, as lagartixas sahiam, em tropel, para ges rem a morte da estrella agonizante, sentiu que a lamina de uma espada entrava-lhe pelo peito varando-lhe os pulmões.

Lançou um grito de angustia e mirou seu assassino: era o chefe da quadrilha facinorosa.

— Tu? Tu me matas, depois do serviço que te prestei?

— Eu, sim! Eu mesmo.

— Porque?

— Porque não quero que um dia faças a mim o que fizeste á mariposa — replicou o vilão. E correu a reunir-se á sua gente.

IV

A queda da estrella causou panno entre os habitantes do bosque. Os rouxinóis suspenderam seus canticos e todos, em tumulto, correram a soccorrer a infeliz victima da traição e da inveja.

— E' uma mariposa — exclamou, desapontado, um grillo.

— E que importa? — retrucou um rouxinol. Para nós será sempre uma estrella, pois, apesar de cahida, brilha como se estivesse engastada na aboboda celeste.

Umaz piedosoz rataranas, habéis na arte de curar, correram a auxiliar a ferida, começando por arrancar-lha ao peito o dardo mortal.

— Quem te feriu? — indagou um rouxinol afflictissimo.

— Uma lagartixa.



... e a lagartixa enterrou o asuda espinho no coração da falsa estrella...

— Logo vi que devia ser algum reptil rastejante.

— Meus amigos, — gemeu a moribunda pensosamente. Se é verdade que me tomaveis por uma estrela é porque jámais haviais visto minhas irmãs, as bellas mari-passas da arvore de fogo. Sei que me rendeis culto com vossos lindos cantares e por isto eu vos sou agradecida. Só tenho uma dor na alma: é não poder voltar para o meu paiz para cantar-lhes a vossa bondade, a vossa innocencia e a vossa solidariedade. Ao dizer estas palavras, estremeceu toda e a luz que lhe ardia na fronte extinguiu-se como um sol que se apaga. As ratazanas incumbiram-te de abrir para o seu corpo uma sepultura funda, evitando assim que as invejosas lagartixas profanassem seus delicados testos, deante dos quaes desfilaram os pezuenos meradores da bosque, rendendo-lhe um ultimo tributo. O rouxinol, á beira da côra, fez a seguinte oração fúnebre:

— Meus amigos! Mão criminosa acaba de roubar-nos o encanto desta selva; a estrela alada jámais brilhará no alto do verde re-



tos do bosque e fez derramar lagrimas ás proprias raposas, aos lobos, bichos a quem faltam os mais ternos sentimentos.

É a canção da «Estrela Alada».

A acção social da mulher brasileira

Onze mil senhoras brasileiras dirigiram um apello ao sr. Presidente da Repúbl. ca, pedindo sua interseção amittosa para que sejam restituídos ás suas familias e á sua patria 400 mil prisioneiros allemães que a França retém até hoje, apesar de ter exilido e obtido da Alemanha a entrega de seus compatriotas prisioneiros do inimigo! Sabem que nada tenham obtido, e que os pobres prisioneiros continuam o seu captivo, não deixa de ser um lindo gesto o daquellas nossas patriotas, gesto de justiça, de caridade, e de bondade.

A mulher brasileira começa a agir não só na nova esphera social, como ainda na esphera das relações com os outros povos. Bravo! E duas vezes bravo, porque, sua acção sempre se faz sentir animada de bondade, de altruismo, de generosidade, sentimentos oppositos aos da acção masculina. Assim é que 400 mil pobres prisioneiros allemães jazem ainda na França, na grilbeta, no presidio, no supplicio, retidos pela nação que mais apregoara os principios de humanidade. Já ha um anno que está virtualmente terminada a guerra. Tão logo ella terminada, foi proposta a troca dos prisioneiros. A Alemanha repatriou todos os prisioneiros francezes que tinha em seu poder. E a França — á qual estamos ligados por tanto enthusiasmo, — conserva, sem que ninguém possa suster porque, 400.000 pobres prisioneiros, pobres soldados, pobre carne de canhão, catraes conscriptos que nenhuma culpa tem da guerra, enquanto os generos e os estardac-maiores gozam a tranquillidade de seus lares.

Nenhuma iniciativa masculina levantou-se em um paiz, que sempre te fez campeão fra-

co mais sincero das reivindicações dos fracos. Além de nobre, é pois opportuna a manifestação das senhoras brasileiras, endereçada ao presidente da republica, numa riquissima paita, uma mensagem pedindo que, em homenagem ás festas do Natal, interceda por telegramma junto aos chefes das nações aliadas e, especialmente, do presidente da Republica Franceza, afim de que sejam sem mais demora libertados mais de 400 mil prisioneiros allemães, ainda retidos na França. Este apello está dirigido em valioso pergaminho e é acompanhado de copiosos officios e telegrammas em que adheriram á idéa das senhoras do Rio de Janeiro numerosas outras, não só brasileiras, como portuguezas e italianas, do Pará, Parahyba, Pernambuco, Bahia, S. Paulo, Minas, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. O numero total de assignaturas sobe a 11.232.

É o seguinte o officio recebido pelo dr. Epitacio Pessoa: «Excmo. sr. presidente da Republica. Temos a honra de depositar em vossas mãos beneméritas as mensagens em que

as senhoras brasileiras, compadecidas da dura situação de mais de quatrocentos mil prisioneiros allemães, ainda retidos na França, supplicam neste Grande Dia a vossa valiosa intervenção junto ao chefe das nações aliadas para que sejam restituídos aos seus lares essas ultimas e desventuradas victimas da guerra.

A esta piedosa manifestação, associaram-se logo os Estados do Pará, Parahyba, Pernambuco, Bahia, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, e de todas as classes e nacionalidades, muitos corações generosos e que, como os nossos, confiam em que um gesto magnanimo do nosso preclero presidente do certo muito influirá para que se não demore esse derradeiro acto de Paz.

Os copiosos e expressivos documentos que ora vos entregamos, demonstram o sincero interesse que no paiz inteiro, desperta tão momentosa causa, bem como a imensa esperança que todos depositam na acção serena e clivivente do emérito estadista que tão alto tem levantado o nome e o prestigio de nossa Patria».



Madrigal de Arlequim

(Fragmento inédito do poema «Mascaras»)

ARLEQUIM, A COLOMBINA

E's linda, meu amor! Nessas fórmas perpassa
na cadencia do Rythmo, a leveza da Graça!
Teus braços musicaes, curvos como perfidias,
têm a graça triumphal de uma estatua de Phidias.
Não sendo inda mulher, nem sendo mais creança,
encarnas, grande e viva, a flor de liz de França.
Sóbe da anca uma curva ondulante, que chega
a teu corpo plasmarm como uma amphora grega,
e é teu vulto floral, longo, heraldico, esgalgo,
colleante como um cysne e esbelto como um galgo!

Menotti Del Picchia.

D. ANDRADINA DE ANDRADA E OLIVEIRA

Chamamos a atenção das nossas leitoras para o artigo que, subordinado ao título «A prisioneira brasileira», publicamos em nossa revista. A autora do artigo não é, por certo, desconhecida da maior parte das nossas leitoras. D. Andradina de Andrada e Oliveira é uma das mulheres mais intelectuais da nossa raça. Ella allia a um excepcional talento literário e oratório uma incançável e fadada operosidade. Tanto escreve em português como em castelhano e trata ambo os idiomas com precisão e finura.

A sua notoriedade não lhe advém sómente como escriptora, mas, igualmente, como conferencista. Em muitas das suas conferencias, tratando da mulher, do papel que ella tem de representar no Brasil e do futuro que a aguarda, tem essa illustre e notavel conferencista se referido á «Revista Feminina», aconselhando a sua publicação no seio da familia brasileira, como um elemento indispensavel para a formação da cultura da mulher. Entre os nomes de mulheres que ella cita a cada passo, com desconfiança patriótica, destaca-se o da nossa saudosa directora Virgínia de Souza Salles, louvando-lhe a acção na campanha feminista e tendo em termo da sua brilhante personalidade os mais justos, os mais entusiasticos elogios, sem esquecer o seu grande valor como jornalista, o seu espirito combativo e as suas altas virtudes.

Eu — que lá no extremo da patria, intemeratamente, ao sopro rijo do meu minuano, sob o céu cantante de minha terra gaúcha, bôa e linda, o labar o do *Feminino* desfraldei e, durante os doze melhores annos de minha juventude, combati, luctei e soff'i, ora no jornal, ora na tribuna, ora no livro, convicta da victoria da causa sacrosanta da eterna menor, da *raíza da bujiganga*, da *boneca da moda*... de longe, de bem longe, deste largo, grandioso e bello Estado de Matto Grosso, aonde vim parar na ancia de conhecer o maior paiz da America do Sul, que é o meu, que é o vosso — mandovos a minha palavra de mulher e de patriota.

Mulher e patriota tenho o direito de vos falar.

Depois que a Inglaterra, a Islandia, os Estados Unidos, o Canadá, a Allemanha, a Italia, a D.namarca, a Hollanda, a Suecia, a Noruega, a Polonia a Austria, a B.hemia, a Russia, a Hungria, a Transylvania, a Finlandia, a Bessarabia, a Australia, a Hespanha reconheceram a egualdade da mulher, com mais desassombro, a emancipar de toda a nossa penna (que si era forte parecia a penna de um homem), nós, escriptoras brasileiras, nos pozemos a dizer verdades fortes, ouvidas com respeito pelos representantes do sexo forte.

E' que está mais que provado termos melenas e idéas compridas!

Ah! Schopenhauer, como te enganaste!

Lí que ao illustre Sr. Presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessoa, foi enviada uma commovedora mensagem em nome da mulher brasileira, rogando-lhe a intercessão junto ao governo francez, em prol dos prisioneiros allemães que o odio da França retinha longe daquelle tão grande e tão infeliz patria. Sublime o gesto da mulher brasileira!

Oxalá! que a França, que é tão amada do Brasil, attenda á generosa supplica em provelto daquelles desgraçados, cujo martyrio prolongado não é compativel com a grandeza da victoriosa.

Oh! a dôr dos exilados! a saudade da Patria! Não ha mais pungitiva! não ha maior! E aquelles infelizes a curtir ainda... tragando o véi ha uma meia duzia de annos..

E justo, é humano que sejam restituídos á sua pobre patria!

E é com a alma transbordante de piedade pelos prisioneiros allemães, que os meus olhos se enchem de lagrimas pela *prisioneira brasileira*... dulcida velhinha que foi a nossa loira princeza e que tambem lá, na gloriosa França, vae morrendo de saudades... guardando, de certo, como fê-lo o seu venerando pae, um punhado de terra brasileira para o repouso da fronte agusta que trocou a corôa da imperatriz pelo resplendor de uma santa...

Ah! chegou o momento de sermos brasileiros! de amarmos o brasileiro! de matar-nos a fome ao brasileiro! de educarmos o brasileiro! a dar-lhe a saúde do corpo, a saúde da alma, a saúde do cerebro!

Chegou, sim, o momento de ouvirmos o coração brasileiro! de sentirmos a sua agonia! de enxugarmos as suas lagrimas!...

— Dizci. Quantos annos soffez Izabel de Bragança? Trinta annos? Não! Trinta seculos. Que seculos á, sisom, os annos, quando curtimos o travo da saudade do cantinho onde nascemos... Trinta suzulos, ella, a pobresinha soffre...

Desde que no horizonte se apagou a costa querida... desde que as montanhas verdes e bizarras esmaeceram

na bruma intensa...

E o Atlantico, com os seus vagalhôes escuros e as suas vagas loiras, guardou, de certo, o soluçao agonico das primeiras estrophes do seu longo poema de saudade... Pobre e delicada Princeza! que envelheceste no exilio, amando sempre a terra onde tiveste o berço, onde amaste, sonhaste e foste sempre bôa e generosa!

E' demais. E accusamos a França de reter prisioneiros de hontem, quando as suas feridas estão ainda abertas, quando ainda não seccaram os rios de sangue que correram nas suas terras fertéis e laboriosas! Oh! a nossa piedade! E levamos trinta annos indifferentes, sabendo da agustia docemente silenciosa e supremamente eloquente da nossa Redemptora, lá doutra banda do Atlantico, envelhecendo de saudade, na resignação de uma santa! Lembrae-vos, ô mulheres de meu paiz! lembrae-vos que Izabel nasceu sob o céu mais pulchroso e mais inspirador! que os seus olhos suavissimos, que delle teem a cor dos dias primaveraes e puros, se habituaram a sonhar ao fulgor do *Cruzeiro* cahido na esmeralda daquella maravilhosa Bahía de Guanabara que não tem similes em belleza!

Lembrae-vos que ella, a nossa Princeza, teve as suas scismas de moça envolta nos luars brasileiros, os luars mais brancos, e mais evocadores, e mais doces!

Lembrae-vos que o sol que vos acaricia as cabeças sonhadoras é aquelle mesmo que mais oiro lhe punha na c.belleira soberana, hoje nevada de saudades... Saudades das suas montanhas imponentes e bizarras... Saudades das suas florestas com cheiros balsamicos, mysterios e caltyas... saudades das suas arvores, das suas flores, dos gozeios dos sablãs nos flabelos verdes das palmeiras sudaciosas!

E nunca mais rever a Patria... E nunca mais contemplar o pedço formozado da terra, onde abriu os seus olhos sntos, que tantos rosarios de saudade haviam de cesatar... E não repousar a sua velhice, o seu coração cansado no seio maravilhoso da terra maravilhosa que é sua e muito amada!... Oh! supplicio intraduzivel!

Izabel de Bragança, neste momento, pranteia a morte de um filho querido, joven e bello, que morreu herôe!...

E nesta agonia tão grande, sua alma de *mater*, já tão batida pelo vendaval da desgraça, voiveu-se toda para a Patria longinqua e idolatrada.

Só a Patria poderia consolal-a na immensa dôr...

E' justo, é humano que intercedamos tambem pela nossa Prisioneira!

O' mulheres do meu paiz, juntae as vossas vozes piedosas numa supplica suprema, em torno do patritico governo brasileiro! Pedl ao grande coração de Epitacio Pessoa o regresso da sublime Irmã, a volta da excelsa Brasileira — cujo exilio é uma vergonha no momento em que o *Feminino* triumpho, e Guilhermina da Hollanda dá o mais soberbo exemplo de hospitalidade, o mais bello gesto de humanidade, que, da guerra nefanda que ensanguentou a terra — a lição sublime. O' mulheres do meu paiz, nós que somos tão misericordiosas para o estrangeiro não deixemos succumbir no exilio, no delirio da saudade, a nossa Irmã, que apagou com o seu manto de rainha a mancha negra da escuravidão que envilecia a nossa Patria de Norte e Sul!...

Matto Grosso - 1920 (Aquidauna)

Andradina de Andrada e Oliveira.

Bispo d. João Baptista Corrêa Nery

Falleceu, no dia primeiro do corrente, em Campinas, onde nasceu e onde exerceu, por mais tempo, o seu piedoso apostolado, d. João Nery, um dos mais illustres representantes do clero brasileiro. Morreu ás 5 horas e 35 minutos. Havia muito que uma tenaz e insidiosa enfermidade lhe vinha minando a preciosa existencia; sem embargo, nunca se esperou que viesse tão cedo o doloroso desfecho. A sua morte, pois, causou uma viva surpresa, enchendo de luto o coração dos que o amavam, o que quer dizer, de todos que o conheciam de perto, de todos que foram confortados pelo seu carinho e pela sua piedade e de todos, emfim, que, embora nunca tivessem privado com elle, se habituaram a amal-o arras-



tados pela fascinação de sympathia e amor collectivos que o envolviam.

E' provavel que o bispo daquella diocese tivesse adversarios, que são os adversarios da religião, mas o que é certo é que esses mesmos nunca elevaram a voz senão para louval-o, nunca se referiram á sua acção senão para engrandecel-a, nunca commentaram os seus actos senão para extrahir delles elementos que servissem de imitação e de exemplo, porque d. João Nery foi um sacerdote exemplar, de bondade extrema e de

pureza inatacavel. D. João Nery succumbiu a um collapso cardiaco por hemorragia de um tumor no figado.

Morreu aos 56 annos de idade.

Flôres de Sombra

"Flores de Sombra" é a comedia brasileira de maior exito no theatro nacional. Mereceu elogios unanimes de toda a critica, inclusive do jornal *A União*, organ catholico. O arcebispo de Marianna distinguio seu autor com nma carta autographa.

Acaba de ser posta á venda, em volume, com illustrações de J. Carlos, a linda comedia de costumes nacionaes *Flôres de Sombra*, de Claudio de Souza, que representa o maior successo theatral destes ultimos vinte annos na Scena brasileira. Basta dizer que levada á scena no Trianon, do Rio de Janeiro, alcançou ella trezentas representações, o que é digno de especial destaque. É uma peça simples, espontanea, e de elevada moral, que procura reviver o quadro de uma familia antiga.

Temos o prazer de pol-a á disposiçào de nossas leitoras, que tão pouco tem o que ler em nova literatura que não se resinta a sua moral. Enviaremos um exemplar da comedia de Claudio de Souza, que pôde ser lida por qualquer senhora ou senhosita, mediante 2\$500, e mais 500 réis para o porte e registro, que podem ser enviados em sellos ou vale postal. As pessoas que desejarem possuir esse mimo de literatura dramatica nacional, apressem-se em enviar-nos

os seus pedidos, pois que a sua edição não tardará a exgottar-se.

-0-

Transcrevemos, a seguir, o final de uma longa chronica de João Ribeiro, o mais eminente de nossos criticos, mestre acatado, e um dos membros mais notaveis da Academia Brasileira, publicada em dias do mez passado no *Imparcial*, do Rio, sobre *Flôres de Sombra*:

"*Flôres de Sombra* foi a comedia de maior exito nestes ultimos tempos.

Della disseram todos os nossos criticos, conhecedores da technica e dos mysterios do theatro. Interpretaram-na os artistas do "Trianon", reductos de arte e de bom gosto.

O exito foi extraordinario.

O dr. Claudio de Souza creou um nome de intenso brilho. Delle são varias comedias, de desigual, mas seguro merito. — «A Renuncia», e «Outomno» e «Primavera». Eu arrebato tudo». «Um homem que dá azar», e «Turbilhão».

Espritto esclarecido por primorosa educação,

grande e arguto observador dos nossos costumes, medico e homem de letras, tambem escreveu romances e novellas («Pater» e «Confissio») entretive-se em polemicas, e afinal, descobriu a vocaçào do theatro que mais a melhor condiz com o seu temperamento.

Nem todas as obras do theatro conseguem, pela leitura, a mesma impressiào que logram em scena. As «Flôres de Sombra», porém, alcançam o milagre só reservado ás obras de excepcional merito.

Vimola no theatro, como agora a lemos, com a mesma animaçào e interesse, em toda a acção simples e admiravel desse primoroso quadro de costumes.

O desenho dos typos, a sabriedade e a exaçào dos caracteres, o movimento das scenas e a vivacidade do dialogo, tudo prefaz nesta comedia um dos laverses primos do theatro brasileiro.

A opposiçào entre a severidade primitiva da regra e as vaidades mentirosas da civilizaçào achou aqui um dos melhores interpretes.

Em livro, as «Flôres de Sombra» terão certamente o mesmo exito da scena.»

CAIXA, 1391

MAPPIN STORES
SUCESOR FERRAZ FILIUS

TEL., 45, CEN.

ELEGANTES VESTIDOS DE SOIRÉE

MODELOS DE PARIS



Encantador vestido confeccionado com lino «Laméor», de fundo verde, tendo por faixa uma linda fita dourada. Sua «drapé», sob a qual aponta uma pequena parte de Georgette verde.

Os tres clichês que illustram este annuncio não têm a pretensão de representar toda a graça e belleza dos novos modelos, mesmo porque lhes faltam a vidas cores e o brilho dos tecidos

Esplendido «ensemble» conseguido a modista collocando «tulle brodé» sobre tulle «argent», em graciosas adulações, principalmente no «corsage», que é de grande estylo.

Este vestido resultou da artistica combinação de finissimas rendas e esplendido crêpe da China rosa claro, ornados com finos pingentes e galões prateados.

Não se sabe que mais devemos admittir nestas super-criações de Paris: se os raros desenhos e as cores dos finos tecidos; se a perfeição e a extrema elegancia dos linhas.

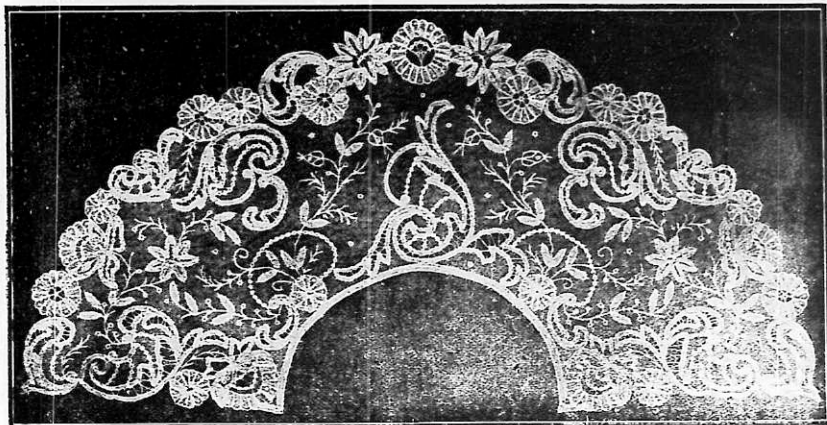
MAPPIN STORES -

Rua S. Bento, esq. Rua Direita
S. PAULO

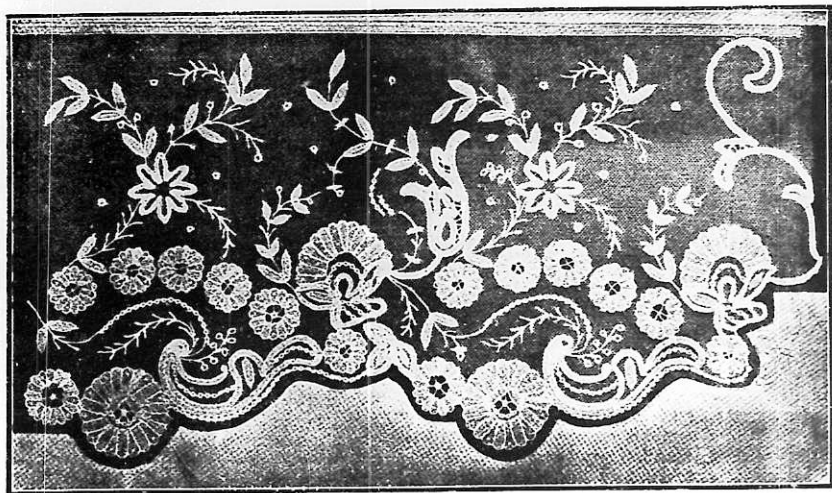
Imitação do ponto de Bruzellas

É do mesmo genero que a imitação da renda da Inglaterra, e, como se vê pelas gravuras, de uma delicadeza sem igual.

O trabalho desta renda é sómente de costura. São os preparos apropriados os mesmos que se empregam na renda de Bruges, usados de



Leque



Renda alta, altura real

Para que a semelhança seja perfeita, depende da escolha do material, cujo tecido deve ser muito delicado, pouco espesso.

acordo com o desenho.

Na escolha do material, cadarços e galões, observareis uma grande variedade, e depende

do vosso gosto adequa-las a este ou áquelle motivo do desenho. Vereis que uns são simples e servem para a base da renda, por exemplo, outras apresentam uma forma oval e são empregadas para representarem folhas; outras, finalmente, apresentam uma das ourelas com a forma de pequenos dentes e são empregadas representando desenhos na ponta da renda, e, assim por diante para formar flores maiores ou menores. Podereis ver na gola e renda larga que aqui estampamos, as diferentes adaptações desses cadarços e galões.

Encaminhando-vos para a execução do trabalho, daremos aqui algumas explicações: Em primeiro lugar, passa-se o desenho para a tela

E, para que a imitação se completa, com agulha e linha muito fina de bordar, executam-se sobre o tulle as hastes em ponto de haste ou cordonet.

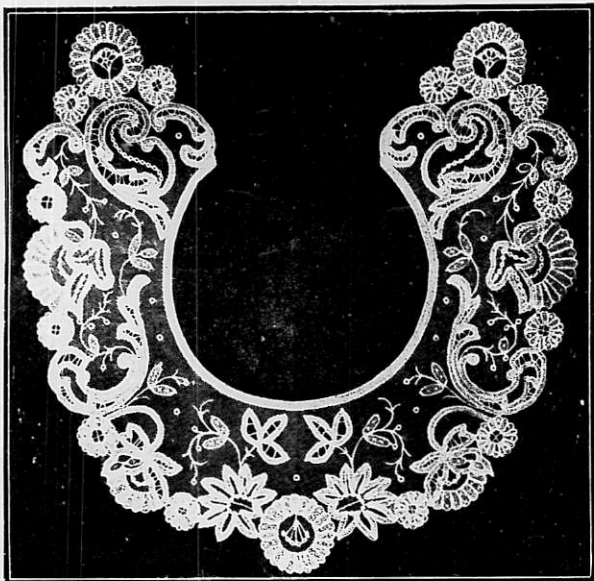
A base da renda é executada com um cadarço simples e recto.

Terminado este trabalho, corta-se com muito cuidado o tulle que excede do cadarço da ponta e base da renda.

Leque

Vemos estampado em nossas paginas um bello leque em imitação de renda de Bruxellas.

Empregareis, para a sua execução, cadarço de accordo com o desenho.

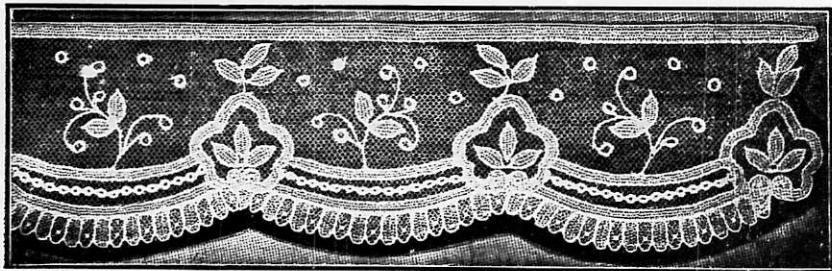


Gollinha

Enviamos o risco por 2\$000.

Gollinha

Os preparos devem ser muito finos e entro



Renda, altura 0 m. 06

de engenheiro, sobre a qual se alinhava o tulle de Bruxellas muito fino. No centro de certas flores, tira-se o tulle, que se substitue por bridas que se dispoem em forma de cruz, por exemplo.

elles devem-se incluir as bridas.

O seu desenho enviamos por 1\$500.

Renda. — largura: 0, m 06

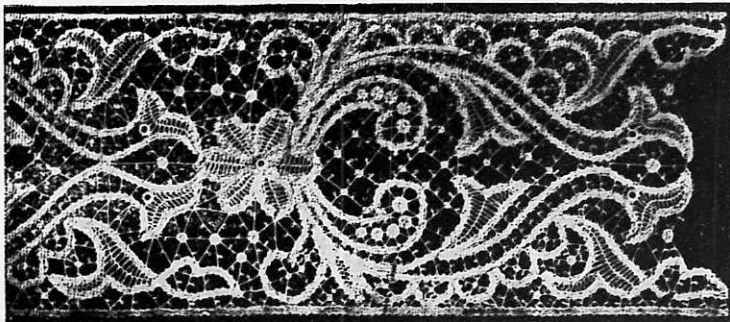
Enviamos o seu desenho por 1\$500.

Imitação de Gluny e Guipure de Puy

Ao lado das ricas e artisticas rendas, de que temos tratado, appareceram em França rendas de bilros, mais originaes, menos finas, mas que, sendo executadas de accordo com um bonito desenho, são de recente uso, e estão ao alcance de todos.

nifica, como se poderia pensar, o nome do paiz em que teve origem a renda, é um nome generico que se deu, não ha muito tempo, ás rendas ou guipures de Puy.

Para fazer com que desapareçam estas rendas e as recommendar aos amadores dos bel-

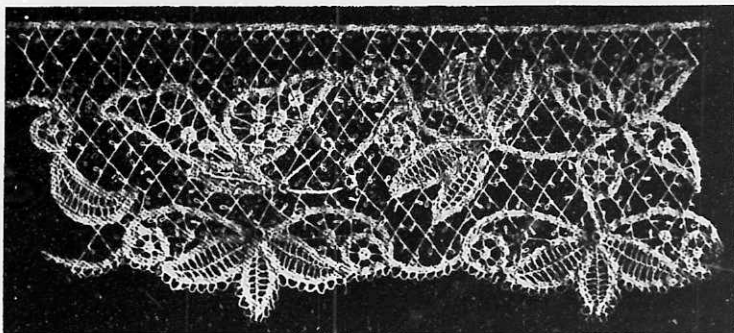


Renda. Altura, 25 centímetros

Entre ellas, citamos as rendas guipures (feitas de linho ou seda) cuja industria está localisada principalmente em Auvergne, terra infecunda e avara de seus productos. Os seus habitan-

los modelos, exhibimos aqui dois exemplares que lhes darão uma idéa do que sejam ellas.

Do museu de Cluny foram tiradas algumas amostras, que depois ficaram com o nome de



Renda. Altura, 8 centímetros

tes, isto é, as mulheres desse logar, entregam-se ao trabalho da renda, a fim de supprir, assim, o que lhes recusa a terra.

Cada região apresenta a renda com caracteristicos differentes, muito facéis para se distinguir.

Dessas rendas as mais conhecidas são: a guipure de Puy, de Mirecourt e a renda Craponne. O nome de guipure de Cluny, que não sig-

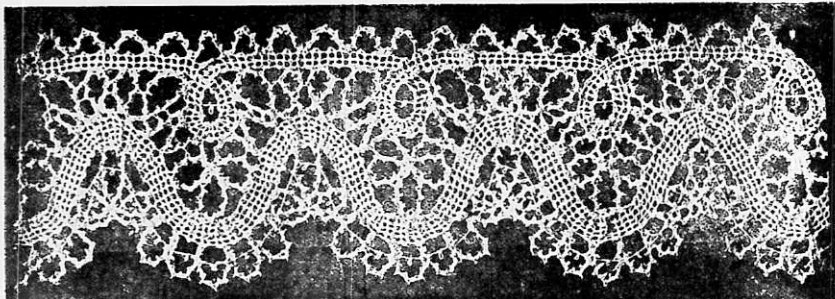
Cluny. Essas rendas não são caras; seria portanto um capricho querer imital-as, pois a verdadeira renda não ficará muito mais cara que a imitação.

Para as leitoras que quiserem experimentar a sua execução, exhibimos estes modelos dos quaes enviamos o desenho: do entre-meio por 2\$200 e da ponta por 1\$500.

A RENDA CRAPONNE

Da mesma familia das rendas que são feitas em Auvergne, é de todas a mais espessa e difere das outras pelos cadarços, cujo tecido, symetrico, se apresenta disposto em fórma de grade. Elles parecem compostos de 3 linhas parallelas recortadas por uma linha em zig-zag.

com essa linha commum que usamos, prendendo-o em todos os cadarços que se forem encontrando, sem que a costura abranja nunca a tela; como vêdes, isto, a bem dizer, é a infancia da arte e ser-vos-á facil obter um bom resultado. Observando a 1.a renda, vemos que o picot é



Renda. Altura, 12 centímetros

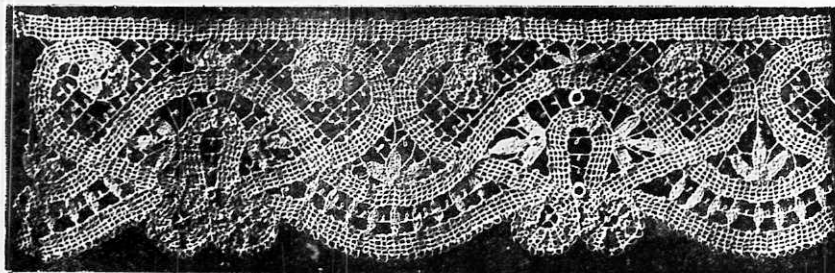
Esta renda é empregada principalmente para a guarnição de pannos de mesa, stores, brise-bises, etc.

Para a sua execução emprega-se um cadarçinho tecido que apresenta a fórma de amendoadas unidas pelas extremidades; um cadarço

disposto em torno do cadarço da ponta, formando festões que se unem uns aos outros por uma brida com picot feito à mão.

Na renda do 2.o modelo, as bridas são também executadas à mão.

A renda Craponne, como se vê, não é uma



Renda. Altura, 12 centímetros.

muito bem talhado, formado de figuras ovaes cheias e ajouradas, e 4 especies de cadarço, diferentes em larguras, cujo tecido apresenta a fórma de grades. Também se usa um picot mechanico, para algumas, que é cosido em todas as bridas marcadas, com pontinhos executados

renda fina. Sem embargo, é muito interessante e ha qualquer coisa de gracioso e suggestivo nos seus desenhos primitivos e no aspecto, um tanto ou quanto grosseiro, do seu conjuncto.

Os dois modelos que apresentamos são os mais caracteristicos do genero.

A MODA

Curiosas observações sobre as modas inconvenientes



1.ª — Novo modelo de traje casero. Negligé com aparência de vestido, em crepe de seda rosa pallido ou azul Copenhagen. Uma graciosa faixa da mesma fazenda vai passando através dos adornos de seda: flores coloridas à cintura. P'êse obter-se o mesmo effeito com crepe da China. 2.ª Graciosa toilette para chá, de crepon Georgette, azul pallido, adornado com vendas de filé e escuras mangas factuantes com enfeites de seda e flores. 3.ª — Lindo vestido beudair em "Walter-fall", espanhado em pregas soltas, em azul Copenhagen, orchidea ou rosa, todo ferrado de seda. A grande gola á marinheira fecha-se com botões cobertos da mesma fazenda.

Em nosso ultimo numero referimo-nos ás demasias que, em materia de modas, estão sendo postas em pratica em Londres e Paris, com um impudor que chega a causar assombro aos mais condescendentes. Sob pretexto de economia de tecido, as saias estreitam-se muito e encurta-

ram-se de uma fôrma escandalosa, havendo senhoras que se arriscam a sahir á rua com os joelhos á mostra, patentes á luz do dia e aos



Bella toilette em setim azul escuro, enfeitado de vidrilhos.

se vestem bem, com uma elegancia discreta e de fino gosto. Entretanto, mesmo as mais audaciosas, mesmo aquellas que



Blusa em crepe da China. Os tons preferidos são o amarello pallido e o vermelho. Muito suggestiva.

Da nossa ultima chronica até á presente, nenhuma modificação notavel se imprimiu na indumentaria feminina. São quasi os mesmos os

modelos, com uma ou outra modificação nos detalhes da toilette, que não alteram o seu effeito de conjuncto. As saias continuam a usar-se

E' notorio que em S. Paulo as senhoras de elegancia discreta e de fino gosto. Entretanto, mesmo as mais audaciosas, mesmo aquellas que habitualmente forçam o exaggero para dar a «nota», ainda se não arriscaram a encurtar a saia além do limite imposto pela decencia. Ao contrario, de um tempo a esta parte, as senhoras paulistas têm até encompridado notavelmente a saia.

Para acompanhar a moda, não é necessario que a gente adopte em absoluto as suas demasias. Nas modas, mesmo as mais exaggeradas, ha sempre um meio termo, que, sem se desviar dellas, se approxima do bom gosto. Esse gracioso meio termo é o que adoptam as nossas gentilissimas e graciosas coestadanas, e ninguem, ao que nos consta, lhes vae á mão por isso.

estretas, mais estreitas em baixo, com uma certa amplitude nas cadeiras. Para obter esse effeito, isto é, para ampliar as cadeiras, por meio de



Vestido de crepon combinado deliciosamente com ponto de seda. Adornos de contas. Modelos elegantissimos para soirée.

estretas, mais estreitas em baixo, com uma certa amplitude nas cadeiras. Para obter esse effeito, isto é, para ampliar as cadeiras, por meio de

pannejamentos ou tunicas, é preciso empregar draperies muito leves, preferindo-se sempre as de sedas flexíveis, como crepe da China, Georgette, Charmeuse, Beauté, Astarté, Jersey, etc. Além das sedas, são aconselháveis certas lãinagens, que são também muito flexíveis, como a duvetine e o drap fino. O shantung ou tussor, musseline, o foulard e o tafetá não servem para esse effeito.

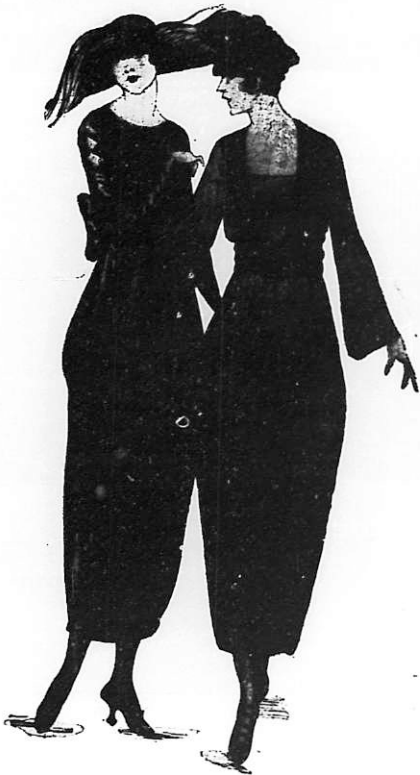
As mangas ainda se usam ora curtas, ora compridas. Verdade é que, ultimamente, um ou outro modelo appareceu, tentando lançar a moda das mangas volumosas. E' uma simples tentativa, por emquanto, mas parece-nos que não ganhará tão facilmente a adopção das damas elegantes. O que está em franco successo é a blusa cor-sage, que cobre, em parte, a saia. Tem a apparencia de uma jaqueta de sport, porque é muito ajustada ao corpo. Essa creação, que é recentissima, está destinada, cremos, a um franco exito.

Quanto aos chapéus, ainda não nos arriscamos a aconselhar ás nossas leitoras este ou aquelle modelo, porque a vontade de cada uma deve predominar na escolha. As variedades que ha são quasi infinitas, e entre ellas, justiça é reconhecer, ha algumas que são encantadoras.

Permittam-nos as nossas benevolas leitoras que mudemos de assumpto, ou melhor, que demos ao assumpto, que é o objecto principal das nossas chronicas, uma outra direcção.

Falemos agora das modas deshonestas e da campanha que, em boa hora, se iniciou na Europa, e actualmente entre nós, em prol da moralidade.

As modas, nestes ultimos tempos, têm resvalado por taes demasias, que não sabemos onde vamos parar. A proposito deste assumpto, que



1.º - Primorosamente desenhado em charmeuse, este vestido leva, sobreposta, essa pequena fraldeta, que lhe dá muita graça e originalidade. 2.º - Este modelo, precisamente interpretado em charmeuse e crepon Georgette combinados, adorna-se com contos negros.

é de actualidade palpitante e de uma extraordinaria importancia, a «Noite», do Rio, em seu numero do dia 1.º de Fevereiro, traz uma entrevista que um dos seus reporters teve com a superiora de um dos collegios mais reputados daquelle cidade.

As nossas leitoras, sobretudo as mães de familia, devem meditar sobre o que diz, com palavras repassadas de doce censura, a religiosa cujo nome se não declina:

— Espere alguns instantes, que a superiora não tarda — disse-me a religiosa, e sahio da sala como uma sombra, deixando-me a contemplar uma tela em que se via a N. S. da Conceição com



Elegantissimo tailleur de panno de Oxford. O chapéo minheto de feltro francez é indispensavel neste modelo.

se pés sobre as pontas de um crescente, perdido num selo de nuvens donde emergiam cabeças de anjinhos. Não nos illudira a religiosa, porque, corridos alguns momentos, outra deslousou pela sala e se inclinou de leve numa sruddação, ficando depois em attitude de quem se dispõe a ouvir. A irmã superiora, que era uma creatura franzisca, desmêrreca de côres e com os oculos enfumacados, inteu-se do



Encantador modelo para mocinhas de 16 a 20 annos. 'Stim-ples e original.

fim de nossa visita e, depois de ligeira pausa, recordou não lhe ficaria bem, dadas as suas condições de religiosa e de directora de algumas centenas de rapoças da nossa melhor sociedade, exteriorisar publicamente seus conceitos sobre os costumes e as modas de hoje em dia. Mas, como insistissemos, prometendo não lhe declinarmos



Gracioso modelo para passeio.

o nome, ella cedeu por fim e começou a fallar com voz muito branda, inaudível quasi, com movimentos de bocca de reso, e como se houvesse a separar-nos o ralo de um confessorio invisivel.

— A's moças e senhoras que frequentam a capella deste collegio adviute eu sempre que o façam com decencia de trajes e maneiras, senão por uma questão de piedade, ao menos pelo respeito

so praticallo, pois que é offensivo á divindade andar-se deante do tabernaculo com os braços nus, com os seios e as pernas de fóra. Tambem a certas mães de familia tenho eu ouzado arriscar alguma palavra de conselhos, mostrando-lhes que por máo caminho andam as filhas, empenhadas em seguir os progressos das modas. Mas nem sempre congoço a que deoje, e sei de mães que me respondem que eu nada tenho a vêr com isso. Nessas condições bem facil é comprehender o quanto é necessario de delicadeza e de tacto para se tratar de semelhante assumpto.

E a superiora falando sempre lentamente, ciciando quasi, foi contando cousas. Não ha muito ia sempre ao confessorio do collegio uma meça muito bonita e querida de todos, mas, infelizmente, victimo do exagero dos decotes. A superiora não teve coragem, vencida pela doçura da confessa, de lhe fazer reprovos directos, mas, ao cabo de uma série de exhibições, disse, geitosa, no locutorio, na presença de varias amigas da decotada e pia moça: «E' uma pena que Fulana, tão boazinha, se approxime da Virgem com os seios descobertos!». Ao outro dia a phrase, correndo pelo collegio inteiro, chegou aos ouvidos da ingenua descomposta, que logo se desleix em prantos, ferida pela censura da superiora, que nos disse neste ponto da narrativa:

— Fobre moça! Sofreu muito! Dias depois eu a encontrei no locutorio e, recosa de vezal, não lhe quiz olhar a blusa. Soube, porém, que o decote fóra substituido per uma renda de tecido miúdo.

Pretendia a irmã superiora, com tal facto, mostrar que não ha malicia em muitas moças amantes dos excessos de leveza e transparencia das rouppens modernas. Mas, com uma positinha de vaidade, recendo apparecer com trajes fóra da moda em certos lugares onde outras vão trajadas a rigor, espricham e requintem no exagero, sem que, no fundo, o façam per falta de piedade ou modestia. Havia algumas que elogiavam as modas indecentes sem as condemnar como tanto, mas allegando ingenuamente as suas vantagens nas épocas do calor. E a irmã superiora citou outro exemplo, o de uma moça



Toilette em selim branco. Coraço lizo enfeitado com um cinto alto enlaçado ataz. A sala é inteiramente coberta de chantilly.

muito direita e inteligente, mas contente com a moda das mangas curtas, que lhe mostrava os braços quasi até ás axilas. A superiora chamou-a ás escondidas e lhe fez vêr que aquillo offendia a Deus. E sahiam como a moça respondeu? Assim, e graciosamente: «Ora, superiora, eu uso as mangas curtas por causa do calor... Ha de vêr que em tempo refrescado eu vestirei outras blusas».

O pouso que a religiosa do conhecido collegio daqui e de Petropolis viu de relance nas raras vezes em que se a'stousa da vida de recolhimento, foi bastante a escandalisá-la. Não ha muito, indo a Paqueta, á procura de uma casa de verão, cobriu o rosto mal avizora pelas praias as moças que se banhavam em trajes que lhes mostravam todas as fórmas e a altura das pernas, do collo e dos braços. Ha tres ou quatro mezes, vindo da França, a bordo de um grande e luminoso navio de sua terra, soffreu muito, porque á noite entrevia pelas salões a «toilettes» de certas senhoras. Uma lhe appareceu certa vez sem bluss, nue da cintura para cima, tendo apenas duas fitas nos hombros.

— Ha d' ser muito bixim o preço desses vestidos, porque nelle não ha quasi fazenda — observou a superiora. Retrucou-lhe, porém, um visjante que ouviu o remoque: «Está enganada, minha irmã, porque, hoje em dia, quanto menos fazenda ha nos vestidos tanto mais elevado é o preço!»

A superiora que nos falava não condemna apenas o excesso das modas; condemna tambem a evolução dos nossos costumes. Sempre ouviu dizer que era grande falta de educação fumar-se deante de senhoras. Num passeio que fez, porém, a uma das nossas cidades de aguas, viu com espanto, ás 6 horas da manhã, no salão de um hotel, um moço que fumava junto a uma moça e se distrahia soprando-lhe a fumaça em pleno rosto. Muito se espanta a religiosa de ouvir ás 3 da madrugada o rodar de automóveis pela rua de seu collegio, e os gritos e risadas das que vão dentro, homens e mulheres. A superiora está crente que tudo aquillo são familias que vão para o Flamengo. É provavel que sim.

Não cuida ninguém, com taes impressões, que a directora do grande collegio seja um espirito sem certa comprehensão da sociedade moderna e immobilizada na recordação dos tempos antigos. Não; a irmã superiora comprehende e legitima até certo ponto a vaidade das modas. Quer, porém, que ellas sejam modas com decencia e elegancia e censura os exaggeros não só porque elles são immoraes, mas ainda porque, além de immoraes, são aestheticos. Em Paris viu coisas incríveis nesse terreno; manda-lhe porém a verdade que confesse não existirem taes demasias na parte da elevação da sociedade franceza, onde ha muitas moças e senhoras não extraviadas na trilha dos pesados de figurino, e que se vestem discreta e distintamente. Pertencem certamente a essa parte si da sociedade parisiense as trinta francezas que acabam, segundo telegrammas de hoje, de dirigir o «ultimatum» ás modistas que, por signal, se declaram promtas a abolir as mangas curtas (a saça a que se referia a superiora, nas horas calmosas, ha de maldizer taes modistas), não fazendo outro tanto com as saias e decotes porque, dizem ellas, são os maridos e mãe de familia que lhes recommendam aquellas moldes de lascivos recortes. As professoras, religiosas ou não, pouco podem contra as exaggerações de sua discipulas, por isso que nem todas lhes reconhecem autoridade para tanto. O problema moral das modas — é opinião da mystica superiora — de verá pois, ser resolvido sobretudo pelas mães de familia, decontadas deste numero, é claro, as que são as primeiras a fazer com que suas filhas soffram o contagio do escandaloso exemplo.

Em resumo: a irmã superiora condemna as modas immoraes, mas está convencida de que suas alumnas, em grande parte, usam taes modas sem malicia, e sem malicia alguma mostram os seios, os braços e as pernas. Além disto confessa a irmã superiora que nunca foi a um cinema do Rio, tarramente se a rua, o que quer dizer que vê as nossas moças no pé do altar e entre as nunas do incenso, que as tornam mais lindas.

Marinette.

CONSELHOS MEDICOS

As aguas de Carlsbad, por suas virtudes curativas, agindo directamente sobre o estomago, figado e intestino, ganharam, como era de ver, uma grande reputação. Mas nem todas as pessoas que soffrem desses orgãos têm meios bastantes para se transportar até á provincia da Bohemia, na Austría, para tirar proveito d'aquellas fontes. Para obviar esses inconveniente, o sr. Francisco Giffon, que, seja dito de passagem, é um dos mais notaveis chimicos pharmaceuticos do paiz, conseguiu um preparado, conhecido em nossas pharmacies pelo nome de «Sal de Carlsbad», que tem as mesmas propriedades therapeuticas do sal obtido por evaporação da agua dessa fonte, e, tambem, a mesma composição. Em muitos paizes da Europa, notadamente na Inglaterra e na Alemanha, se usam, de ha muito, os saes artificiaes dessa fonte e de outras, graças ao conhecimento exacto que a analyse chimica fornece da sua constituição.

Para dar uma prova do valor de tão utels e commodos agentes medicamentosos, basta advertir Nothnagel e Rossbach, professores da Universidade de Vienna e fena, recommendam o sal artificial de Carlsbad.

O «Sal de Carlsbad» obtido pelo sr. Giffon recommenda-se ainda pela sua effervescencia. Ao contacto da agua, elle desenvolve o ácido carbonico, que, quando introduzido no tubo digestivo, em solução, activa as secreções do estomago e do intestino, o que o torna agradável ao paladar.

As nossas leitoras que soffrem de affecções do estomago, figado e intestinos, como gastro-enterites, ulceras no estomago, catarrho gastrico chronico, prisão de ventre, indigestões, hepatites, ou, ainda, gota, diabetes obesidade, aconselhamos esse sal pela sua extraordinaria efficacia.

Homu homini lupus...

Tigres, leões, leopardos e pantheras,
Elephantes, pesados mastodantes,
Ichthosaurus, mamouths de antigas éras,
Pelos brenhas vagando e pelos montes;

Insectos mãos, horriveis phyloxéras,
Córvos revoando em turvos horizontes,
Hyenas, reptis terriveis, brutas feras,
Monstros do mar, negros rhinocerontes;

Ursos bravos, bizões, touros ferozes,
Lobos, chacaes, em pelotões atrozes,
As selvas reboleando em lucta insana:

Todas as feras juntas deste mundo...
São preferiveis ao labéu profundo
Da ingratição e da miséria humana!

(Luz, e Sombras, livro inedito)

Eduardo Cerqueira.

E' O QUE LHE DIGO...

Iam caminhando por uma das mais amenas e pittorescas paragens do Retiro. O bosque, o campo e o céu estavam ainda frescos, lavados pelas ultimas chuvas. Aguas, que se não viam, cantavam, baixinho, escondidas sob a folhagem.

O velho Braulio sentia-se um pouco contrariado com o encontro que teve com um velho amigo. Depois de almoçar, Braulio, satisfeito, todo optimismo, fumando o seu forte cigarro envolto em palha virgem, sahira a dar o seu passeio ligeiro. O almoço foi leve, mas elle, no recio das más digestões, usava forçador o chylo, dando uma larga volta por aquelles encantadores arredores do Retiro. Era o seu « passeio hygienico », como dizia. E quando mais desceuido ia, guda-se-lhe o Chico Thomé, que parecia disposto a não largar-o mais. Um tagarella emerito, e, o que é peor, não falava senão de si, e, o que é peor ainda, não falava senão dos seus aborrecimentos, das suas desgraças, do seu « azar ». Cuidava-se, talvez com razão, o typo mais perfeito do « calporã ».

Braulio perdeu o bom humor, começou a arrotar. Era a ameaça da indigestão, coisa que elle temia mais que tudo.

Chico falava :

— Que é que lhe parece, bom amigo? Diga com franqueza, que é que lhe parece? Depois do que lhe acabo de contar, tenho eu não tenho o direito de julgar-me o homem mais « azarado » do mundo?

Braulio, com um medo instinctivo :

— Homem, nem tanto... Verdadeiramente você exaggera. Imaginações.

Não ha duvida que você tem tido os seus dissabores, é certo que a vida não lhe sorri, mas d'ahi a julgar-se o homem mais azarado, é excesso de pessimismo. O que você deve fazer é varrer da cabeça essas idéas negras. O habito de cultivar essas idéas, de se cuidar perseguido por coisas azugas, acaba por transformal-o num obcecado. Se é que você já não está com um principio de obcecção...

— Qual historias! E' que você não sabe como sou perseguido. Ainda ha pouco, ha menos de meia hora, um minuto antes do nosso encontro, estive a ponto de alitar-me de cabeça para baixo no açude. E você que o açude é fundo.

— Isso podia fazer por sport. Sempre o conheci como um emerito nadador.

— E' verdade. Mas a minha ancia de morrer é tanta, que, ao cahir n'agua, ficaria inerte, sem me mexer.

— Ahi está uma coisa em que não creio.

— Pois pode crer. Tenho horror á vida.

— Creio, em parte...

— Pois folgo muito em tel-o encontrado. Se não fosse você, não teria resistido á tentação de alugar-me. E Chico Thomé sorriu sinistramente.

— E' o que lhe digo. O nosso encontro foi providencial. Você foi a minha taboa de salvação. Mais hoje ou mais amanhã, plá! atiro-me na agua, ou pum! dou um tiro no ouvido.

Oh! Que idéas!

— E' o que lhe digo. O facto é que os homens, como eu, querido Braulio, que fracassaram na vida, que vivem á margem da sociedade, vencidos, derrotados, espedinhados, o melhor que devem fazer é eliminar-se, supprimir-se.

— Não fale assim, homem de Deus. Levante esse animo, crie coragem, fortaleça o espirito. O Chico, com sarcasmo :

— Animo, espirito! Parolagem... Um homem como eu, que affrontou a vida a sopapos, a golpes de toda sorte e que foi vencido em cada investida, não pode ter mais animo nem espirito. Que animo quer você que me restasse? Um homem, como eu, que foi rico quatro vezes e que quatro vezes se arruinou, que se casou tres vezes e que tres vezes enviuvou! Olhe, que é demais!

— Realmente...

— Todos as dores me são familiares, todas as vicissitudes me são conhecidas, conheço todas as desgraças, provei todas as angustias, apalpei todas os espinhos...

— Lá isso é verdade. Você tragou o seu calix.

— Até ás fêzes, como se diz. Já lhe contei como uns ladrões me assaltaram a casa, na cidade, e me roubaram tudo. Mas não lhe disse que, um anno depois, se incendiou a casa. Como não a tinha no seguro, cabi de novo na miseria. Naquelle occasião, se não me matel foi por um milagre do céu. Imagine que eu estava no terrço, que era a parte mais alta do edificio, e de lá ia-me alitar para baixo. Mas agarraram-me a tempo.

— Diabo! Se estivessem descuidados...

— Antes estivessem. E' o que lhe digo, mais hoje ou mais amanhã, a coisa se fará. E' o meu destino, é a minha sina, e é tambem o meu proposito. Esse proposito não é de hoje, data já de muitos annos. Sinto uma vocação irresistivel para o suicidio, é uma idéa que me persegue desde menino.

— Sim?

— E' o que lhe digo. Ainda não tinha dez annos, e tentei envenenar-me, ingerindo uns granulos de arseni-



co. Se não me arrancam a caixinha, tinha-os comido todos.

— Porque?

— Porque fui reprovado nos exames de colégio injustamente.

— Que travessura!

— Não, não foi travessura, era a «voz» da predeterminação.

— Crê n'isso!

— Estou seguro.

— Ora deixe-se disso.

E Braulio, que sentia que a sua d'gestão se estava

seriamente perturbado, experimentou

levar a conversa para outra direcção.

— Ora deixe-se disso, repetiu. Mas veja você que casualidade, que agra-

davel casualidade encontramos hoje ao cabo de tantos annos!

— Só por casualidade é que nos tornamos a ver, porque é certo que nunca mais nos encontraremos, exclamou Chico com voz cavernosa e prophética.

— Não, homem, não pense mais nisso. Você faz falta no mundo, como toda a gente. Ninguém sobra. Todos nós somos necessários no concerto da vida.

— Mas quando o concerto se desfaz, um instrumento de menos não faz falta. E que falta vou fazer nesse concerto da vida? Digame lá!

Farto da vida, enfadado do soffrimento, enfadado de tudo, o que resta fazer é «autsentar-me», é deixar vasio o meu logar.

Braulio, nervoso, começou a pensar que seria melhor que elle, de facto, se suicidasse. Um tiro na cabeça, pum!

Seria uma providencia, contando que o deixasse em paz. Seu estomago estava positivamente embrulhado. Já sentia umas eructações muito symptomáticas, muito significativas. O almoço parecia lhe estar intacto no estomago. Entretanto, adoptando o azedume, esforçando-se por se tornar compassivo, ensaiou outro assumpto.

— Porque, meu caro Chico Thomé, não experimenta você fazer uma viagem, mudar de terra, de ambiente? Isso havia de distrahir-o, de atugentar-lhe esses pensamentos tragicos...

— Viajar! mudar de ambiente! Na semana passada, precisamente, tive de ir até á capital, para um negocio. Pois bem, ao soar o apito da partida, rescivi não embarcar. Tive a idéa infeliz de postar-me entre os trilhos, bem defronte da locomotiva. Por desgraça,

não se mexeu. Um empregado da estação, agarrando-me pelo braço, sacudiu-me, throw-me da'li, e ainda entrou a dizer-me com aspereza: «Oh! idiota! que está fazendo aqui plantado! Não vê que a machina vae partir?» Sorri. Naturalmente, que o via; pois foi por isso mesmo que me colloquei alli.

— E não foste á capital?

— Elle com desalento:

— Não. Para que?

— Para o tal negocio...

— Não valia a pena. Negocio tentado por mim é negocio fraccassado. Na minha vida tudo é fraccasso. E' o que lhe digo.

— Está bem. Mas insisto em que deve viajar. Não digo que vá á capital, mas mais além, por exemplo, até...

— O que! Viajar! E' inutil. Onde quer que eu va, o drama vae commigo. Comprehende você? O mal está em mim e não no ambiente em que vivo. Crê você que, por mudar de clima, deixe eu de pensar em matar-me? Lérias!

Está você elaborando num erro. A «coisa» está dentro de mim, no meu intimo, nos refoelhos da alma, como diz o outro. O mundo me vê indifferente ou risonho. Pura apparencia. Meu aspecto é uma mascara, atraz da qual qual ninguem suspeita o drama que se debate. Como te disse, sou indifferente a tudo. Se me contam que um homem, que era milionario, pede hoje esmola, rio; se me dizem que a um pae de familia lhe morreram seis filhos num mez, sorrio; se me falam de accidentes tragicos; sorrio; sorri da guerra europeá...

Comprehende você?

— Porém vamos a ver, exclamou Braulio, parando, renegando a hora

em que sahí a dar o seu passeio pelos arredores do Retiro e decidido a dar uma solução ao problema. Vamos a ver. Por que razão, você, que tem tanta vontade de matar-se, ainda não se matou «definitivamente»?

Chico Thomé sorriu mysterico:

— Coisas... Você não imagina como é difficil o suicidio.

— Não sei porque é difficil. Na minha opinião é o que ha de mais facil. Facilimo! Aquelle que se não mata é porque não tem vontade. A realisação depende de um gesto, de um gesto apenas, de um gesto tão facil como tomar um copo d'agua.

E' o gesto de tomar a agua, quando se lhe deitou um gramo de strichnina. E' o gesto de dar um passo de uma sacada a baixo. E' o gesto de dar ao gatilho, e em vez de atirar ao alvo, alvejar o proprio ouvido...

(Continúa no proximo numero)



em que sahí a dar o seu passeio pelos arredores do Retiro e decidido a dar uma solução ao problema. Vamos a ver. Por que razão, você, que tem tanta vontade de matar-se, ainda não se matou «definitivamente»?

Chico Thomé sorriu mysterico:

— Coisas... Você não imagina como é difficil o suicidio.

— Não sei porque é difficil. Na minha opinião é o que ha de mais facil. Facilimo! Aquelle que se não mata é porque não tem vontade. A realisação depende de um gesto, de um gesto apenas, de um gesto tão facil como tomar um copo d'agua.

E' o gesto de tomar a agua, quando se lhe deitou um gramo de strichnina. E' o gesto de dar um passo de uma sacada a baixo. E' o gesto de dar ao gatilho, e em vez de atirar ao alvo, alvejar o proprio ouvido...

(Continúa no proximo numero)

A MULHER

São verdadeiramente encantadores os esboços que o dr. José Thomaz de Mesquita deixou a propósito da mulher. O illustre presidente da Liga da Defesa e Propaganda da Religião Catholica, neste trabalho, que abaixo transcrevemos e a que deu o titulo que encimou esta pagina, foi de uma eloquencia calorosa, e é com prazer que o offerecemos ao fiao paladar das nossas leitoras:

«No principio existia Deus só. Nada mais existia no Universo antes do inicio das idades. Mas Deus era bom. O Bem é de sua natureza diffusive; a sua diffusão da bondade consiste em communicar-se, e Deus creou as intelligencias separadas e a materia do Universo. Começara o Universo a construir-se no infinito do espaço, as estrellas a scintillarem no firmamento e as erbes, como lampadarias do templo grandioso da Creação, a illuminaram a cupula magestosa dos céos... Começou dominar o supremo e temporal de todas as maravilhas da criação, Deus collocou o homem erguido no pedestal da vida e depois de lhe gravar na frente a sublime trilogia da Consciencia, da Immortalidade e do Amor, ordenou-lhe que dominasse nos seres da criação, numa palavra, que fosse rei.

Creando o Eterno este mundo de maravilhas em que vivemos, fazendo surgir de nada pela sua omnipotencia, o Cosmos, e dando um olhar para esta esfera em que peregrinamos e onde começa de bratar a vida, que se modelava em tudo que sentia o ser, Deus motivando pela lei do aperfeiçoamento progressivo, evolutivo, que imprimio a tudo, o apreccimento das espècies inferiores, cobriu de habitantes os céos, a terra e os mares.

Era um templo magnifico o panorama da criação. O azul do infinito illuminado por lampadas gigantescas suspensas no firmamento, a abobada celeste era a cupula magestosa do edificio, cheio de luz e de vida. Falta porém, o sacerdote, Deus creou o homem e gravou-lhe na frente o signal de sua origem e deus-é o dominio de toda a terra.

A ultima manifestação do poder creador de Deus, objectivava-se na criação do homem. Dominava, mas... não era bem que estivesse só, viu Deus, e é sua imagem e semelhança creou Deus também

a mulher e deu-a como companheira ao homem. Creada para as grandes manifestações da Virtude, erguida no throno da humanidade para dominar no coração humano, dotado pelo Omnipotente com o sentimento cultural do Bem, da Verdade, da Vida e do Amor, vitalizada pelas faculdades que Deus dou ao homem, mas de um modo excepcional, porquanto se pode augmentar na sua operosidade pela efficiencia dominadora do seu coração, sempre expansivo, sempre generoso, a Mulher, quando orientada pelos principios sacrosantos de justiça e do dever, é a criação mais bella do Omnipotente, a mais preciosa obra, que sahio das mãos do Creador no inicio das idades.

Foi com muita verdade e brilho que o grande Victor Hugo, comparando o homem com a mulher, escreveu: «O homem é a mais elevada das creaturas. A mulher: o sublimo das ideias. Deus fez um throno para o homem e fez um altar para a mulher. O throno exalta, o altar santifica. O homem é o cérebro; a mulher o coração. O cérebro produz luz; o coração produz amor. A luz fecunda e o amor renuncia. O homem é genio; a mulher é anjo. A aspiração do homem é a suprema gloria; a aspiração da mulher a suprema virtude. A gloria fala divina. O homem é capaz de todas os heroismos; a mulher de todos os martyrios. O heroe é nobre, a martyr é sublime. O homem é um código, a mulher um evangelho. O homem é forte pelo raciocinio; a mulher invencivel pelas lagrimas. O homem é um templo; a mulher, um sacrario. Descobrimo-nos diante do templo, ajoelhamo-nos ante o sacrario. O homem pensa; a mulher sonha. O homem é um oceano; a mulher um lago. O oceano dá a perela; o lago a poesia que deslumbra. O homem é a agua que vô; a mulher, o rouxinol que canta.



Senhoritas e meninas que fizeram parte da «Barraca amarella», durante as festas do Natal, em Alecrim, em beneficio das obras da capella local. (Esta photographia foi nos offerecida por d. Maria Lydia de Albuquerque, nossa assignante do Natal).



D. Odette Dorali, uma das nossas mais preciosas collaboradoras e da qual as letras femininas muito têm a esperar.



A encantadora menina Alinda B. Vasconcellos, de Recife, entusiastica e assidua leitora da nossa revista.



Doutora Luiza Cavalcanti, senhora fina e de alta intellectual, residente em Pernambuco.

Ver é dominar o espaço; cantar é conquistar a alma. O homem tem um pharol: a consciencia; a mulher uma estrella: a esperança. O primeiro guia, a segunda salva. O homem está collocado no fim da terra; a mulher no começo do céo.

Nos velhos tempos do Imperio romano — ha dezoito seculos — quando a fina diplomacia romana conseguia enlevar nas suas malhas douradas os povos civilizados do Oriente, em Tadmor, cidade das palmeiras, reinava Zenobia.



Na cidade de Passos, d. Blandina Mallo de Andrade, pelo encanto da sua fina espiritalidade e pela graça das suas virtudes, tem muito relevo no seu meio social.



Retrato de S. S. Papa Benedicto XV (Quadro de Alberto Bernard)



A gentil menina Estelina, de Timbubá, Pernambuco, filha de d. Anna de Jesus e sr. Augusto Cavalcanti; é uma das mais entusiasticas leitoras da nossa revista.

Fallecera Odeant. O velho Rei ao cabir-lhe da fronte empergaminhada a coroa de saphyras, vira afindir-se um colosso. O Oriente enkystava. Senhora da quasi um aje de resurreição e de vida. Era bella. O seu olhar tinha a fulgidez penetrante de um brilho oriental. Recamada de ouro e pedrarias, nobre pela virtude o altiva pela nobreza, a bella Rainha oriental quasi transformara Palmyra em Ophyr. «Tinha um coração viril» diz um escripter contemporaneo — e quando a

aquella mulher, que se impuzera pela seducção em pelante de juventude e do poder, apparecia perante as academias ou perante o povo, vestida de branco no seu carro triumphal, ou quando percorria as fileiras dos seus soldados, aprumados um a um, de cota de malha e elmo luzidio vibrando de enthusiasmo sob o olhar magnetico, dominador, daquella rainha imperiosa e bella, a alma das multidões, que não conhece peias, irrompia impetuosamente num cantic triumphal de hosannas!

Aquella mulher era adorada por uma nação inteira. Porque?

E' que Zenobia allava a uma illustração rara, um espirito generoso e bom, um coração dedicado e puro, um sentimento integro e recto.

A Rainha de Tadmor era christã. Eis a mulher!

O presente seculo é etapa de conquistas e aspirações grandiosas; Sazher de um patrimonio scientifico enorme, que tem levado milhares de annos a alterar-se pelo trabalho de mentalidades de grande envergadura moral, dispondo de meios poderosissimos para atravessar o espaço e dominar o infinito, para ligar continentes e perfurar montanhas, para desenvolver o mysterio dos mares e penetrar no fundo dos abyssos, o seculo presente precisa reconhecer a acção social da Igreja libertadora da mulher, do captivo em que vivia, com a cruz numa mão e o Evangelho na outra, com armas

sem exercicio, implantando a civilização, restituindo á mulher o seu pedestal e a sua coroa, impondo a justiça e o direito, destruindo a tyrannia e circundando a humanidade num amplexo de amor.

O christianismo salvou a mulher da dura oppressão em que estava, e espalhando por toda parte a sua moral divina, enche o mundo do calor da fé catholica e da sua verdade.

A vida da Igreja é o triumpho mais eloquente, mais grandioso que jamais sociedade alguma ha de obter na terra.

Tres seculos de peregrinação arua encheram os templos de martyres e a historia do christianismo de heroes.

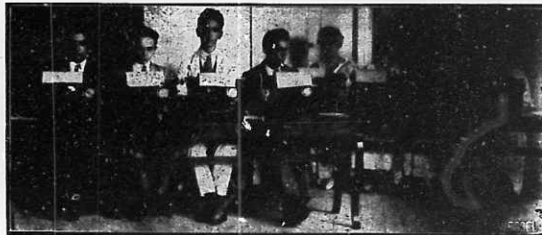
Depois de Constantino, depois de milhares de martyres attentados que perante Deus só a justiça triumphou, ainda que amedrontada pela tyrannia, a Igreja começou o seu periodo de liberdade, juntando uma estrope mais grandioso epopéa da sua vida immortal.

Passaram-se os tempos barbaros e do paganismo. No dia em que na cidade

de Calvario Christo ebrui o código da sua verdade com a phrasa: «Amai-vos uns aos outros» e seu verbo divino fecundou o mundo e através do coração da humanidade começou a circular o amor, começou a dominar a virtude.

O Omnipotente dissera:

«Fagamos para o homem um adjutorio semelhante a si, que o ame e o complete; ballo, puro e suscitador: e a mulher synthetizou e typo ideal da belleza gracil e Eva, e Esther, e Judith, e



Collegio Americano, do Recife — Algumas alumnas da aula de dactylographia.

Sara, e Suzanna, as mulheres da Bíblia, definiram-se as outrelas do velho e do oriental.

Vieram depois: Agar e a mulher de Pulpiphar e Dalila, e Bethsabé, e Jessabel, que projectaram neste espaço luminoso a escurecida do odio. Mas assim e brilho decemumal de virtude rinchillou mais!

E' por causa da belleza da mulher, diz a Bíblia, que muitos pecaram. «O olhar de uma mulher formosa, mas sem virtude, queima como fogo». (Ecdl.) E queimaram como fogo as almas de mulheres que circumstavam Abraão e José, Saão e David, Salomão e Achab.

Que de amor e sentimento ha no olhar de uma mãe, de uma esposa ou de uma irmã!

Que de amor e sentimental!

E' que indiscutivelmente a mulher é feita para a familia, como a criação para o amor; ha no sua alma o sentimento cultural do bem, como a aspiração indistincto do bello.

Foi com grande verdade que Tacito disse: «Ha na mulher qualquer cousa de divina».

Irradique-se, pois, mais e mais, na alma da mulher, a concepção christã de sua dignidade inalterável e grande. Informe-se com

o espirito que nortiam os grandes paladinos do Bem, da Justiça e do Dever, através da senda da vida.

Cria a mulher que o sacerdotio do lar lhe compete de direito e que os seus impracticáveis deveres para com a sociedade se nivelam com a pratica da virtude.

E no dia em que ella fizer tudo isto, será maior e patrimonio de paz da humanidade e ver-se-ha a mulher dominando, como senhora dos corações, a sociedade e o homem; ver-se-ha inspirada as mais levantadas iniciativas, as obras mais grandiosas do amor, as instituições mais effizes e bellas da caridade.

Neste dia a mulher será verdadeiramente segundo o dizer da Escripura «a formosa perola, que teria necessario ir buscar até os confins da terra»; se não existia mais parto; e a phrase de Ozan: «as mulheres são como os anjo da guarda, podem governar o mundo, mas ficando invisíveis como elles» terá uma objectivação palpante de realidade.

Isso será mais um triumpho para o christianismo, que apresenta é humanidade inteira a figura radiosa, sublime e suavissima de Maria, mãe do Redemptor, cujas refulgências luminosas de virtude que que se inundam nos corações das virgens, das mães e das esposas»

Os tres bonecos de Chiquito

NOSSO CONCURSO

Grande foi o numero dos candidatos ao premio do concurso por nós aberto, no nosso numero de Outubro, constando da solução de um problema para crianças.

Os pequenos leitores da «Revista Feminina», estiveram na altura da expectativa que nelles depositavamos, e foi assim que o concurso aberto foi um successo.

E' verdade que nem todos os nossos pequenos amigos acertaram. Mas como errar é coisa mais vulgar da vida, não desacorçõem por isso os nossos intelligentes e esforçados amiguinhos. Nestas paginas mesmo não lhes faltará oportunidade para se reabilitarem.

Em todo o caso, como manda a justiça prestar-se homenagem aos vencedores, publicamos abaixo a lista de todas aquellas petizes que enviaram a solução certa a esta redacção. A sorte, porém, entre esses candidatas, tocou a um, unicamente. A vida é assim mesmo. Já lá o Evangelho dizia: «Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos». A sorte, cega e imparcial, escolheu o valente petiz, Cassio Ribeiro Porto, E. Santo do Pinhal, E. de S. Paulo, e lhe entregou nas mãosinhas soffregas a palma da victoria. O premio que lhe destinamos é um exemplar de bello livro «A Nova Seiva», verdadeiro encanto para o espirito e alegria para o olhar.

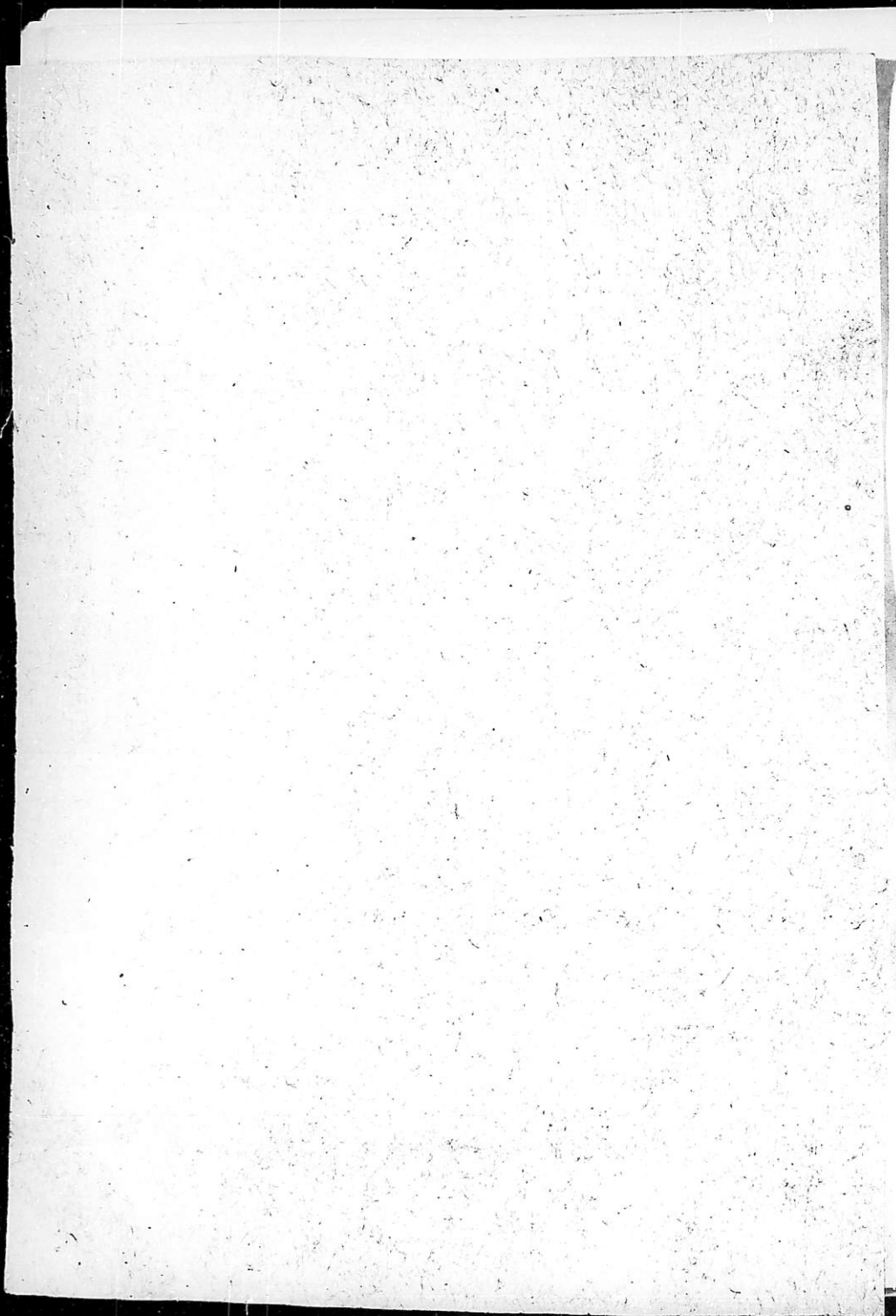
Cremos, dando um premio dessa ordem, unir o util ao agradável, pois inferimos que quem concorre em torneos do espirito, são entidades destinadas ao estudo e ao trabalho. E o mais util e bello dos trabalhos é, incontestavelmente a leitura de um livro bom e interessante.

Fica, pois, á disposição do galhardo vencedor, nesta redacção, a palma da victoria.

Vão a seguir os nomes dos demais concorrentes, cujas respostas estavam certas:

Iracema Paes Leme, S. José do Rio Preto, E. do Rio de Janeiro; Heloisa de Couto Magalhães, rua Frei Caneca, 28, capital; Anais Barbosa, rua S. Francisco, 323, Santos; Itacy Marques Silveira, Av. Tiradentes, 36, capital; Lore-dano Silva, Passo Fundo, Rio G. do Sul; Carmen Sylvia M. Camargo, Av. Parahybuna, 790, Bello Horizonte, Minas; Cecilia Gomes dos Santos, rua Martim Francisco, 24, capital; Maria de Lourdes de Paula Martins, rua Cerqueira Cezar, 68, Ribeirão Preto; Eduardo Lion, rua Arthur Prado, capital; Ibelio Flores Damante, Perdões, Est. S. Paulo; Maria da Penha Rodrigues dos Santos, Av. Brig. Luiz Antonio, 64, capital; Nisi Barbosa, Conceição Aparecida, via Movimento Sul de Minas; Paulo Arruda, Itararé, Est. de S. Paulo; Lino Gomes da Silva, rua Nova S. José, 76, capital; Octavia Fabricia da Silva, Nazareth; Maria, Esther e José Pillone, rua General Jardim, 17, capital; José Oswaldo Gurgel de Men-

donça, rua Barão de Tatuhy, 63, capital; Carlotta Vedroso de Mendonça, Villa Braz, Est. de Minas; Lucy Anderson, Villa Americana, Est. de S. Paulo; Jayme Vicente Holloway, rua M. 3 Rios, 39, capital; Maria Daniel da Silva, Villa Vicente, Jahu, Est. de S. Paulo; José Luzzi Pizante, rua Albuquerque Lins, 46-A, capital; Eurico de Carvalho, Paraty, Est. do Rio de Janeiro; Antonio Maio de Bulhões, Alagoas, Est. de Alagoas; José A. Simeão Leal, rua Nova n. 10, Areia, Est. Parahyba do Norte; Arthur Mattias, Nova Louzã, Est. S. Paulo; Alberto B. Amorim, Avenida Italia, 18, Araraquara, S. Paulo; Lazaro Baptista Pereira, Assis, Est. de S. Paulo; Nilo M. da Camara, Fazenda Ameixa, Lages, Rio G. do Norte; Iracema Pessoa, S. Miguel de Bezerros; Pernambuco; Maria José de Oliveira Braga, rua Barão S. Borja, 460, Recife, Est. de Pernambuco; Maria de Lourdes da Silva, Alagôa Grande, Est. de Parahyba do Norte; José Ortiz, rua Dr. Winther n. 11, Taubaté, Est. de S. Paulo; Isaura Pessoa S. Maior, S. Miguel de Bezerros, Pernambuco; Lucilla Martins de Almeida, Eng. Limeira, Estação Limeiro do Sul, Est. de Pernambuco; Galba de Almeida Mattos, rua Libertadora Alagoana, Maceió, Est. Alagoas; M. José dos Santos, Cercado, E. O'este de Minas, Minas; Cyra Marietta Borges, rua Benjamin Constant, 240, Porto Alegre; Yeda Socrates do Nascimento, rua General Jardim, 99, capital; Severiano Pessoa Uchôa, Alagoa Grande, Parahyba do Norte; Antonio Corrêa Gouchin, Goyana, rua do Amparo, 20, Pernambuco; Oscar Rodriguez, Campinas, Est. do Rio de Janeiro; Francisca Tarez de Souza, Pesqueira, Pernambuco; Cassio Ribeiro, Porto, E. do S. Pinhal, S. Paulo; Amelia Borges, Itapolis, S. Paulo; Antonio Oliveira, rua Carlos Vicari, 26, capital; Maria Aparecida Lambert, Itapolis, S. Paulo; Enoy Giraldes, Limeiro do Norte, Est. de Pernambuco; Nilton Cyreno Gonçalves, Ribeirão, Estado de Pernambuco; Helida de Macedo, rua Visconde Goyana, 160, Recife, Est. Pernambuco; Octavio Lara, Caçapava, E. de S. Paulo; Noemia Eiras Garcia, Largo do Arouche, 66, capital; Olga de Souza, Betucatu, S. Paulo; Francisco de Oliveira Araujo, Amazonas, Floriano Peixoto.





Geléia de damascos ou ameixa

Tomem-se damascos ou ameixa e ponham-se a cozer. Quando estiverem bem cozidos, esmaguem-se e passe-se a polpa por um tamiz muito fino.

Pesse-se a massa obtida e ponha-se numa caçarola com o mesmo peso de assucar. Colloque-se ao fogo e quando ferver duas ou tres vezes retire-se e deixe-se a esfriar em pratos fundos. No fim de dous dias a massa estará bastante endurecida para poder-se servir em pedaços empoados com assucar, ou para conserval-a num logar secco.

Ovos com molho de tomate

Quebrem-se os ovos em agua a ferver com um pouco de sal e um pouco de vinagre e, quando estiverem cozidos, tirem-se e ponham-se a secar sobre um guardanapo. Frijam-se em mantelga com pedaços de pão do tamanho do ovo e, quando estiverem dourados, ponham-se os ovos em cima e cubra-se com um molho de tomate.

Casadinhos de camarões

Toma-se uma porção de camarões cozidos, descascam-se, põem-se em um prato e temperam-se com sal, pimenta, caldo de limão e azeite; meche-se

O MENU' DE MEU MARIDO

bem e deixa-se repousar uma hora; no fim deste tempo espetam-se dois camarões em cada palito, mergulham-se em massa de vianhé e fritam-se em banha.

Filetes de peixe passado

Preparam-se os filetes e depois de terem repousado no competente tempo, tiram-se e enxugam-se e passam-se em rosca socada, mergulham-se um par um em ovos batidos, passam-se outra vez na rosca socada e fritam-se em banha quente.

Lingua de vacca afiamburada

Toma-se uma lingua salgada e põe-se de molho em agua fria por espaço de 24 horas, tendo o cuidado de durar este tempo renovar a agua 4 vezes.

Passado esse tempo, coze-se em bastante agua durante 3 ou 4 horas e, para se conhecer se está cozida, espeta-se um garfo com o que se vê se está macia; estando assim tira-se do fogo e deixa-se esfriar; depois tira-se a pelle, apara-se com uma faca bem amolada as partes ennegrecidas, passa-se em rosca socada e depois em ovos batidos e mais uma vez em

rosca socada e com as mãos endireita-se bem e frita-se numa caçarola funda e com bastante banha bem quente.

Cuscús de peixe

Fritam-se alguns peixes, ensopem-se camarões que devem ficar bem enxutos, cozem-se alguns ovos e, também, palmíto em pedaços regulares e depois de cozidos misturam-se com os camarões e frita-se linguça; depois de tudo prompto humedece-se com agua, farinha de milho muito boa e passada em penela e com as mãos aperta-se bem na vasilha em que está.

Leva-se ao fogo uma cassarola com bastante toucinho derretido e, quando estiver bem quente, deixa-se cebolla picada, muita salsa, cebolla verde, coentro, mangerona, pimenta verde, tudo em grande quantidade e muito picadinho e imediatamente despeja-se em cima da farinha e mache-se bem. O cuscuzeiro já deve estar com agua fervendo na parte de baixo, mas pouca agua; colloca-se primeiro a farinha, o peixe tirado da esplanha, alguns camarões, pedaços de palmito, linguiça, azeitonas e ovos; torna-se a deltar farinha e em cima outra camada igual á primeira de peixe etc., e assim até encher; a ultima camada deve ser da farinha, tampa-se e vae ao fogo para cozer.

JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas communicações de nossas leitoras, bem como produções literarias que não excedam de 30 linhas em prosa e de 14 em verso.

É nosso intuito desenvolver assim o gosto litterario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções litterarias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas.)

Natal na roça

Tarde amena e estiosa sob um céu rendilhado de nuvens brancas.

Barraquinhas alvas de confecção ligeira, verdes boteguins em arruados pinturescos fazem o puro encanto das aldeias onde a chamma da civilização actual, destruidora do que nos é mais caro, *extrangrando* os nossos usos, a nossa lingua, as nossas comidas e finalmente tudo que é genuinamente brasileiro, ainda não crestou a poesia sublime dos nossos costumes avoengos.

E passa e passa sempre, em santa romaria, alvica-reira e feliz, o bando alegre de roceiros fortes e robustos, com a fronte adusta pelo rigor da cantuila, que deixaram, pela noite santa, o lar socegado para essa visita meio-religiosa, meio-tradicional ao presepio da aldeia vizinha...

Vêm rindo, vêm cantando, pelas estradas floridas, lembrando-se da *viola* amiga que, mais tarde, na festa em meio, sustentará um *samba* animado...

Velhos, moços e creanças, irmanados pela mesma crença, vão chegando todos, em vestes novas, um lenço com tiosões em uma das pontas, descalços, trazendo os sapatos pendurados num cajoado no hombro ou nas mãos.

Outros, mais ricos, chegam num antediluviano *carro de bois* á guisa de cachefe.

Vem descendo, lenta e calmosa a noite erma de luar que um turbilhão de estrelas tremeluzentes sobriamente illumina...

Lanternas de mil cores e mil formas dão, a quem de longe observe, a idéa perfeita de um pedaço de céu baixado á terra, crivado de estrelas multicores.

De perto então se descortina a linda apothose em todo o seu esplendor.

A multidão apinha-se na rua promiscuamente numa franca expansão singela de almas simples e boas.

Aqui são as mulheres na venda dos bolos. O *pé de moleque*, o *alfimim*, o *beijo de moça*, o *sequilho*, a *tapioca*, o *grude*, o *escada*, o *pão doce*, o *lendario doce secco*, o *chourico*, os rosarios de castanhas e de catolés, enfim uma grande variedade da nossa *confeitaria* sertaneja.

Nos boteguins toma-se o licor, o vinho de fructas indigenas, diversas qualidades de ponches, a cidra, o celebre *cachimbo* (1) a *brinquinha* (2) bebidas essas que fazem a delicia dos nossos sertanejos.

Alli é a *Joagatina*: *gritam uns: é ponta ou cabeça? é cara ou coiza?* Outros tangem os dados ou compram bilhetes esperando tirar por sorte uma boa prenda.

Acólá é o *balhão* immemorial perpetuando as bellas e curiosas produções da alma ingenua e sincera do matuto. Tão singelos poemas de amor jamais poeta algum compoz. Quanta simplicidade e quanta inspiração e espontaneidade em versos toscos, é verdade, mas sinceros como estes:

« Sapateira moreninha,
Você não bate no chão;
Pode bater sem receio
Que bate num coração.»

« Na rampa da encruzilhada
Chora e geme a passaman;
Hei de chorar que nem ella
Se não te vi amanha.»

E assim corre animada a folia na mais franca alacridade, pela noite em fóra, até que se approxime a hora da tradicional *missa do gallo*.

Vae então se acercando o povo do adro da capelinha branca em cuja porta se improvisou um altar. O sino avisa com tres chamadas. A' ultima, já a massa compacta espera reverente o começo do acto e ouve-o com uma attenção verdadeiramente religiosa...

Depois começa a dispersão paulatinamente. E quando o sol vem dourar as campinas em flor com seus lampejos, ainda encontra roceiros meio *alegres* meio tontos de somno e dos effeitos do alcool, que ainda tartamudeiam uma toada de amor, ouvida ao pé da viola, e que bamboleando buscam a casa deserta onde vão curtir a *resaca*...

Mipibú, Dia de Natal—919,
Rio Grande do Norte.

Lylla Guedes

- (1) Aguardente com mel de abelhas.
(2) Aguardente pura.

..

UM CONCURSO

Damos hoje uma serie de questões de alto interesse para a elevação da mulher e, consequentemente, da patria, ás leitoras estudiosas. Cada leitora deve-nos mandar o seu proprio pensar, do modo o mais dignificante para si mesma e para a patria.

A' vencedora offerecemos um livro, um livro precioso, á que mais se approximar da verdade, daremos as «Cartas de Santa Thereza de Jesus», obra-prima de litteratura e religião.



ESPECIFICO da GRIPPE
EUCINA
WERNECK
FAZ ABORTAR a INFLUENZA, VENHA
OU NÃO ACOMPANHADA DE FEBRE

12. Porque e para que tenho um cerebro ?
20. Porque sou mais sensitivel e mais casta que o homem ?
30. Porque amo a paz e obedeco ás leis ?
40. Porque meu encephalo pesa menos que o do homem ?
50. O anatomista Testut ensina que, á medida que nós nos elevamos na escala zoologica, a medulla perde peso. A medulla do homem pesa de 26 a 30 grs., a da mulher de 24 a 29 grs., a do macaco pesa mais que a do homem. Quem evoluiu mais ?
60. Em que idade deve a mulher pensar em casamento ?

O concurso terminará no dia 14 de Julho, data commemorativa da queda da Bastilha.

Minaira

ALBY, (Descalvado)

Respondo com praser á sua curiosa "ênquete:"

Como sou pobre, já escolhi um meio de vida: o de professora. Preferio-o, porque tenho gosto por elle e julgo o mais necessario á sociedade. Poderei escolher outro melhor se o encontrar, e para elle mostrar aptidão, quando terminar meus estudos.

Nunca chegarei a ser rica. Enfim direi o que me dicia o coração que eu faria se o chegasse a ser.

Congrataria tanto as energias dispersas por este vasto Brasil reunindo-as em corrente poderosa que trabalhasse pela causa dos que soffrem em geral e especialmente da mulher. Das creanças e moças desamparadas, que, passando uma infancia cheia de privações e ao abandono, não se podem preparar para a vida. Trabalharia, em primeiro lugar, pela fundação de uma cooperativa feminina, sem cõr politica ou religiosa, mas que tratasse dos interesses de todos. Fundada a sociedade, teria então a abnegação de minhas consocias para assegurar-me o exito.

Fundariamos orphanatos e procuraríamos educar nossas patriciasinhas num meio de conforto e de alegria, cultivando-lhes o bom gosto, as aptidões aproveitaveis e ao mesmo tempo distanciando-as dos exaggeros da vaidade, do egoismo e da malicia, que são as bases em que assenta, com raras e honrosas excepções, a sociedade actual.

Formariamos assim, de um elemento precioso que é a creança, mas, pelo desprezo em que vive, um factor de desorganisação e aviltamento para o organismo social (está claro que me refiro aos abandonados, de ambos os sexos) uma nova geração mais industriosa, mais illustrada e educada em principios mais austeros.

E' uma phantasia pensar em tornar-me rica, imagino, porém, que as minhas gentis leitoras, e principalmente a prezada Alby, acharão muito maior a phantasia de meus planos, mas posso garantir-lhes que é muito mais difficil eu chegar a ter os meios de executar-os do que deixar de o fazer se a fortuna me bafejar um dia.

A amiga affectuosa

Polyguartina

Nordeste do Brasil.

Prezada Ignata — Rio.

Muito tenho pensado em uma sociedade de mutuo auxilio entre as brasileiras. Sua lembrança de propor a fundação de um Club Sportivo Feminino suggeriu-me a idéa de falar sobre isto, não embargo o seu plano, mas ampliando-o. A sociedade seria de protecção á mulher em todas as idades. Todas pois seriam accitias osmo socias e cada uma, creança, moça ou velha, conforme suas necessidades e os meios de que dispuzesse teria o direito de ser protegida e o dever de ser auxiliadora. Organizar-se-iam estatutos de tal modo que podessem garantir a ordem e a disciplina na sociedade. Teria por fim educar a mulher physica, moral e intellectualmente, preparando-a para galgar com dignidade e modestia um lugar de relativo destaque na sociedade. Para educal-a physicamente se tornaria uma necessidade imprescindivel a fundação de Club Sportivo Feminino. Uma associação de tal genero satisfaria a nossa mais justa aspiração: amparar a mulher que, pelas incertezas da sorte, não encontrou um palnuco que a guiasse ao posto feliz de um socegado

lar. Por esse amparo não se deve comprehender um arto ende lha dêta paz e respa para ali viver sem liberdade e sem scipis. Não! E' a possibilidade de agir tendo posição definida na sociedade, ganhando dignamente o pão de cada dia.

As amiguinhas que concordarem e em primeiro lugar a boa Ignata dêem sua opinão, depois do que explanarei o projecto como o tenho idealizado, pois o espaço não m'o permite fazer agora.

A amiga delicada

Polyguartina.

Nordeste do Brasil.

A' Natr Veigo

Sendo apreciadora forte de sua collecção artistica de «sonetos», venho concorrer hoje com um da patricia norlista Auta de Souza, porque admiro-lhe muito os pensamentos ultimos, de moça intelligente e talentosa!

AO PÉ DO TUMULO

(As meus)

Eis o descanso eterno... o doce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas;
Eis o repouso emfim... e o somno amigo
Já vem cerrar-me as palpebras cançadas.

Amarguras da terra! eu me desligo
Para sempre de vós... Almas amadas,
Que soluças por mim, eu vos bendigo,
O' almas de minh'alma abençoadas.

Quando d'aqui me for, anjos da guarda,
Quando vier a morte que não tarda
Roubar-me a vida para nunca mais...

Em pranto escrevem sobre a minha lousa:
« Longe da magua emfim no cõto repouso
Quem scifreu muito e quem amou demais. »

Bonito soneto não acham?

Apatiti

(Rio Grande do Norte)

Respondendo a uma amiguinha Sertaneja

A principal felicidade consiste em desejarmos pouco e nos julgarmos realmente mais felizes do que aquellos que soffrem o que não soffremos. Geralmente vemos a felicidade a-lheia com o microscopio emquanto que a nossa com escamas nos olhos.

Tenho a accrescentar que, sem a consciencia tranquilla, não pode haver felicidade e essa tranquillidade só nos pode dar a virtude, que é o reflexo da verdadeira moral christã.

Para mim a maior felicidade seria executar o plano que serve de quesito da amiguinha Alby, gosando a paz e o socego do meu lar. A amiguinha affectuosa

Polyguartina.

Nordeste do Brasil.

É perigoso
descuidar-se de


TOSES

BRONCHITES

e demais affecções
do peito ou dos pul-
mões por mais ligei-
ras que pareçam.
Muitos casos de tísica
começam assim.
É economico tratar-se
imediatamente des-
ses males com o mel-
hor medicamento, a

Emulsão de Scott

(de Puro Oleo de
Fígado de
Bacalhão com
Hypophosphitos)



Hygiene da Infancia

MODO DE DESMAMAR AS CRIANÇAS

Não se pôde determinar ao certo a idade propria para desmamar crianças; depende do estado de sua saúde, e das circunstancias da dentição. As que teem um anno de idade, de ordinario contam já quatro dentes, dormem menos, supparam, ao collo largos passivos, e tudo mostra que o leite materno lhes vai sendo desnecessario, e improprio por menos activo e substancial.

Regularmente é dos doze aos dezesseis mezes que se devem desmamar as crianças, excepto no caso de doença; mais cedo pôde produzir indisposições graves e até o marasmo.

Quando as crianças soffrem muito com a dentição, é preciso aproveitar um intervallo de saúde para então as desmamar. Em geral a occasião mais opportuna para isso é no intervallo entre os quatro primeiros quizizes e a saída das presas.

Costando então doze dentes, as crianças mais fortalecidas fazem melhores digestões, porque já podem mastigar, e a saliva é mais copiosa.

O desmamar cedo de mais expõe as crianças ao perigo de uma alimentação desproporcionada com as forças do estomago; e tarde de mais prolonga a época da infancia e atrasa o desenvolvimento physico.

As crianças devem ser desmamadas pouco a pouco, e não de repente como geralmente se usa; é vantajoso para ellas e para as mães. Habitando as crianças a pouco a pouco a mudança de alimento escapam a uma doença a que se chama *saúde de mama*, que as torna a tal ponto doentes que é necessario dar-lhes outra vez de mamar. Quando porém estiverem já habituadas á comida então não ha inconveniente em as desmamar, havendo até alguma que nunca mais se lembram da mama.

É indifferente desmamar as crianças numa ou noutra estação, se são fortes e saudas; mas não havendo muita differença de tempo é conveniente não desmamar no inverno, em razão de as noites serem grandes e frias.

Pouco trabalho e cheio de cuidados será o desmamar das crianças, uma vez que se hejam cumprido os preceitos hygienicos que ficam aconselhados, e que, além disso, se observem as regras que vamos indicar.

Principia-se a dar á criança uma vez menos de mamar de que se lhe dava antes. A mãe escolhe-lhe a hora que mais lhe convier para isso, e assim continuará por espaço de cinco ou seis dias e diminuindo successivamente a mama poderá a criança estar inteiramente desmamada em pouco tempo. Algumas crianças contudo não largam o peito, e toizam em continuar a mamar; nesse caso é preciso pôr á rede dos bicos dos peitos alguma coisa amarga ou repu-

gnante á vista, mas que não seja acida; para isso basta usar da quina ou da gasciana em pó misturada com alguma agua, ou das barras do café. A comida que se van substituindo á mama, deve ser simples e delicada, em proporção do leite, que se fór diminuindo. Começa-se por dar sopas farridas feitas com bom pão, lige e amassar, ao principio uma vez ao dia, depois duas. Logo que a criança mame menos e possa ter tres comidas ao dia, uma será de sopas de caldo de carne fraca. Desmamada a criança eis aqui o modo de a alimentar.

Para ennegrecer os cabellos

Ha innumeradas receitas para dar a côr preta aos cabellos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são á base de alívato de prata, de suez de chumbo, de cobre, do cobalto e até— parece incrível!— cianuro de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pôde envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas *progressivas* todas á base de nitrato de prata, cuja absorção dá lugar a uma intoxicação lenta, que termina por um cancro do fígado ou por uma arterio-sclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As unicas formulas mais inoffensivas são o *Henné* verdadeiro para dar aos cabellos a côr loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tingue desde o castanho até um bello negro lazante e vivo, que illude a pessoa mais esperta.

É preciso não confundir e venderem *Henné*— que é um arbusto vegetal que vem do Oriente e que não crece á venda no Brazil —com diversas tinturas que se encontram á venda no mesmo commercio, á base de suez de prata e de chumbo e com o rotulo de *Henné*. A pedido de diversas leitoras nós estavamos fazendo esforços para impedir do Oriente o verdadeiro *Henné*— para as loiras e castanhas— mas a guerra veio annullar os nossos esforços. A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os srs. John Ruggent & Comp. fizessem vir da Europa e as nossas leitoras que desejarem fazer desaparecer os seus cabellos brancos, poderão servir de intermediarias enviando-lhes a *Petalina*, que não temos duvida em recomendar. Com a *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavar-se a cabeça em seguida e pôr brillantina ou qualquer outro aos cabellos. É sufficiente uma applicação por vez e cada tubo da *Petalina* pôde dar para um anno ou mais pois é concentrada e vai acompanhada de um prospecto explicativo. Basta enviar a importancia de dez mil e quinhentes réis e o endereço á *Revista Feminina* — Praça Antonio Prado — São Paulo.

EXPEDIENTE da Revista Feminina

Fundada por VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: AVELINA DE SOUZA SALLES

Redacção: PRAÇA ANTONIO PRADO (Palasete Bricolas) 2o andar salas 1 - 3 e 5 — Telephone n. 5661 - Central

Correspondencia: Toda correspondencia sobre assumptos femininos e economicos de trabalho, etc., deve ser dirigida á secretaria AVELINA DE SOUZA SALLES. Toda correspondencia relativa á administração da Revista, pedidos de assignaturas, emissão de vales postaes etc., deve ser endereçada ao director JOAO SALLES.

ASSIGNATURA ANNUAL 15\$000.
Assignatura annual com registo 20\$000
Assignatura para o estrangeiro 30\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mes, terminando um anno depois, no mes correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas de uma só vez, terá uma assignatura gratis.

Avizamos as senhoras assignatas cujas assignaturas terminam neste mes, que devem mandar reformular-as quanto antes, evitando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

SUCCURSAES:

RECIFE: a cargo do Sr. João Uchoa, rua Martins Junior, 91 com poderes especificas para representar a Revista, angariar assignaturas, contractar annuncios, publicações photographicas, reportagens etc., com jurisdicção nos Estados de Pernambuco, Alagoas e Parahyba.
RIO GRANDE DO NORTE: a cargo do Sr. José Gomes, em Natal á rua Dr. Benedita N. 27, sobrado, com poderes especificos para representar a Revista, angariar assignaturas, contractar annuncios, publicações, etc., etc.
RIO GRANDE DO SUL: a cargo dos Srs. Fernandes da Cunha Junior & Filho, em Porto Alegre, rua Voluntarios da Patria n. 383, com poderes especificos para representar a Revista, angariar assignaturas, contractar annuncios, publicações, etc., etc.

AGENCIAS:

Para angariar assignaturas e venda avulsa:
Estado de Ceará — Fortaleza — Luiz Severiano Ribeiro
» de São Catharina — Florianopolis — Gil Amadeu Beck
» de S. Paulo — Campinas — P. Gonard
» de S. Paulo — Ribeirão Preto — José Selles
» de Mato Grosso — Corumbá — João Antonio Esteves
Rio de Janeiro — Braz Luria — rua Gonçalves Dias, 78
Est. de Minas — Bello Horizonte — Giacomo Allouet & Irmão
Est. de Pará — Capital — Ag. Martins — Trav. Campos Sales, 15
» de Amazonas — Manaus — Jm. F. Ceucelillo — Henr. Dias, 23
» de Paraná — Curitiba — J. Constantino & C. — rua 15 Nov. 66
» de Bahia — Capital — Livraria Cattilina — Stos. Dament 6
Niteroiy — Caudida Duarte Ribeiro — rua Vis. de Sepetiba, 333
Maranhão — Capital — Casey Abreu de Araujo — rua Sun' Anna, 88
» Cedó — Mns. Dr. Rosmino Araujo

Avizamos aos nossos dignos assignantes de Recife, Parahyba e Alagoas que as suas reclamações devem ser dirigidas ao Sr. João Uchoa, Director da Succursal em Recife, á rua Martins Junior 91.

A Direcção.

ENTRE DUAS ALMAS

(Continuação do numero anterior)

— Oh! sempre que ella queira! Será absolutamente livre para ir onde quizer! respondeu o senhor de Ghiliac, que nesse momento, todo curvado se despedia da sogra.

Enquanto o marido fazia as ultimas despedidas á sua nova familia, Valdez se dirigiu para o vestibulo. Dir-se-lhe que estava agora com muita pressa de se vér longe dos Altos-Pinheiros.

— Eu rogarei á Virgem por ti, minha filha! Creio que nem sempre te será tudo delicias no teu novo lar!

Era Christiana que, de pé, no vestibulo, pronunçava estas palavras, num tom prophetic.

Valdez pendurou-se-lhe do pescoço, beijando as faces pergaminhadas da velha.

— Até á volta, Christiana! Sim, reza pela tua Valdez! E deus-se pressa em ganhar o pateo, pois, agora, afogavam-na os singultos.

Num quarto de hora, a seléa que conduzia o marquez de Ghiliac e sua esposa chegou ao pequeno embarcadouro da estação. Ao mesmo tempo, partiam a senhora de Ghiliac, que se dirigia para a Cannes, os Trollens, o senhor d'Essil e o príncipe Sterkine, que seguiam para Paris.

Elias accomodou Valdez no carro especial, que os esperava, e, tendo-se informado de que nada faltava á sua esposa, poz-se a abrir a correspondencia que acabava de lhe ser entregue pelo seu criado particular. A moça pôde, então, dar livre curso ás suas lagrimas, silenciosamente, com a fronte apolada á vidraça, vendo desaparecer, com os recortes de suas caras montanhas, o seu passado de donzella, muitas vezes áspero, mas lenificado pela ternura das irmãs e dos irmãos.

E agora, ali estava sob a autoridade daquelle que, para ella, nunca passaria de um estranho.

X

Pela estrada larga e bem tratada, que vae da estação de Vrinieres ao Castello de Arnellas, deslisava macio o automovel do senhor de Ghiliac. Valdez, um tanto côrada, contemplava de olhos vagos a encantadora paisagem. A seu lado o marquez indicava-lhe alguns pontos de mais attenção. O dia estava claro, sereno, e o ar puro entrava pelas portinholas, cujas vidraças Elias baixara, a pedido de valdez, a quem desagradava o exquisito perfume de que se achava impregnado o interior da carruagem.

O senhor de Ghiliac mostrava-se de uma irreprehenhivel correcção: livrava para Valdez todas as attentões cortezes que um homem bem educado tem com uma mulher. Comprara-lhe, durante a viagem, alguns jornaes e revistas; conversava sobre os lugares que atravessavam, que todos elle os conhecia, e, ao chegarem a Paris, onde deviam demorar um dia antes que partissem para Arnellas, perguntara-lhe si desejava permanecer ali mais algum tempo, — tudo isso, porém, com uma pallida reserva, uma perfeita indifferença, que bem arguiam as relações que deveriam existir entre ambos.

Recusou Valdez o offerecimento do marido. Que lhe importava a ella essa Paris? O que ella queria era entrar, quanto antes, em Arnellas, atirar-se á corveia que lhe assignalara o senhor marquez de Ghiliac, ver-se finalmente só, — só, deante de sua nova existencia e deante da tarefa, talvez consoladora, que lhe estava reservada por essa orphãzinha que a esperava.

Albuquerque por uma fadiga mais moral que physica, passou o dia no palacete de Ghiliac, nos aposentos que haviam sido os da primeira marquez. Sem embargo do tempo, relativamente curto, do noivado, Elias havia os transformado completamente, com esse cunho de luxo, a um tempo, sóbrio e magnifico, que sempre possuira. E Valdez, que sómente conhecera em toda a sua vida os Altos-Pinheiros ou as casas relativamente modestas

dos amigos da familia, sentia-se estranhamente constrangida em melos do requinte desse luxo, e dos esmeros inauditos de um servico, em que se occupava um exercito de famulos admiravelmente adestrados.

Tinha visto o marido sómente ás refeições, feitas ambas de dois. Com outro, que não o marquez de Ghiliac, esses momentos deveriam ser que farte molestos. Elle porém, tinha em verdade, uma arte incomparavel para sahir-se gaihardamente das mais incommodas situações, mercê de uma conversação sempre interessante, e todavia indifferente, de uma cortezia que não transpassava nunca os limites da mais extrema reserva. De resto, nem uma allusão sequer ao que se passara na vespera, o que, para elle, evidentemente cifrava em que a questão estava definitivamente liquidada.

... O automovel, deixando a estrada, enfiava por uma soberba allameda, margeada de centenarios olmos. E, subito, o senhor de Ghiliac:

— Eis Arnellas, Valdez.

Além, de vasta clareira, erguia-se um portão magnifico, encimado pelas armas dos Royeyers. Ao olhar deslumbrado de Valdez, transposto o immenso pateo senhorial, deparou-se uma admiravel construcção da Renascença, cujos silhares de uma das faces lateraes se reflectiam num lago azulado.

— Então, agrada-lhe? perguntou Elias que a examinava com discreta attenção.

— Magnifico! As descripções que o sr. me fez, ficaram muito aquem da verdade.

— Tanto melhor. Pois muito sentiria se lhe causasse uma desillusão, disse elle, nesse tom entre serio e ironico, que deixava sempre os seus interlocutores perplexos quanto aos seus verdadeiros sentimentos.

Subiram, d'apar um do outro, os degraus da grande escadaria, um cujo topo se perfilavam dois creados, trazendo a librê dos Ghiliacs; entraram o vestibulo, cujo real esplendor fez que Valdez, cerraesse por um instante os olhos, deslumbrada. Que faria ella nesse palacio mais que principesco? Oh! como estavam longe e com que saudade! — os seus Altos-Pinheiros, o seu pesado labor quotidiano, os seus graves mas queridos deveres para com a mãe e os irmãos!

— Antonio, vá dizer á menina Guilhermina que a estamos esperando no salão branco. Diga tambem que os sirvam immediatamente o chá, ordenou Ghiliac.

Em seguida, foi guiando Valdez pelos varios salões, cuja esplendida e artistica magnificencia a moça, mais e mais deslumbrada, apenas confusamente distinguia. Afinal, introduzuiu-a numa saleta, forrada de seda branca bordada de grandes flores de tons delicados, e ornadas de moveis deslumbrantes, objectos de arte de um gosto tão extremado, e de uma tão perfeita belleza, que Valdez confessava a si mesma que nunca jamais sonhara pudesse existir coisa igual.

— Si esta sala lhe agrada, a senhora poderá fazer della o seu salão particular, disse Elias ajudando Valdez a despir o casaco. Até hoje, posto que uma das mais lindas do castello, ella tem sido sempre evitada como uma desgraça. Minha mãe e Fernanda nunca a puderam supportar. Disiam que estas tapeçarias brancas lhe eram absolutamente desfavoraveis á cutis. Mas talvez que a menina seja exempta de similhantes fraquezas...

A moça confirmou com tranquilla frieza:

— De feito, eu nunca tive tempo nem, sequer, a idéa de occupar-me de similhantes questões.

— Pois, congratulo-me por tão alta sabedoria! Mas não terá receio de que lhe appareça o espectro da duquesa Claudia?

— Quem é essa duquesa Claudia? perguntou Valdez, aproximando-se do fogão para expôr as mãos geladas ao calor da chama que se elevava no lar, sem embargo da temperatura agradável mantida pelos caloríferos.

— Foi uma das minhas avós, antiga castella de Arnellas. Bella, intelligente, energica sob apparencia deli-

cada, era a alma do partido da Liga, do qual seu marido era o chefe. Realizaram-se aqui festas magnificas, da qual era rainha incontestada a bella duqueza Claudia. Entre os convidados, salientava-se uma jovem feia e tanto ou quanto disforme, mas vestido-se faustosamente, era a prima da duqueza Francisca d'Etigny. Não se sabe por que aberração, alimentava ella, havia muito tempo, a esperança de esposar o duque Elias, um dos mais bellos senhores de França. Dahi, um ciume feroz que essa alma moíña e tórva votava á duqueza Claudia, — ciume, aliás, habilmente dissimulado. Um dia, Claudia, desappareceu. Procuraram-na muito tempo; o marido, inconsolavel, prometteu uma fortuna a quem descobrisse o paradeiro ou a sorte que levará a sua amada esposa. Entretanto, ninguém vira a duqueza ausentar-se do palacio; os homens de armas juravam, á uma, não terem desapparecido um instante os seus postos. E, demais, por que desertaria voluntariamente o lar essa moça, tão feliz, tão amada, christã fervorosa, esposa e mãe tão ternamente dedicada? Ordenou o duque Elias esquadrassem o lago, as masmorras, restos da antiga cidade, sobre a qual se construiu o actual palacio. Pesquisaram tudo, revolveram tudo, e a joven duqueza não appareceu. Elias de Versanges, louco de desespero, disse adeus ao mundo, vivendo só para a sua dôr. Pouco a pouco, foi-se-lhe transtornando o cerebro: afirmava que a mulher não deixara o castello, mas que gemia, encerrada em algum esconderito desconhecido, chamando-o em seu soccorro. De mais disso, afirmava uma das camareiras ter visto a senhora apparecer, nolte velha, trajando ainda o vestido de brocado de prata que trazia no dia em que desapparecera. Era nesta saleta que ella passava o mais do tempo, e outras vezes, na galeria aqui ao lado...

E abriu uma porta. Valderez, ao approximar-se, soluou um — oh? — de puro admirada.
— ... Esta galeria é uma das maravilhas do Renascimento e contém verdadeiros thesouros de arte. Foi decorada consoante as ordens de Francisco de Versanges, que mandou concluir o castello começado pelo pai. Esse duque Francisco era um homem dure, cruel, que passava, dizem, por magico. Realmente, parece que possuia um notavel talento para fazer desapparecer os que o incommodavam, sem que se pudesse saber o fim que levavam taes pessoas.

Valderez deu alguns passos pela mysteriosa galeria, frouxamente illuminada pela luz pallida coada através de riquissimos vitraes, e parou diante do retrato de uma joven, extraordinariamente bella, num sumptuoso costume do seculo desesseis, constellado de joias. Ao lado, sob um fundo escuro, erguia-se a imagem de um joven senhor, de gesto orgulhoso, cuja physionomia se assimilhava um pouco a do senhor de Ghiliac.

— A bella duqueza Claudia e o duque Elias, disse o marquez, designando-os.

— E que foi feito desse pobre duque? perguntou Valderez.

Ghiliac esboçou um sorriso encarninho.
— Pois bem! esse viuvo inconsolavel acabou por desposar muito simplesmente Francisca d'Etigny, que chorara com elle cercando-o, bem como ás crianças, dos mais desvelados carinhos. Alguns meses depois, morria envenenado o filho mais velho. Mas, dessa vez, a joven duqueza, tendo procedido descauteiosamente, viu-se trahida por uma criada de sua confiança. Attribuiram-lhe, para logo, e não sem razão, o estranho desapparecimento da prima. Vendo-se descoberta, ella se precipitou no lago, de modo que nunca ninguém soube o que fôra feito da duqueza Claudia. O duque Elias, esse, depois de todas essas desgraças, deu completamente em doido, espedaçando a cabeça de encontro a esta chaminé de marmore. Como vê Arnellas encerra em si mui tragicas recordações... Depois disto, não se entrará a menina de terrores do phantasma de bella Claudia ou do de Francisca, a maldita, que paira ás vezes por sobre o lago?

— Oh, não! Nós tambem temos dessas lendas, e mais terríveis ainda, lá nos Altos-Pinheiros. Mas, nem por isso, me deixei nunca tomar desses terrores.

— E' uma prova de que a menina tem os nervos bem equilibrados. Tanto melhor! exclamou Elias, num tom indifferente.

Voltaram á saleta. Ahi, deparou-se-lhes, de pé, uma menina, franzina, cujas madeixas castanhas lhe enmoluravam o rostozinho doente, mas illuminado pelo fulgor de uns soberbos olhos azues, posto que tímidos e tristes.

— Ah! és tu, Guilhermina? exclamou um tom secco, o senhor de Ghiliac. Anda cá, vem cumprimentar a tua mãe.

Mas, Valderez já se tinha precipitado para a criança, tomando-a nos braços e beijando-a na testa.

— Minha Guilherminazinha! Que prazer em conhecer-te! Dá cá um beijo, querida!

A criança, com os grandes olhos surpresos e medrosos, contemplou-a por um momento, pousando depois timidamente os labios pallidos na face da moça.

O coração alanceado de Valderez dilatou-se-lhe no peito, ao pensar na bella tarefa que a aguardava ao pé daquelle criança sem mãe.

Depô-la em terra, e, tomando-lhe a mãozinha, dirigiu-se ao marquez, que ficara de pé junto ao fogão.

— E' muito gentil a sua Guilherminazinha. Hei de amá-la com todo o coração... Mas, que é o que se diz a papai, minha flor?

Guilhermina ergueu os olhos para o senhor de Ghiliac, e Valderez pôde notar nesse olhar da criança uma expressão, a um tempo, tímida e terna que muito a commoveu.

— Bom dia, papai! disse a criança, numa voz medrosa e infantil.

Elle acariçou com a mão distraída as madeixas da criança, e respondeu, displícite:

— Bom dia, Guilhermina. Quero que sejas sempre muito obediente para a tua mamã, ouviste? Agora, podes ir para onde está a tua mestra.

O copeiro entrou, trazendo o chá. Valderez perguntou timidamente:

— Consente que Guilhermina se demore um pouco mais?

— Pois não! assentiu o pai, indifferente. Em quanto Valderez descalçava as luvas, Elias, tendo despedido o criado, dirigiu-se á esposa:

— Si não está fatigada, quer ter a bondade de nos servir o chá?...

Não, não estava fatigada physicamente, moralmente era enorme o seu cansaço. Pesava-lhe sobre-maneira a atmosfera desse palacio! E como desejava a pobre moça ver-se longe desse grão senhor, cuja impeccavel cortezia se lhe antolhara antes uma pungente ironia!

Serviu pois o chá, tentando fazer falar a criança. Mas foi debalde; Guilhermina parecia quasi muda.

Ghiliac, sentado em frente de Valderez, passeava em derredor o olhar distraído, que, por vezes, cahia sobre a mulher e a filha. Valderez pôde então observar o quanto elle se sentia bem, ali, naquella decoração de um luxo aristocratico, em meio do qual, pensava ella, devia produzir um effeito singular o costume de viagem, muito simples, da nova marquez e a sua rusticidade.

— Deixe essa tolinha, Valderez! disse elle, afinal, um tanto contrariado. Não conseguirá arrancar-lhe ditas palavras, em minha presença. E' um verdadeiro bicho do mato!

Dizendo e fazendo, levantou-se, indo collocar a chávena sobre a mesinha do chá.

— Dá-me a honra de que eu lhe mostre os seus aposentos? Porque tenho de occupar-me em seguida com a minha correspondencia, que se acha muito atrasada.

Valderez aquiesceu promptamente, e, dando a mão a Guilhermina, acompanhou-o até o primeiro andar. Si não se achasse conturbada por tão dolorosos cuidados,

KOLA SOEL — Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago, Util no crescimento das creanças.

teria certamente cahido em êxtase deante da escada. — Uma das principaes maravilhas desse solar, que as tinham tantas! — como tambem ao se lhe depararem os aposentos que lhe eram destinados, os mais ricos do castello, assim pela deliciosa vista que se descolhava dos balcões, como pela delicada e artistica magnificencia de sua decoração.

— Eram estes os aposentos da bella duqueza Claudia, disse Ghiliac. Veja, aqui estão enlaçados os dois O C tanto nos moveis como no tecto: Recordam-lhe a divisa «*Candidior candidis*», mais branco que as coisas mais brancas, — que foi tambem a da meiga rainha Claudia de França, madrinha de sua mãe, cuja lembrança ficou sempre venerada na familia.

— Era impossivel ser mais cartéz, e distarçar mais elegantemente um egoismo absoluto.

Quando Elias se retirou, Valdez reitou as tentativas para fazer falar Guilhermina, e, desta vez, a lingua da criança se desenvencilhou um pouco. Bem razão tinha o senhor de Ghiliac em pretender que era a sua presenca o que intimidava sobre posse a criança.

— Porque não dizes nada ao teu papai, minha flor? perguntou-lhe Valdez.

Os labios de Guilhermina tremeram nervosamente. — O papai não gosta de mim! murmurou, com ar tão triste, que Valdez sentiu confranger-se-lhe o coração.

Chamou a si a criança e assentou-a nos joelhos, enlaçando-a com os braços.

— Porque dizes isso, meu amor?

— Oh! eu o sinto! Primeiro, foi Frida quem me disse...

— Quem é Frida?

— É a governante austriaca. E depois, eu vejo que os outros pais não são como ella. O tio Carlos beija a todo o instante as filhinhas, o senhor d'Oubignies passava de carro com Caetana e Henriqueta, e nunca franze as sobrancelhas quando as vê entrar, ou quando as encontra no parque... Oh! eu bem sei que o papai não gosta nada de mim! repetiu ella com um fundo suspiro.

— E tu, querida, gostas delle?

A criança não respondeu, mas declinando a fronte sobre o hombro de Valdez, entrou a soluçar. Quando se sentiu mais calma, a moça pôde perceber, através de algumas phrases soltas, o quanto soffria essa almazinha, entregue a mercenarias mais ou menos dedicadas, não tendo que esperar, por parte da avó, mundana e fria, si não um affecto muito superficial, e da parte do pai, uma indifferença completa, — e, com tudo, tendo no coração, por esse pai quasi desconhecido, uma ternura ardente e concentrada que se tornava tímida e medrosa mercê da glacial e indifferente apathia do senhor de Ghiliac.

«Pobre filhinha, terás em mim o que te falta: um coração de mãe!» dizia entre si Valdez, cerrando nos braços a criança.

XI

O senhor de Ghiliac demorou-se ainda oito dias em Arnellas. Entretenidos, mostrou a Valdez todo o castello, os jardins e o parque, em todos os seus pormenores; deu com ella alguns passeios, fizeram algumas visitas, naturalmente poucas, nessa época do anno, que fizera emigrar os castellões dos arredores. E, julgando assim ter cumprido fielmente os seus deveres, fez-se de volta para Paris, deixando Valdez um pouco desorientada em meio desse immenso e magnifico solar, mas já entregue de toda a sua alma á tarefa que lhe competia ao pé de Guilhermina.

Um dos primeiros cuidados da moça foi substituir a mestra ingleza, que muito lhe desggradara. Tendo-lhe declarado o sr. de Ghiliac, a quem falara sobre isso antes de sua partida, que ella se achava investida de plenos poderes para tudo o concernente a Guilhermina, escreveu Valdez a abbadessa do mosteiro onde fóra educada, a qual lhe enviou pouco depois uma jovem ingleza, séria e distincta, que muito agradou logo a Guilhermina e a ella propria. Valdez, que já falava correntemente o inglez, julgou de bom aviso aprender o allemão, para melhor superintender Frida, a governanta, em suas

relações com a criança. Era uma occupação a mais, um diversorio aos seus tristes pensamentos. Só o trabalho e o cumprimento exacto de todos os seus deveres poderiam salvá-la do tédio e da profunda tristeza que a acobrunhavam. La todas as manhãs á missa, visitava em seguida alguns indigentes, indicados pelo cura, levando-lhes ao mesmo passo o soccorro material, uma palavra de carinho, alguns conselhos discretos. Não procurava travar de relações. As tres ou quatro pessoas, a quem visitara em companhia do marido, se haviam dado presenca em retribuirlhe a visita, o que delatava o grande prestigio do nome que ora trazia Valdez. Apezar, porém, dos reiterados convites que por ellas lhe eram feitos, e si bem que uma, pelo menos, dessas familias, os Oubignies, lhe fôsse sympathica, ella não se tornara a visitar... A medida que os dias derivavam, ia ella percebendo que a ausencia prolongada do marido, o exilio a que elle a voltara, exclavam uma cada vez mais crescente admiração, dando lugar a commentarios mais ou menos comiserativos. Para a alma delicadamente alveada de Valdez, era isso uma nova magoa, e pois preferia a pobre moça conservar-se retirada, longe da curiosidade indiscreta dos estranhos.

O senhor de Ghiliac sómente dava signal de vida, remetendo-lhe com frequencia livros e revistas. Era, aliás, para Valdez o melhor meio de estar a par da existencia do marido. Revistas, quer puramente literarias, quer mundanas, todas mencionavam sem cessar o nome que occupava um dos primeiros lugares, assim no circulo das letras que no da alta elegancia. Foi assim que ella soube da apparição de uma nova obra do marido, de uma sua recente viagem á Espanha, onde fóra recebido como intimo naquella córte, e de sua estada actual em Pau. Ja agora não ignorava que o marquez de Ghiliac, cavalleiro consummado, era um fervoroso adorador do caça á raposa. Pôde tambem admirar um soberbo gananhão, adquirido a péso de ouro por Elias, que era grande amador de cavallos e possuia as mais bellas parellas de França. E, voltando a pagina, viu-o, em meio de um grupo de elegantes, — photographia tirada numa festa, dada por uma alta personagem russa, que habitava Biarritz.

Tudo isso a teria convencido, — si já não o estivesse desde havia muito — do abismo existente entre esse adúltero mundano e ella, a modesta Valdez, que desconhecia inteiramente esses prazeres que tanto compraziam ao marido. Entrou-se, por isso, de uma ainda mais profunda tristeza, e, para distrahir-se, multiplicava as visitas de caridade, distribuindo em esmolas a somma, para ella enorme, depositada em um das gavetas de sua secretária, que lhe fóra concedida para os seus alfinetes, pois que as despesas da casa corriam por conta do mordomo do marquez. Para si, tomava unicamente o necessario, e ninguém, por aquellas regiões, se vestia com mais simplicidade. Esse dinheiro, vindo «delte», assim como o luxo que a cercava naquelle palacio, pesavam duro sobre a moça, asphixiando-a. Ser obrigada a dever-lhe tudo!... e pensar que lá, nos Altos-Pinheiros, todos viviam de suas liberalidades!

A's vezes perguntava a si mesma si não estava a sonhar, si realmente ella se teria tornado marquez de Ghiliac. De dia para dia, parecia-lhe mais estranho, mais difficil de supportar semelhante situação. Porque tivera o senhor de Ghiliac essa crueldade inutil de afastá-la dos Altos-Pinheiros? Por amor da filha? Era pouco provavel, visto a sua indifferença. Quizera então esteardear a sua maldade, buscando talvez vingar-se contra essa pobre moça que parecia nada menos que muito feliz por lhe trazer o nome? Desejara talvez poder affirmar desse modo a sua autoridade, e, para o deante, quiz dentro em breve, autorizaria Valdez a tornar definitivamente para os Alto-Pinheiros, levando consigo a Guilhermina...

Mas, em quanto esperava ella soffria. E assim passou um mez, sem que a moça tivesse noticias directas do senhor de Ghiliac.

Uma tarde, trouxe-lhe o correio uma carta de Noclare. Era, nada mais nada menos, que um longo dithyrambo em favor do genro, cuja real generosidade permitia dar aos Altos-Pinheiros o seu aspecto de outrora.

«O que eu não acabo commigo entender é que não hajias acompanhado a Pau o teu marido», acrescentava elle. «Receio, minha filha, que opponhas os teus gostos deploravelmente prosaicos, aos desejos de Elias. Porque o que elle quer é associar-te á sua vida mundana, — provam-no os esplendores da tua corbêlha. Imaginas, por ventura, convertê-lo ás tuas idéas? Seria isso um erro deploravel, e peço-te nelle não perseveres, pois alienarias de ti o teu marido».

Tomando o dobrar a carta, Valdez teve um sorriso cheio de amargura. Em suas cartas para os Altos-Pinheiros elle não falara nunca da situação em que vivia. Todos os seus a tinham por feliz, — e receavam que ella buscasse fazer do marquez de Ghillic um esposo burguezmente prosaico!

Nesse momento, entrou um criado com o lanche de Guilhermina, que vinha todos os dias merendando ao pé da madrastra, — a querida mamã, como já lhe chamava a criança.

— O senhor marquez acaba de telephonar, communicando que chegará amanhã de manhã, no trem das dez, e deu ordem para que eu o dissesse á senhora marquez, notificou o criado.

Tal noticia produziu no animo de Valdez uma impressão complexa. Certo, ser-lhe-lia penoso o tornar a vê-lo, pois que a presença do marido lhe causaria um profundo mal-estar; mas, de outro lado, não passaria aos olhos dos outros por uma esposa inteiramente abandonada.

Todavia, a perspectiva dessa chegada occasionou-lhe uma noite de espartina, o que, aliás, não impediu que, á costumada hora matinal, Valdez se dirigisse á igreja para assistir á missa. Como de costume, o objecto a pé, pois nunca teria a idéa de deixar a carruagem, ainda que, como sempre, fosse seguro o tempo, — essas eram as condições do ponto desconhecidas da intriga dos Altos-Pinheiros.

Na volta, foi de visita a alguns amigos, e indo-se em casa de um delles, veio a lembrar-lhe a vida, e a quem ella queria escrever. Quando sahuiu da pobre choupana, encontrou os seus parentes. Deu-se pressa Valdez e quando chegou completamente encheu o rosto, justamente no vestibulo, com a cabeça a quem o automovel acabava de conduzir.

Ao vê-la em tal estado, elle não pôde conter a exclamação.

— Mas donde vem a senhora, com esta chuva?
— Da aldeia. Demorei-me um pouco e...
— Da aldeia? A pé, com um tempo destes? Realmente, eu...

Interrompeu-se, lançando um rapido volver de olhos para os criados que estavam presentes.

— Vá mudar de pressa essa roupa molhada, Valdez.

— Oh! Destas, apanhei-as eu muitas, lá nos Altos-Pinheiros! E, demais, tenho esta capa que me cobre inteiramente.

Tão grande era a commoção e o mal-estar que lhe causava a vista do marido, que até se esqueceu de lhe apertar a mão. Foi elle quem tomou a de Valdez, levando-a aos labios.

— Suba depressa... Dar-me-á depois noticias suas e de seus paes, disse elle.

A moça foi mudar de roupas, demorando-se um pouco nos seus aposentos, afim de tornar a vê-lo o mais tarde possivel. Afinal, como soasse meia hora depois das onze, decidiu-se a descer, dirigindo-se á bibliotheca, onde se installava geralmente para trabalhar. Agradavelhe extraordinariamente essa como galeria, decorada com a arte maravilhosa da Renascença, guarnecida de livros raros e de todas as principaes produções literarias. As immensas janellas deixavam para o lago, para além do qual se estendiam os jardins e o parque, os quaes, dentro em breve, resurgiriam do torpôr hiemal.

Sentou-se Valdez ao pé da alta chaminé, obra-prima de esculptura, onde crepitavam alegremente grossas chamas, — pondo-se a trabalhar numa obra destinada á caridade. Destarte, lhe derivavam os dias, entre os trabalhos de agulha, os passeios com Guilhermina, as visitas aos necessitados e a leitura dos bons autores representados na bibliotheca de Arnellas. Recomeçara os estudos de piano, iniciados no convento e quasi de todo abandonados nos Altos-Pinheiros por falta de tempo. Musicista de instincto, passara, durante o mez que acabava de findar, horas mui deliciasas no convívio dos grandes mestres, exercitando-se assiduamente todos os dias, afim de adquirir o mecanismo que lhe faltava. Felizmente, havia um piano nos seus aposentos, pois Valdez não ousaria nunca utilizar-se dos do salão de musica, durante a estada de Chillac, por isso que este declarara um dia, no correr da visita que ambos haviam feito á baroneza de Oubignies, que elle detestava as martelladoras de piano. Ora, a Valdez parecia-lhe que ella se arrolava naquelle numero, principalmente ao pé delle, que diziam ser um musicista notavel.

A certa altura, escapou-se-lhe dos dedos a agulha que ella deligentemente manejava. Entravam na sala o senhor de Ghillic, seguido de sua filha.

— A Guilhermina indicou-me o seu retiro, Valdez. E' mister que tenha algum os seus gostos modestos, afim de, como a senhora, afeiçoar-se a esta, de preferencia a outras peças mais elegantes.

Arrastou uma poltrona, sentando-se em face da mulher, enquanto Guilhermina apoiava ternamente a cabeça nos joelhos de Valdez.

— Então que tal lhe parece isto aqui? Não sente falta de ar puro dos Altos-Pinheiros? perguntou elle com o mesmo interesse.

— Até agora, ainda não dei por isso. Este clima parece-me excellente.

— Assim o dizem. Mas cumpre não se lhe neutralizarem os effeitos com imprudencia. Pergunto a mim mesmas por que razão a marquez de Ghillic vai por ahi, e tem á sua disposição, automoveis, carruagens e cavallos.

— Confesso-lhe que nunca pude comprehender, para pessoas moças e saudáveis, a devoção ou a caridade equipagens.

— Sim, mas com bom tempo, não um dia como de hoje... A simplicidade e a humildade são coisas preciosas, mas quero crer que a senhora não estará disposta a exagerá-las...

— Estou habituada a uma vida severa e um tanto rustica, por isso, o que para os outros seria penoso, a mim não me causa o menor abalo, respondeu friamente Valdez, desviando o olhar dos olhos do marido, nos quaes via sempre os mesmos lampejos de ironia.

— Evidentemente. Mas a senhora cedo se habituará a um outro genero de vida, e então perguntará a si mesma como pôde supportar a existencia dos Altos-Pinheiros.

— Oh! não, não! Nada será mais caro que o meu passado, e os meus Altos-Pinheiros, onde eu quizera estar ainda!

Estas palavras haviam sahido involuntariamente, impetuosamente dos labios da moça, cujas faces logo se tingiram de confusão. O senhor de Ghillic, esse franzira o sobrecenho, mordendo nervosamente os labios. Mas, logo, apoiando o braço na vanguarda da poltrona, perguntou tranquiamente:

— Tem tido noticias de sua familia?

Estorçando-se por dominar o tremor da voz, Valdez contou-lhe da saude da mãe, agora um pouco melhor, do pae que rejuvenesceu, — como lhe escrevera Martha — das crianças, que difficilmente obedeciam a esta. Depois pediu ao marido noticias da sogra, dos d'Essils, das cunhadas. Pouco a pouco, desaparecia o embaraço, o constrangimento de ha pouco. Ellas não julgara de bom aviso revidar ás palavras de Valdez —

TOLUOL

TOSSES BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS.

prova de que elle não estava disposto a voltar ao assumpto, ao menos por enquanto.

A moça retomou o trabalho, o senhor de Ghiliac entrou a percorrer os jornaes. Esse casal bello e joven, essa criança ternamente aconchegada a Valderez, formavam um delicioso quadro de familia, na atmospherã quente desse soberbo salão.

XII

O motivo da vinda do senhor de Ghiliac a Arnellas fôra a necessidade que elle tinha de fazer uma selecção entre os manuscritos inéditos que possuia em grande numero, memorias e cartas de seus antepassados, e, em particular, da bella duqueza Claudia. Viera-lhe ultimamente a idéa, como elle proprio confessou a Valderez, o exhumá-las e dâ-las a conhecer ao publico letrado.

Todos esses antigos papeis encontravam-se na bibliotheca, e por isso allí se installou o senhor de Ghiliac para proceder as suas pesquisas, sóinho, porquanto, contra o seu costume, trouxera o secretario. Valderez, vendo isso, absteve-se, logo ao segundo dia, de ir para allí trabalhar. Mas, nessa mesma noite, disse-lhe Ghiliac, ao acompanhá-lo ao salão branco:

— Previno-a, Valderez, que si a minha presença faz que a senhora altere os seus hábitos, ver-me-hei na obrigação de regressar immediatamente a Paris. Pode continuar a trabalhar na bibliotheca sem nenhum receio de incomodar-me.

Retomou, pois, a moça, no dia seguinte o seu lugar costumeiro, mas sem enthusiasmo, porque já lhe parecia demasiado penoso o colloquio de Valderez e as refeições, muito embara a presença de Valderez e da professora, accieta, sem a menor hesitação, Ghiliac, si bem que, até então, não se levantava da sala de jantar.

De vez em quando, lia o senhor de Ghiliac alguns mais curiosos do manuscrito que elle lhe mostrava, e mostrava-lhe um delles, e elle lhe respondia quasi indecifráveis para elle. Valderez parecia paciente. Valderez depois de se levantar, e de se decifrá-los, e como esses mesmos manuscritos estavam em muitos outros documentos, e elle parecia que ella os copiasse. Via-se de longe a sua cabeça ao trabalho do marido a quem elle reservava a intelligencia arguta e viva de Valderez nesse terreno historico e literario que elle sempre se encontravam. Ellas parecia comprazer-se em conversar a esposa, qual-a em suas leituras, — e isso com um cuidado moral, que muito deram que pensar ao cura de Vrinlières, quando Valderez lhe communicou que o senhor de Ghiliac sómente lhe autorizara a leitura de dois dos seus romances.

— Eis ahí está como elle se revela muito mais honesto do que o julgam! Quantos maridos, que se dizem christãos jamais tiveram esse cuidado, essa delicadeza para a alma em flor de suas companheiras!

Mas essa natureza singular permanencia sempre um enigma para Valderez. Si o coração da moça continuava ainda inquieto e profundamente desconfiado, o espirito penetrava-se do encanto dessa deslumbrante intelligencia, dessa erudição sempre clara e elegante, de tudo aquillo emfim, de onde derivava o magico prestigio da personalidade intellectual de Elias de Ghiliac. Ella devia reconhecer que, nelle, nada era superficial, que elle estudava sob todas as faces os assumptos de que tratava, não se aventurando nunca em hypotheses. Demais, esse homem sceptico e mundano tinha a respeito de muitos pontos de moral, uma opinião que estava muito longe do que poderiam suppor. Mas Valderez sabia tambem que um homem pôde professar as mais perfectas theorias sem, contudo, dar-se ao trabalho de as pôr em pratica.

Sim, penetrava-a algo do encanto de Elias. Quando, porém, ella se via só, sentia-se invadir de um mal-estar indefinido, e então dizia de si consigo que, para elle, ella nada mais era que um objecto de estudo, como o provava o olhar de penetrante observação que ás vezes surprehendia cravado sobre ella. E era-lhe

tão horrivelmente penosa a idéa de servir de objecto a essa fria curiosidade intellectual, que ella se veria levada a cortar essas relações tão frequentes, se o cura de Vrinlières, seu director espirital, não lhe houvesse dito:

— Sem embargo de tudo isso, e qualquer que seja a attitudde do vosso marido, cumpri o vosso dever, que é o de approximar-ves delle tanto quanto elle vò-lo permittir. E fostes imprudente em lhe declarando abertamente o vosso afastamento logo no dia do casamento. A excusa está em vossa propria inexperiencia e no desvalro que as palavras, pelo menos inconsideradas da vossa segra, causaram ao vosso coração muito amante e muito recto. Infelizmente, a attitudde, as palavras do senhor de Ghiliac vieram confirmar o que a seu respeito ella vos dísse. O desamparo em que elle vos deixou durante um mez inteiro, tambem não é para que o rehabilite aos vossos olhos. Mas, com tudo isso, sois sua mulher, e si elle descura dos deveres que tem para com vosco, impende a vòs o cumprides os vossos para com elle na medida em que elle vò-lo permita.

Seguindo pois estes conselhos, tinha Valderez como estricta obrigação sempre acceptar o convite do marido para um passeio a pé ou de carruagem. Levava então consigo Guilhaermina, a quem o pai parecia agora considerar menos indifferentemente. Outras vezes, dava-lhe o marido conselhos sobre a execução de alguns trechos musicaes, — porque reconhecera nella um talento muito delicado, certo dia em que a ouvira tocar no salão de musica, suppondo que elle houvesse partido para Angers, em automovel. Elle mesmo sentava-se muitas vezes ao piano, que amide ressoava até alta noite, esquecidos, tanto aquelle que tocava como aquelle que o ouvia, das horas que passavam, entrados ambos da emoção artistica que lhes communicavam as obras-primas dos grandes mestres.

Com tudo, não havia nessas relações a menor intimidade. Valderez mantinha uma attitudde tímida e um pouco activa a que não vingavam modificar nem a cortegeiramente orgulhosa do senhor de Ghiliac nem a amabilidade ceremoniosa.

Ella devia reconhecer, por exemplo, que elle ás vezes buscava realizar os poucos desejos manifestados por elle, mas que tambem não sentia os effeitos dessa vontade autoritaria que tão bem se exercia sobre os outros.

Alcançaria ella por ventura conhecê-lo um dia, saber emfim o que podia haver de verdade no que lhe disseira a sogra? Ah! o que ella sabia é que esse homem estranho lhe demonstrara muy claramente o seu terrivel egoismo e a sua dureza de coração naquella scena dos Altos-Pinheiros, cuja lembrança pesava dolorosamente sobre a alma de Valderez! E' que elle não procurava approximar-se della moralmente e tratava-a como si fôra uma estranha!

De outro lado, era muito para admirar que elle se privasse das festas mundanas e o esperavam em toda parte, nessa epoca do anno, para continuar assistindo no campo. Os velhos manuscritos podiam ser facilmente transportados a Paris. Só uma explicação havia para isso: o romancista estudava um typo curioso de provincianazinha, e, por isso, demorava-se. Quando já a tivesse estudado a fundo, elle se iria a outros ceus, rumo de outros estudos.

Era este o pensamento que paralyzava secretamente Valderez em presença do marido que a fazia estremecer de horror sempre que as magnificas pupillas azues pousavam longamente sobre ella.

Ellas mostrava-se inteiramente respeitador das convicções religiosas da esposa, e mesmo algumas palavras suas davam a entender que elle não era tão incredulo como o demonstravam as apparencias. Em compensação, Valderez pôde medir-lhe a grande indifferença em materia de religião, pouco tempo depois de sua chegada, a proposito de Benaki. Num dos seus passeios pelo parque, em companhia de Guilhaermina, a moça encontrara certa vez o negrinho que andava aos pinchos por um dos arruamentos, vestido de sua tangazinha branca, por sobre a qual, quando sabia, lançava uma especie de albornóz de um encarnado estridente. Até

«O que eu não acabo comigo entender é que não hajaz acompanhado a Pau o teu marido», acrescentava elle. «Receto, minha filha, que opponhas os teus gostos deploravelmente prosaicos, aos desejos de Elias. Porque o que elle quer é associar-te á sua vida mundana, — provam-no os esplendores da tua corbêlha. Imaginas, por ventura, convertê-lo ás tuas idéas? Seria isso um erro deploravel, e peço-te nelle não perseveres, pois alienarias de ti o teu marido».

Tornando o dobrar a carta, Valdez teve um sorriso cheio de amargura. Em suas cartas para os Altos-Pinheiros elle não falara nunca da situação em que vivia. Todos os seus a tinham por feliz, — e receavam que ella buscasse fazer do Marquez de Ghiliac um esposo burguezmente prosaico!

Nesse momento, entrou um criado com o lanche de Guilhermina, que vinha todos os dias merendar ao pé da madrastra, — a querida mamã, como já lhe chamava a criança.

O senhor Marquez acaba de telephonar, communicando que chegará amanhã de manhã, no trem das dez, e deu ordem para que eu o dissesse á senhora Marquez, notificou o criado.

Tal noticia produziu no animo de Valdez uma impressão complexa. Certo, ser-lhe-lha penoso o tornar a vê-lo, pois que a presença do marido lhe causaria um profundo mal-estar; mas, de outro lado, não passaria aos olhos dos outros por uma esposa inteiramente abandonada.

— Todavia, a perspectiva dessa chegada occasionou-lhe uma noite de espartina, o que, aliás, não impediu que, á costumada hora matinal, Valdez se dirigisse á igreja para assistir á missa. Como de costume, fez o tracto a pé, pois nunca teria a idéa de mandar apparellhar a carruagem, ainda que, como nesse dia, não estivesse seguro o tempo, — essas mollicias eram de todo o ponto desconhecidas da intrepida Valdez dos Altos-Pinheiros.

Na volta, foi de visita a alguns indigentes, demorando-se em casa de um delles, velho paralytico pouco tinha de vida, e a quem ella lhe queria reconduzir para Deus. Quando sahíu da pobre choupana, a chuva cahia a cantaros. Deu-se pressa Valdez de alcançar o castello, onde chegou completamente encharcada, e indo dar de rosto, justamente no vestibulo, com o senhor de Ghiliac, a quem o automovel acabava de conduzir da estação.

Ao vê-la em tal estado, elle não pôde conter uma exclamação.

— Mas donde vem a senhora, com esta chuva?

— Da aldeia. Demorei-me um pouco e...

— Da aldeia? A pé, com um tempo destes? Realmente, eu...

Interrompeu-se, lançando um rapido volver de olhos para os criados que estavam presentes.

Vá mudar de pressa essa roupa molhada, Valdez.

— Oh! Destas, apanhei-as eu muitas, lá nos Altos-Pinheiros! E, demais, tenho esta capa que me cobre inteiramente.

Tão grande era a commoção e o mal-estar que lhe causava a vista do marido, que até se esqueceu de lhe apertar a mão. Foi elle quem tomou a de Valdez, levando-a aos labios.

— Suba depressa... Dar-me-á depois noticias suas e de seus paes, disse elle.

A moça foi mudar de roupas, demorando-se um pouco nos seus aposentos, afim de tornar a vê-lo o mais tarde possível. Afinal, como soasse meia hora depois das onze, decidiu-se a descer, dirigindo-se á bibliotheca, onde se installava geralmente para trabalhar. Agradavelhe extraordinariamente essa como galeria, decorada com a arte maravilhosa da Renascença, guarnecida de livros raros e de todas as principaes produções litterarias. As immensas janellas deixavam para o lago, para além do qual se estendiam os jardins e o parque, os quaes, dentro em breve, resurgiriam do torpôr hiemal.

Sentou-se Valdez ao pé da alta chaminé, obra-prima de escultura, onde crepitavam alegremente grossas achas, — pondo-se a trabalhar numa obra destinada á caridade. Destarte, lhe derivavam os dias, entre os trabalhos de agulha, os passeios com Guilhermina, as visitas aos necessitados e a leitura dos bons autores representados na bibliotheca de Arnellas. Recomeçara os estudos de piano, iniciados no convento e quasi de todo abandonados nos Altos-Pinheiros por falta de tempo. Musicista de instincto, passara, durante o mez que acabava de findar, horas muy deleitosas no convívio dos grandes mestres, exercitando-se assiduamente todos os dias, afim de adquirir o mecanismo que lhe faltava. Felizmente, havia um piano nos seus aposentos, pois Valdez não cusaria nunca utilizar-se dos do salão de musica, durante a estada de Ghiliac, por isso que este declarou um dia, no correr da visita que ambos haviam feito á baroneza de Oubignies, que elle detestava as marteadoras de piano. Ora, a Valdez parecia-lhe que ella se arrolava naquelle numero, principalmente ao pé delle, que diziam ser um musicista notavel.

Á certa altura, escapou-se-lhe dos dedos a agulha que elle diligentemente manejava. Entravam na sala o senhor de Ghiliac, seguido de sua filha.

— A Guilhermina indicou-me o seu retrito, Valdez. E' mister que tenha algum os seus gostos modestos, afim de, como a senhora, afeiçoar-se a esta, de preferencia a outras peças mais elegantes.

Arrastou uma poltrona, sentando-se em face da mulher, enquanto Guilhermina apoiava ternamente a cabeça nos joelhos de Valdez.

— Então que tal lhe parece isto aqui? Não sente falta de ar puro dos Altos-Pinheiros? perguntou elle com pallido interesse.

— Até agora, ainda não del por isso. Este clima parece-me excellente.

— Assim o dizem. Mas cumpre não se lhe neutralizem os effeitos com imprudencia. Pergunto a mim mesmo por que razão a marquez de Ghiliac vai por ahi, pedestremente, patinhando a terna dos caninhos, quando possui, e tem á sua disposição, automoveis, carruagens e cavalos.

— Confesso-lhe que nunca pude comprehender, para as pessoas moças e saudadeis, a devoção ou a caridade em equipagens.

— Sim, mas com bom tempo, não um dia como de hoje!... A simplicidade e a humildade são coisas preciosas, mas quero crer que a senhora não estará disposta a exagerá-las...

— Estou habituada a uma vida severa e um tantissimo rustica, por isso, o que para os outros seria penoso, a mim não me causa o menor abalo, respondeu friamente Valdez, desviando o olhar dos olhos do marido, nos quaes via sempre os mesmos lampejos de ironia.

— Evidentemente. Mas a senhora cedo se habituará a um outro genero de vida, e então perguntará a si mesma como pôde supportar a existencia dos Altos-Pinheiros.

— Oh! não, não! Nada será mais caro que o meu passado, e os meus Altos-Pinheiros, onde eu quizera estar ainda!

Estas palavras haviam sahido involuntariamente, impetuosamente dos labios da moça, cujas faces logo se tingiram de confusão. O senhor de Ghiliac, esse franzira o sobrecebro, morrendo nervosamente os labios. Mas, logo, apontando o braço na vanguarda da poltrona, perguntou tranquillamente:

— Tem tído noticias de sua familia?

Esforçando-se por dominar o tremor da voz, Valdez contou-lhe da saude da mãe, agora um pouco melhor, do paes que rejuvenescera, — como lhe escrevera Martha — das crianças, que diffilmente obedeciam a esta. Depois pediu ao marido noticias da sogra, dos d'Essils, das cunhadas. Pouco a pouco, desaparecia o embaraço, o constrangimento de ha pouco. Ellas não julgara de bom aviso revidar ás palavras de Valdez —

TOLUOL

TOSSES BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. ■■■■■■

■■■■■ VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS. ■■■■■■

preva de que elle não estava disposto a voltar ao assumpto, ao menos por enquanto.

A moça retomou o trabalho, o senhor de Ghiliac entrou a percorrer os jornaes. Esse casal bello e joven, essa criança ternamente aconchegada a Valderez, formavam um delicioso quadro de familia, na atmospheria quente desse soberbo salão.

XII

O motivo da vinda do senhor de Ghiliac a Arnellas fôra a necessidade que elle tinha de fazer uma selecção entre os manuscritos ineditos que possuia em grande numero, memorias e cartas de seus antepassados, e, em particular, da bella duquesa Claudia. Viera-lhe ultimamente á idéa, como elle proprio confessou a Valderez, o exhumá-las e dá-las a conhecer ao publico letrado.

Todos esses antigos papeis encontravam-se na bibliotheca, e por isso alli se installou o senhor de Ghiliac para proceder as suas pesquisas, sóinho, porquanto, contra o seu costume, trouxera o secretario. Valderez, vendo isso, absteve-se, logo ao segundo dia, de ir para ali trabalhar. Mas, nessa mesma noite, disse-lhe Ghiliac, ao acompanhá-lo ao salão branco:

— Previno-a, Valderez, que si a minha presença faz que a senhora altere os seus habitos, ver-me-hei na obrigação de regressar immediatamente a Paris. Pode continuar a trabalhar na bibliotheca sem nenhum receto de incomodar-me.

Retomou, pois, a moça, no dia seguinte o seu lugar costumeiro, mas sem enthusiasmo, porquanto já lhe parecia demasiado penoso o colloquio de ambos durante as refeições, muito embara a presença de Guilhermina e da professora, acceita, sem a menor observação, por Ghiliac, si bem que, até então, a criança não viesse á sala de jantar.

De vez em quando, lia o marquez á mulher os trechos mais curiosos dos manuscritos que examinava. Um dia, mostrou-lhe um delles, cujos caracteres estranhos eram quasi indecifráveis para Elias, de seu natural pouco paciente. Valderez depois de algum esforço, conseguiu decifrá-los, e como esses mesmos caracteres reapareciam em muitos outros documentos, pediu-lhe o marquez que ella os copiasse. Via-se desta arte, a moça associada ao trabalho do marido a quem, aliás, muito interessava a intelligencia arguta e viva de Valderez. Era agora nesse terreno historico e litterario que ellas continuamente se encontravam. Elias parecia comprazer-se em conversar a esposa, guial-a em suas leituras, — e isso com um cuidado moral, que muito deram que pensar se cura de Vrinlières, quando Valderez lhe communicou que o senhor de Ghiliac sómente lhe autorizara a leitura de dois dos seus romances.

— Eis ahí está como elle se revela muito mais honesto do que o julgam! Quantos maridos, que se dizem christãos jamais tiveram esse cuidado, essa delicadeza para a alma em flôr de suas companheiras!

Mas essa natureza singular permanecia sempre um enigma para Valderez. Si e coração da moça continuava ainda inquieto e profundamente desconfiado, o espirito penetrava-se do encanto dessa deslumbrante intelligencia, dessa erudição sempre clara e elegante, de tudo aquillo emmim, de onde derivava o magico prestigio da personalidade intellectual de Elias de Ghiliac. Ella devia reconhecer que, nelle, nada era superficial, que elle estudava sob todas as faces os assumptos de que tratava, não se aventurando nunca em hypothèses. Demais, esse homem sceptico e mundano tinha a respeito de muitos pontos de moral, uma opinião que estava muito longe do que poderiam suppôr. Mas Valderez sabia tambem que um homem pôde professar as mais perfectas theorias sem, comtudo, dar-se ao trabalho de as pôr em pratica.

Sim, penetrava-a algo do encanto de Elias. Quando, porém, ella se via só, sentia-se invadir de um mal-estar indefinivel, e então dizia de si comsigo que, para elle, ella nada mais era que um objecto de estudo, como o provava o olhar de penetrante observação que ás vezes surprehenda cravado sobre ella. E era-lhe

tão horrivelmente penosa a idéa de servir de objecto a essa fria curiosidade intellectual, que ella se veria levada a cortar essas relações tão frequentes, se o cura de Vrinlières, seu director espirital, não lhe houvesse dito:

— Sem embargo de tudo isso, e qualquer que seja a attitudde do vosso marido, cumpri o vosso dever, que é o de approximar-vos delle tanto quanto elle vô-lo permittir. E fostes imprudente em lhe declarando abertamente o vosso afastamento logo ao dia do casamento. A excusa está em vossa propria inexperiencia e no desvaio que as palavras, pelo menos inconsideradas de vossa sogra, causaram ao vosso coração muito amante e muito recto. Infelizmente, a attitudde, as palavras de senhor de Ghiliac vieram confirmar o que a seu respeito ella vos dissera. O desamparo em que elle vos deixou durante um mez inteiro, tambem não é para que o rehabilite aos vossos olhos. Mas, com tudo isso, sois sua mulher, e si elle escurea dos deveres que tem para comvosco, impende a vós o cumprirdes os vossos para com elle na medida em que elle vô-lo permitta.

Seguindo pois estes conselhos, tinha Valderez como estricita obrigação sempre aceitar o convite do marido para um passeio a pé ou de carruagem. Levava então comsigo Guilhermina, a quem o pai parecia agora considerar menos indifferente. Outras vezes, dava-lhe o marido conselhos sobre a execução de alguns trechos musicaes, — porque reconhecera nella um talento muito delicado, certo dia em que a ouvira tocar no salão de musica, suppondo que elle houvesse partido para Angers, em automovel. Elle mesmo sentava-se muitas vezes ao piano, que amuide ressoava até alta noite, esquecidos, tanto aquelle que tocava como aquella que o ouvia, das horas que passavam, entrados ambos da emoção artistica que lhes communicavam as obras-primas dos mestres.

Com tudo, não havia nessas relações a menor intimidade. Valderez mantinha uma attitudde tímida e um tanto activa a que não vingavam modificar nem a cortezia ligeiramente orgulhosa do senhor de Ghiliac nem a sua amabilidade ceremoniosa.

Ella devia reconhecer, por exemplo, que elle ás vezes buscava realizar os poucos desejos manifestados por ella, mas que tambem não sentia os effeitos dessa vontade autoritaria que tão bem se exercia sobre os outros.

Alcançaria ella por ventura conhecê-lo um dia, saber emmim o que podia haver de verdade no que lhe dissera a sogra? Ah! o que ella sabia é que esse homem estranho lhe demonstrara mui claramente o seu terrivel egoismo e a sua dureza de coração naquella scena dos Altos-Pinheiros, cuja lembrança pesava dolorosamente sobre a alma de Valderez! E' que elle não procurava approximar-se della moralmente e tratava-a como si fôra uma estranha!

De outro lado, era muito para admirar que elle se privasse das festas mundanas que o esperavam em toda parte, nessa epoca do anno, para continuar assistindo no campo. Os velhos manuscritos podiam ser facilmente transportados a Paris. Só uma explicação havia para isso: o romancista estudava um typo curioso de provincianazinha, e, por isso, demorava-se. Quando já a tivesse estudado a fundo, elle se iria a outros ceus, rumo de outros estudos.

Era este o pensamento que paralyzava secretamente Valderez em presença do marido que a fazia estremecer de horror sempre que as magnificas pupillas azues pousavam longamente sobre ella.

Elias mostrava-se inteiramente respeitador das convicções religiosas da esposa, e mesmo algumas palavras suas davam a entender que elle não era tão incredulo como o demonstravam as apparencias. Em compensação, Valderez pôde medir-lhe a grande indifferença em materia de religião, pouco tempo depois de sua chegada, a proposito de Benaki. Num dos seus passeios pelo parque, em companhia de Guilhermina, a moça encontrara certa vez o negro que andava aos pinchos por um dos arruamentos, vestido de sua tangazinha branca, por sobre a qual, quando sabia, lançava uma especie de albornóz de um encarnado estridente. Até

então, Valderez mal o perceberá. Dessa feita, chamou-o, falando-lhe com meiguice, interrogando-o sobre a vida que levava. Contou-lhe então Benaki, num falar arrevezado, que fóra victima de uma gaziva, lá na sua terra, uma aldeia africana, cujo nome ignorava, que seus paes haviam sido mortos, e elle vendido como escravo. O senhor de Ghiliac, que viajava por lá, vira-o e comprara-o. Benaki fazia então datar dahi a sua felicidade. Passava os dias nos aposentos do senhor, dormia defronte á sua porta, comia á vontade, era ás vezes amimado e raramente batido. Tudo isso cifrava, para o prelinho, na summa felicidade.

Mas Valderez, levando mais longe as suas perguntas, verificou, não sem um certo pezar, que essa criança, cujo encargo moral e physico assumira o senhor de Ghiliac, ao comprá-lo aos seus raptorez, não recebia nenhuma educação religiosa, e só tinha um culto no mundo: o seu amo, que era, de sua parte, objecto de uma verdadeira adoração.

Nessa mesma noite, dominando a timidez e o constrangimento, ella falou sobre isso ao marido, quando este, depois do jantar, deambulava fumando pela magnifica estufa em que terminavam os salões de recepção.

— Diga-me uma coisa, Elias: Benaki é baptizado?

Ghiliac estacou deante da mulher, sentada ao pé de uma columnata, onde se enroscavam enormes clematites de uma malva cor-de-rosa.

— Não. Nunca pensei nisso, confesso-o.

— Permite que eu me occupo com a sua instrução religiosa?

— Pois não! Mas isso naturalmente a fadigará, causar-lhe-á tedio...

— Ao contrario, será para mim uma grande felicidade, e ao mesmo tempo o cumprimento de um dever, respondeu ella, gravemente.

— Nesse caso, será oiro sobre azul: confio-lhe de boa vontade o Benaki para que a senhora faça d'elle um christãozinho.

Isto dizia Ghiliac sem o menor vislumbre de ironia. E logo no outro dia, foi o prelinho enviado pelo senhor aonde Valderez. Dahi em diante, todos os dias, ella reservava uns minutos para a instrução religiosa da criança, ensinando-lhe ao mesmo passo a leitura, pois a indifferença e o desdém do senhor de Ghiliac, levavam-no á equiparar, nesse ponto, o pobre Benaki ao seu cão Odia.

Esses contrastes de uma natureza tão voluvel fariam desorientar uma alma ainda mais experimentada que a de Valderez. O cura de Vrinieres, a quem ella perguntara o que devia pensar das obras do marido, respondera que, pondo mesmo de parte o seu raro valor literario, continham ainda um real valor moral, por isso que punham em jogo sentimentos muito nobres, fustigavam o mal, deixando transparecer nobres actos e bellos pensamentos. Alguns, porém, se envolviam em forma tão ousada, que elle não podia autorizar que o lêsse uma joven innocente.

— Sentimos que lhe falte o fio conductor, accretara o padre. Com a fé, esse escriptor produziria uma obra admiravel, repleta de beneficios! Em quanto que o seu talento, posto que não seja nocivo, — e pôde sê-lo para algumas almas inexperientes, — tem unicamente um effeito moral muito attenuado pelo scepticismo que o malsina a miude.

Era isso, com effeito, o que verificara Valderez, lendo os dois volumes do marquez de Ghiliac, cuja leitura lhe fóra permitida. Ora, precisamente, ao terminar o ultimo, um pouco antes da hora do jantar, Elias entrou no salão branco, e, como visse o livro que ella ainda tinha nas mãos, perguntou, sentando-se:

— Então? Que lhe parece isso, Valderez?

Ainda sob o encanto do fulgurante estylo, tão gracioso, tão vernáculo, a moça respondeu entusiasmada:

— Oh! como o senhor escreve bem! Sente a gente pena de ter acabado o livro!

— Sinto-me infinitamente lisonjeado! agradeceu elle, em tom grave... E quanto ao mais?... o fundo, ás idéas?

Córando ligeiramente, respondeu Valderez com toda a sinceridade:

— Ha nelle coisas que muito apreciei... e outras não tanto.

— Quaes?... Vamos, diga-me, com franqueza, tudo o que pensa sobre a obra, accrescentou elle, percebendo-lhe o embaraço.

A moça desenvolveu então o seu pensamento, com muita clareza e sinceridade. Ghiliac ouvia-a attentamente, com o cotovello apoiado á mesa, defronte da mulher.

— Realmente, os seus pensamentos são bellissimos, muito mais elevados que os meus, disse elle, quando ella se calou. São os de uma christá. Mas acredita-me capaz de atingir a essas alturas?

E entreabria-lhe os labios, num sorriso ironico. Na alma de Valderez agitava-se qualquer coisa de estranho, — uma irritação, um soffrimento, uma que quer que fosse. Desviando os olhos desse olhar, em que lhe parecia ver fulgur um como desafio, a moça respondeu friamente:

— De feito, seria talvez mais acertado duvidarmos d'isso.

Elle esboçou um riso escararinho.

— Tem boas horas de franqueza a senhora! E talvez esteja com a razão... Más pôde tambem ser que seja falso esse juizo. Quem, dos que me conhecem, saberá o de que serei capaz? Quem? Confesso-lhe que nem eu proprio o sei!

A entrada de Guilhermeina e da mestra veio interromper esta conversação que parecia deslizar por um declive desconhecido até então de ambos. Mas, a partir desse dia, o senhor, o senhor de Ghiliac pedia a miude a opinião de Valderez a respeito de algumas obras que elle lhe punha nas mãos e, si ainda elle discutia os conceitos, já o fazia entretanto sem esse tom sardonico que visivelmente havia impressionado a moça.

XIII

Recebera Valderez uma carta de sua amiga Alice, a qual, tendo de passar no dia seguinte por Angers, pedia á senhora de Ghiliac lhe enviasse um telegramma dizendo-lhe si podia ir vê-la em Arnellas, apresentarlhe o marido, e, ao mesmo tempo, conhecer o senhor marquez de Ghiliac.

Certo, Valderez sentia-se feliz á idéa de tornar a ver essa amiga tão querida. Mas sentia invadi-la uma surda tristeza, porque sabia que a vista de felicidade conjugal de Alice iria avivar a occulta ferida de seu coração.

Lançou os olhos á pendula. Era já tarde; si queria que o telegramma fôsse expedido a tempo, cumpriria-lhe ir, quanto antes, comunicar a Ghiliac os dizezes dessa carta. Para isso, era preciso ir ter com elle aos seus aposentos, onde o marido estava a trabalhar nesse dia.

Ao mesmo tempo, aproveitaria o ensejo para lhe fazer um pedido que haviam su applicado, e que sómente o seu bom coração e delicada caridade haviam impedido que recusasse. Era o caso que, javia pouco, recebera Valderez a visita de nma pobre viuva, muito honesta, que lhe fóra recommendada pelo cura de Vrinieres, a qual, em companhia do filho, ia solicitar-lhe o emprego de sagundo secretario do senhor de Ghiliac, pois o actual encartado estava prestes a casar-se no estrangeiro. O pretendente, Luiz Dubiet, apresentava as melhores informações, mas a saude, respeito a dolorosas provações moraes e pecuniarias, estava um tanto abalada, sendo demais o pobre rapaz pouco favorecido da natureza, cara triste, a que mais ainda desfavorecia a roupa limpa mas surrada.

O senhor de Ghiliac, quando o supplicante se lhe apresentara, despedira-o cortemente. Por isso, tinham vindo agora os infelizes, mãe e filho, exorar á joven marqueza intercedesse por elles junto ao marido para que este o admittisse como secretario, cujo cargo, bem remunerado, seria a salvação de ambos. Elles não duvidavam que Valderez alcançasse do marido reconsideração a sua primeira decisão. Cedeu a moça deante de taes supplicas, e principalmente ás lagrimas que reviram nos olhos da pobre mãe prometendo-lhes fazer o que pudesse, — posto que muito lhe custasse dar similhante

passo, pois, de antemão estava certa que resultaria inútil. O senhor de Ghiliac não seria certamente acessível á piedade não tendo suas decisões appellação nem agravo, tanto mais que seria inadmissível que um homem, timbrando em cercar-se de harmonia e belleza, accettesse para secretario esse pobre ser disforme e lastimavel.

Enfim, promettera-o, tinha de cumpril-o. Serviria de introdução á carta de Alice. Dirigiu-se pois Valdez para o gabinete de trabalho de Elias, o qual communicava por uma escada particular com os seus aposentos do primeiro andar. Ella não tinha ido ainda a essa parte do castello, e, por palpite, trepou a uma porta.

A um breve entre-a mão abria-a, e achou-se á entrada de uma peça de imponentes dimensões, decorada e moblada no estylo do mais puro seculo 16. Por toda parte havia flores que exalavam um aroma delicioso que se misturava ao perfume predilecto de Ghiliac e ao odor de um fino tabaco turco.

Recostado negligentemente numa especie de divan, Elias fumava, olhos fitos no tecto admiravelmente pintado, em cujos angulos se viam as armas da familia. Como não tinha voltado a cabeça, Ghiliac estremeceu ligeiramente ao ouvir ao pé de si uma voz timida:

— Perdão, Elias!

Num movimento instantaneo, pôz-se de pé, despertando o pretinho que toscaneava, sentado no tapete, e que não pôde reprimir um grido de assombro.

— Desculpe! Julguei que fosse o meu criado de quarto.

— Sinto incommoda-o... mas desejava falar-lhe... A atmosphera quente e saturada de perfumes fez subir repentinamente ás faces de Valdez um rubor ardente. Demais, era-lhe tão penoso pedir-lhe alguma coisa!

— Não me incomoda absolutamente. Queira sentar-se... Vai-te embora, Benaki!

Ainda tonto de somno, o moleque parecia não comprehender a ordem que lhe acabava de ser dada. Não era costume do senhor mandal-o retirar quando recebia as lindas senhoras que vinham cumprimental-o. Um certo gesto, porém, muito seu conhecido, veio avivar-lhe a comprehensão, e Benaki eclipsou-se, perguntando a si mesmo a razão por que a linda marquez, sempre tão amavel, fazia com que o despedissem assim.

— Estou inteiramente á sua disposição, disse Ghiliac, approximando uma cadeira da poltrona que offerecera a Valdez.

— Venho perguntar-lhe si não lhe desagrada o receber amanhã a minha amiga, a senhora Vallet, e o marido, que vêm ver-me e, ao mesmo tempo, conhecê-lo.

— Pois não! Terrei, ao contrario, muito prazer em conhecê-los. Convide-os para almoçar, jantar e até passar a noite, si isso não lhes causa incommodo.

— Neste caso vou mandar expedir um telegramma a Alice, que me deu o endereço do seu hotel em Angers.

— Ha melhor ainda. Thibaut vai partir immediatamente para Angers, onde vou mandal-o para um negocio meu particular. Escreva um bilhete á sua amiga, que elle irá levá-lo ao hotel. Diga-lhe que se não preoccupa com o trem para cá vir amanhã: enviarei o automovel buscal-os á hora que ella indicar.

— Agradecida, Elias. De facto, será isso muito mais agradável para elles... Mas, tenho ainda outra coisa a pedir-te...

Crescia o mal-estar que a invadira á entrada do aposento. Eram-lhe intoleraveis aquelles perfumes... e nunca o olhar de Elias a perturbava como naquelle instante.

— Terrei muito prazer em poder ser-lhe agradável. Trata-se então de...?

— De um moço que solicita o lugar de seu secretario, um pobre rapaz doente, mas muito honesto, que ainda ha pouco veio, em companhia da mãe, procurar-me...

— Um tal Luiz Dubiet? Sim, de feito... Trouxe-me excellentes recommendações sob o duplo ponto de vista moral e intellectual, mas quanto ao physico!... Esse infeliz moço parece ter sahido do tumulo, e, a fa-

lar verdade, eu não desejava ter ao pé de mim essa triste figura. E elle então appellou para a senhora?

— Sim, elle e a mãe pediram-me que procurasse mudar essa sua resolução. E' verdade que o semblante e o trajaz desse pobre rapaz não depõem em favor delle, mas parece ser tão honesto! Estou que, com uma boa nutrição e tranquilidade de espirito, a saude lhe voltará.

— Mas conservará sempre as mesmas feições ingratas, e nem por isso o seu talhe exigiu crescerá siquer uma pollegada.

— Oh! o senhor a preoccupar-se com coisa tão insignificante! Isso nada vale quando se trata de prestar um serviço a um desgraçado, salvo talvez da miseria. Experimente, ao menos; sou eu quem l'lo pede.

Seus grandes olhos humidos tremiam-lhe ligeiramente, por quanto... Oh! sim, decididamente, muito lhe custava o solicitar-lhe qualquer coisa!

Elias inclinou-se, e Valdez viu muito perto de si, fulgurarem os olhos do marido entre os cilios carregados.

— A senhora tem a eloquencia do coração... e a da belleza. Resta-me somente confessar-me vencido. Aceito o seu protegido, e prometto-lhe ser indulgente... e não olhar para elle.

— Muito agradecido... O senhor é muito bom, balbucou a moça, sentindo tomar-a uma vertigem. Ergueuse, murmurando:

— Por favor, abra-me a janella! Elias arremessou-se para uma porta-janella, abrindo-a completamente. Valdez dirigiu-se tambem para ahi, encostando-se á ombreira, offerecendo o rosto ao ar fresco e vivificante.

— Vou tocar a campainha para que a sua criada de quarto lhe traga alguma coisa para cheirar, disse em voz, um tanto inquieto, Ghiliac.

Valdez interrompeu-o com um gesto.

Oh! é absolutamente inútil. Este ar é sufficiente.

— Talvez que a incommodasse este odor forte de tabaco... Tenho o habito de fumar no meu gabinete. De via, antes, tel-a recebido no salão aqui ao lado.

— Não, foram estas flores, estas perfumes... Como pôde o senhor viver num tal ambiente?

— Confesso-lhe que nem dou por isso. De resto, tenho geralmente abertas as janellas. Hoje, porém, estou num dos meus dias de preguiça, marasmava-me neste calor... Tal como aquelle que ali está.

E indigitava o lebreu, estirado na alfombra, dormindo a somno solto.

— ... São as minhas horas de *nirvana*. Ellas não dão a felicidade... porque a felicidade é uma chimera. Mas colhamos as flores da vida e não senhemos impossiveis paraísos terrestres. Que lhe parece, Valdez?

Esta, dissipado o atordoamento, recobrára a posse de si mesma. Tinha pressa de se ver longe dalli. Nunca, como agora, vira no olhar do marido essa expressão de doce e provocadora ironia.

— Parece-me que o entorpecimento voluntario é sempre um peccado, respondeu ella firmemente. Quanto ao procurar sómente as flores da vida, é uma concepção inteiramente pagã... E os paraísos terrestres já não existem.

Bem sei. E é pena! Nos tempos que correm, a vida é demasiadamente estúpida! Muito me agradaria um bom edenzinho. Verdade é que não faltarão pessoas que digam que eu aqui possuo todos os elementos de um paraíso. Esses, porém, são uns necios que não vêm um palmo adiante do nariz.

Ella voltou o rosto, e deu alguns passos para fóra, no terraço.

— Si quer ficar mais algum tempo, respirando o ar fresco do jardim, vou dar ordem para que lhe tragam um agasalho, pois, do contrario, arrisca-se a apanhar um resfriado, principalmente sahindo assim de um aposento quente como este, disse Elias, que a seguira.

— Não, vou-me retirar. A vertigem já passou, e tenho de escrever umas linhas a Alice.

— Não tenha pressa, Thibaut esperará o tempo necessario. Quanto ao seu protegido, diga-lhe que venha falar-me um destes dias.

(Continúa no proximo numero)

Consultorio Medico Gratuito

Como era de esperar, muitas já são as consultas que nos estão sendo endereçadas pelas nossas gentis leitoras de toda a parte.

As cartas que seguiram pelo correio, vão abaixo mencionadas separadamente para que as senhoras consultantes saibam o dia que daqui foram remetidas e reclamadas do correio caso ainda não tenham chegado ao seu destino.

—o—

Sra. Yolanda — Capivary — Respondemos por carta no mesmo dia que chegou a consulta, isto é a 3 de corrente.

Sr. J. R. G. — Ytuutaba — (Minas) Seguiu carta no dia 5 de corrente. Comunique-nos si recebeu e si encontrou o medicamento que indicamos.

Senhorita P. K. — (?) — Pediu-nos resposta confidencial por carta, mas esqueceu-se de mencionar a localidade onde reside...

Pelo carimbo postal não pudemos descobrir com certeza, motivo por que respondemos por aqui mesmo, pois achamos que em nada a poderá prejudicar.

As convulsões das crianças provêm dos intestinos que não funcionam regularmente. Nos acessos tomam-se as seguintes precauções e prodencias de momento:

1.º Desabotoar imediatamente as roupinhas, deixando o corpo completamente livre; 2.º introduzir na bocca um paninho molhado ou entre os dentes, si já os tiver um pedaço de arrolha para evitar que machuque a lingua; 3.º dar um banho quente; 4.º applicar um clister de vinagre com agua.

Depois, da crise ir a um medico para ter certeza da origem das convulsões e combatel-as em quanto cedo.

Sra. M. R. C. — Capital — Ao aceitar a incumbência de dirigir esta secção, não o fizemos com intenção de fazer reclame pessoal e nem da nossa competencia... Esse motivo faznos assignar simplesmente um pseudonymo para evitar que muitas pessoas duvidem da nossa intenção. Esse mesmo motivo faz com que não lhe indiquemos por estas columnas o nosso consultorio mas si nos quiser escrever novamente responder-lhe-emos por carta onde está situado e onde poderemos attender seu pedido de um exame pessoal meticuloso como diz, para não nos revelarmos erradamente sem plenos conhecimentos da molestia.

No numero passado já fizemos sentir aos nossos leitores e leitoras que toda vez que nos fosse impos-

sivel diagnosticar e receitar por carta ou por esta secção, aconselharíamos o consultante a se dirigir a um medico.

Com isto não aconselhamos a vir ao nosso consultorio, mas sim a um medico, que pôde ser qualquer um, pois todos são competentes quando se interessam pelo doente, como é nosso dever de profissionais, e principalmente quando o doente tem fé e segue á risca seus conselhos.

Sra. Mary Pickford — Braz — Tome fortificantes a base de ferro. O Guderin é um optimo fortificante allemão.

Senhorita Dolores — (?) Quer um medicamento para combater os vomitos?

Sem mais detalhes dos que nos mandou é quasi impossivel, si não continuados pois não podemos adivinhar a causa directa...

A's vezes é um phenomeno providencial no caso de indigestão. O estomago, por natureza, trabalha por si para expelir as materias indigestas e é preciso ajudal-o nesse caso com bebidas quentes, chá de camomilla, etc.

E' tambem providencial em caso de envenenamento. Auxiliar tambem o estomago com vomitorios, ou fazendo cocegas na garganta com o dedo ou com uma penna de gallinha.

A's vezes o vomito constitue uma complicação de uma doença ou de um estado nervoso (hysterismo, etc).

O tratamento de momento consiste nisto: 1.º Repouso completo; 2.º pedacinhos de gelo, que se vão engulindo aos poucos, inteiros; bebidas efervescentes (Agua de Seltz, Clitros de magnesia, Sal de fructas, etc); 4.º duas ou tres gottas de laudano sobre uma colherinha de assucar.

Nunca, porém, muita coisa. Sob o vomito o estomago adquire uma extrema excitabilidade. Dar

com o fim de curar, bebidas sobre bebidas, equivale a provocar e vomito...

Sra. Iracema — Taubaté — Contra as neuralgias o melhor remedio para dominar a dor é fazer uma injeção de morphina, mas isso só por mão de medico ou pharmaceutico, pois é perigoso em mãos inexperientes.

Dão bons resultados as capsulas de Aspirina, Phenacetina, Antipirina, Pyramidon ou os Tabloides Anti-neuralgicos de Torres Homen. Externamente crystal japonex em fricções demoradas.

Sras. Apr-Nec. Campinas, R. T. S. São Roque, J. K. L. Santos, Rosa-Mar. Capital e Aurinivea, idem, — A todas vou respondendo por carta.

Dr. J. Benf.



Nova Seiva

Contos - comédias - monólogos - versos - recitativos

E' o mais interessante, é o mais util, é o mais instructivo dos livros destinados ás nossas escolas.

"Nova Seiva", que acaba de ser publicado, é uma linda collecção de novellas moraes e recreativas, é a seiva da alegria que trará á alma da nossa mocidade.

Podemos afirmar sem temor de engano nem medo de sermos immodestos, que a "Nova Seiva" é um livro unico no genero, tendo sómente como emulos esses bellos livros que se publicam na Hespanha e na Italia, e que jamais tiveram similares no paiz.

A literatura infantil, sadia, moral, instructiva, resentia-se da falta de um trabalho bem feito, bem impresso, ricamente illustrado, que levasse á cultura da nossa mocidade, além dos ensinamentos de honra e de bondade, o gosto pela belleza e pela arte. Um preceito moral escripto em lingua defeituosa, se insinua a rectidão do caracter, perverte a arte da linguagem. E os brazileiros devem zelar contemporaneamente do seu espirito e do seu idioma.

A influencia que os contos têm produzido na formação do espirito da mocidade é tão grande que os governos têm cuidado, pelos seus pedagogos, da organisação de livros da especie deste que hoje annunciamos; entre nós esse cuidado fallou e é por isso que nos nossos lares, o que se lê, são lamentaveis historias da "Carochinha", quando não sou os "Testamentos dos Bichos" e outras leituras desse jaez.

Aleitada com taes trabalhos, a infancia, perde ella o gosto pela belleza. Demais, as edições desses livros lamentaveis eram feitos em papel de embrulho, onde as gravuras, pessimamente executadas, mais pareciam garranchos e borrões.

"Nova Seiva" é um livro conscientemente escripto, enriquecido por gravuras magnificas, traçadas pelo pincel e pelo lapis dos maiores artistas do mundo. Os contos cuidadosamente escriptos são altamente moraes, tendo vinhetas magistralmente gravadas. A capa, desenhada por Paim, é uma esplendida trichomia, executada por mão de mestre.

Além de contos e novellas, contém o livro monologos, peqnenas comédias e recitativos proprios para serões. Imagine-se o prazer de uma mamãe amorosa, ao vêr o seu terro filhinho, ensaiado por seu carinho, recitar ao papá, bellas historias, com sua vozinha clara e ingenua; o bem que d'ahi resulta é enorme. Prepara na creança o dom da oratoria e da palestra, cultiva-lhe a memoria e a imaginação.

Se os contos da "Nova Seiva" são dedicados á mocidade brasileira, tão bem feitos são elles, tão artisticamente concebidos e escriptos, que a sua leitura é um regalo mesmo para os adultos.

A edição é da "Revista Feminina", que se esmerou em apresentar ás suas leitoras um trabalho digno da attenção que sempre lhes tem merecido.

De resto, «Nova Seiva», pela correcção da linguagem, pelo interesse que despertam os seus contos e novellas, pela graça das suas narrações, pelos ensinamentos que contém, é um livro que pôde ser lido, com encanto, pelos proprios adultos, principalmente moças e mães de familia.

Preço: 5\$000 — correio, registado, mais 1\$000.

Peçam á "Revista Feminina" a "Nova Seiva". Ella, como a seiva nova para as plantas, ha de trazer alegria ao vosso lar.

CONSELHOS...

(CARTA)

(II)

á Queridinha:

Não, minha amiga... Nada justifica a phrase amarga da tua carta: — não é verdade que ha seres intelctualmente inúteis?

E esta phrase má e triste penetrou-me o coração, ferindo-o, maguando-o, e ainda agora, ao traçar estas linhas, procuro em vão adivinhar que entre as creaturas o Omnipotente collocasse a fealdade ao pé da belleza, a alegria debruçada sobre a dor, o mal reçoado e bem, a pureza do lyris desbaruchando dentro de um paratense; e é essa apparente contradicção que torna mysteriosa a vida e lhe dá um scattido divinamente bello.

E ás nossas pobres almas fracas e egostas que só sabem ver o que lhes toca muito de perto. Deus ordenou a luta perpetua, e es forço scattidando, e sacrificio consciente, incitando certos corações predestinos a cumprirem o destino da herua da estrada que disfarça a pasta aguda dos scizes que vão ferir os pés mimozos de uma creatura.

Mas, todas as almas se debatem no insano desejo de ser resa — a flor delumbrante que atraz, que dura um momento de triumpho e arrebatada, e fascina, e fere a mão que a cubija.

Mas, ninguem — não te esqueçam as minhas palavras — ninguem pôde dizer com razão: — seu um inutil...

Ninguem tem o direito de se eximir ao dever de viver a sua vida.

Todos nós temos um grande ou pelo menos um restricto circulo de pessoas amigas que soffrem a nossa influencia, que nos amam, que partilham as nossas dores e commoço gozamos; sobre as quozes ainda as nossas qualidades ou nossos defeitos se reflectem forçosamente, realisando uma obra benéfica ou maléfica de aperfeiçoamento moral ou corruptivo.

Não creio... não posso crer que haja no mundo creatura tão infeliz que não possua um coração de irmão ou amigo, um coração qualquer que a ame...

E si acaso existe o homem abandonado a quem a vida negou e amor e cuja morte não provocará sequer uma palavra de libia compaixão, fice pensando como seria egoista e duro o coração desse homem que passou pela terra sem colher a flor fugaz de um affecto, nem enxugar na face desfigurada pela dor uma lagrima ardente.

Imagino a lenta tortura dessa vida estéril e vazia, insulada nesse egoismo mau que olha a humanidade com desconfiança e com horror.

Si esse homem seubesse que a bondade é um thesouro inextinguivel como a gruta preciosa de All-Babá e que o correcto que sabe amar é um felizicetro poderoso que faz milagres ao simples scattidido de uma palavra meiga, de um gesto carinhoso... esse homem — tenho certeza — salitaria pela vida afóra predigalizando o bem e... seria feliz.

Mas, hoje os corações já não sabem amar.

Dão uma migalha de mirrado affecto e querem receber muito, tudo, uma vida inteira de devotamento.

Ao mal esboçado gesto de tímida piedade não correspondida, trancam-se dentro do seu indifferantismo e deixam de praticar a caridade, essa caridade — palavra e acção — que é a suprema bondade.

Mas, para ser feliz é preciso predigalizar thesouros d'alma... e nada pedir, nada esperar...

E' dar pelo prazer de dar, amar pelo gozo do amar, e é scattit-se a alma desabrochar, expandi-se, esplender radioso, como mirriña flor ao sol triumphal da felicidade.

Porque essa felicidade tão anhelada e tão fugidia está ao alcanço de toda a gente, pois que está dentro de nós, ao contrario de que pensavam os estoiicos que a faziam depender em parte da fortuna.

Vemos, na eteras contradicção desta vida, em que o mal e o bem se combatem sem treguas; na incomprehendida justiça divina que de uma maneira muitas vezes obscura aos nossos olhos sempre castiga o mal e recompensa o bem; no fluxo e refluxo das horas bôas e más; na mysteriosa trama dos nossos destinos; em tudo — vemos que a bondade tem sido em todos os tempos; e é será ainda mais, no futuro, e grande metor de aperfeiçoamento universal, o caminho seguro da felicidade...

— E podes crer que o homem destinado a semear e bem, seja um inutil?

E podes crer que sejam vãs, perdidas, essas obras que os nossos olhos não vêem e que são as melhores, as mais puras, as mais preciosas, as mais perfectas; essas palavras que não chegam aos nossos ouvidos e que no entanto resuscitam a fé em corações feridos pela desgraça; esses gestos de infinita piedade que não reciam tirar do proprio lado creaturas fracas que o vicio espreita?

Podes crer que a vida, em que fulge um acto de bondade, um gesto apenas de misericórdia, seja uma vida inutil?

Não e negues... Toda a vida deve ser uma escola de paciencia e bondade e toda a vida é um dom... E si é um dom, como dizia Lessertine, «devemos saboreal-a até o fim, como a bem ás vezes amargo, mas sempre um bem...»

Deus nos deu a vida para que a vivessemos pelo bem e para o bem, humildes instrumentos da sua vontade, ebriicos da sua vinha, semeadores da bôa semente.

E ao nos dar o amargo beneficio desta vida, traçou Deus e destino inamutavel de todos os homens em geral e de cada um em particular, nestas palavras dolorosas: «quem quizer vir comigo, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me».

E a cruz é a vida e a vida é o tecido luminoso e sombrio de todas as alegrias e de todas as dores.

E é a immensa cruz das tristezas mil, mas si a não é a grande chama, o delumbrante sol de uma ventura perfeita, formada com as mil estrellas dos gozos poqueanos, das poqueanias, frageis alegrias!

Embora! Sabamos transformar o scattidido do supplicio que tortura e emaga o coração no diavel genial que esculpe no mármore a fórma immaculada e perfeita, eternamente viva.

Que a dor, a sobre dor christã nos torne o alma vibrante e sonoroza como uma lyra e que ao leve toque dos seus dados magicos e cordas odormentadas da bondade, da piedade, do amor, de todos os sentimentos generozos chore e castem uma musica divina que encha a terra toda e entorça todos os corações...

— Ainda quando a vida se reduzi-se ao proprio «eu», mesmo que não ligassem as almas esses rutilos fios invitaveis chamados amor, caridade, sympathia, que torçam nossas todas as alegrias e todas as alheitas maguas, transformando-nos como que em receptores dos sentimentos alheios, — viver valerá a pena, só para ver desabrochar dentro de nós a alma, a alma livre e alada que vive uma grande senho de ouro, resplandecente como o sol, puro como uma estrella.

Oh! a vida valerá a pena, ainda quando a vivessemos só para estudar essa grande alma incomprehendida que vive apriacionada em nosso serpo e tantas vezes esquecida e desprezada quando pede azas para voar, luz para poder ver, corações para amar...

— Nunca mais, ouve bem! nunca mais a tua frugil mão de mulher tracez aquella phrase má: — «não é verdade, que ha séras inteiramente inúteis?»

Nunca! Nunca sintas dentro de coração o remorso de quem exbanjou a vida, o como perdiduro esparidivo o ouro e se viu, um dia, nú e faminto, doente e triste, miseravel e só, emalando um pedaço de pão para não morrer...

Não! Que possas, cada dia, ao buscar e repozar de semana, dizer contigo mesma: Não perdi e meu tempo... Fiz algum bem...

Trabalhei com vontade e não me esqueci de abrir para minha alma uma janela de beleza moral...

E ao te escrever estas linhas, recordo as páginas profundamente humanas e verdadeiras de um romance que me fiz escovar, para sempre, na memória.

A heroína do «Na Incerteza» tinha sido cruelmente maltratada pelo destino. A morte, de um só golpe, lhe arrebatara o esposo e aquelle grande affecto apaixonado que lhe encherá a vida toda e toda a sua alma.

Viuva, sem filhos, destituida da fidelidade do marido, pobre e infeliz, a heroína de Pierre de Coulevain no entanto soubera se criar um interesse na vida, convencida da utilidade da dor, da apparente injustiça das causas e da soberana misericórdia que rego sempre a vontade de Deus.

E para a heroína de Coulevain, na vida, tudo dependia do ponto de vista; e ella se collocára significativamente, empoleirada na incerteza; e a incerteza do seu futuro, dependia de todos e de tudo, e coração vasto de amor, ella, no entanto, fazia o bem, ergalando a fé, a coragem, a esperança, carta de que da sua vida apparentemente falhada, nada era perdido, nada era em vão...

E' o que nos falta muitas vezes, quando não sempre: — saberemos nos collocar num ponto elevado que nos devesse amplos horizontes, inundados de luz, a curva harmoniosa do céu de uma esperança, o tepido sol de um ideal...

Mas, não! A' menor surpresa má, dessas de que a vida é predigo, escondemo-nos a um canto escuro da floresta lóbrega do pessimismo e alli, sem sentir a morosa carícia de um raio de sol, nos vultuamos uma negra do céu luminoso' nem curvamos o gorgear de um passarinho alegre; — sem vêr a coragem dos que lutam pela vida nas cidades nem a bonançosa canceira dos que amanhã a terra nos campos, — trememo-nos a coração ao frio do egoísmo, soitecemo-nos a alma á remota da descrença...

E quanto mais andamos, menos claridade lebrigamos na escuridão das telhas.

Ha apenas a penumbra das camaras mortuárias e um grande silencio de morte... e os nossos ouvidos, breves, chegam o silvo agudo das serpentes, o uivo das feras famintas e o nosso olhar distingue com terrores, vultos suspensos, colando entre arvores...

E dentro de pouco, uma legião de duendes nos pavê a tetrica solidão; e por fim o medo, um grande medo covarde se nos apodera da alma, tirando-nos forças para retroceder, paralytando-nos em passos, e vencidos, escondemo-nos o rosto pallido entre as pitões tremulas e choramos as legítimas vis do desespero culpado.

E lá fóra, em pleno campo, sorri a vida, á luz creadora do sol e os homens fortes trabalham, lebutam, lutam e amam.

Não sejamos tão fracos assim... Si alguma vez a magoa de um desgosto, e dor de uma ingratidão, nos levar ao agro caminho que conduz á floresta negra da tristeza sombria, silbemos retroceder em tempo, e com passos firmes buscar o amplo espaço banhado de luz, a vida emfim!

Façamos mais: Subamos a alguma eminencia de terreno, desde a vista se derrame sobre um vasto panorama e o céu se arquee mais alto, mais sereno, mais azul...

Alguns privilegiados fazem muito mais: Galgões as montanhas azues, cujas picos alancardados se escendem aos nuvens, e de alto, presos de um glorioso estase, os olhos maravilhosos com allocadas perspectivas, o coração feliz,—então, a plena peito, um hymno, o hymno grandioso da creatura que ama e seu Creador e lhe agradece com a vida, os dons optimos que ella comporta.

Nunca poderemos tanto... Mas, na verde collina do não optimo a que chegaríamos sem duvida, com pequeno esforço, fomos a nossa morada, risenha e humilde, entre flores a pensar.

E depois, digamos sinceramente, ao cair das tardes mansas ou ao luminoso dilúcio primaveril: Como é bella a vida! Como é bom viver!

Não nos esqueçamos, porém, dos tristes e desdesagradados, enteados da vida má que choram sózinhos na profundidade dos valles humidos, sem horizontes e sem sol, e que voluntariamente, com a coragem fria dos desesperados se embrenharão um dia na negra floresta da dor funesta.

Desçamos algumas vezes aos fundos valles da miséria, penetremos nas matas escuras da dor estéril e de lá retiremos essas pobres almas, feitas para a felicidade, a alegria, o amor...

Sabíamos ensinar-lhes a paciência que recoquiza a felicidade e amar a dor benéfica que engrandeca a alma e abraça o coração.

Perdão, si, meu grato meu, esta carta se tornou num enfadonho sermão, mas reflecte um pouco nas minhas palavras, filhas de um grande affecto e da profunda experiencia de quem muito viveu; e depois dirás commigo que o optimismo é, talvez, o conceito da felicidade e que o poeta disse a verdade, quando acenebha:

Como um campo lavrado, cada um grão tendo um ceite! —
Filho, a bondade é sol e alegria do mundo,
Sê bom! Dá o teu pouco, a verdade e o contento,
Semeia! O coração dos homens é fecundo.

Marilda Palínia

Goyaz, Outubro de 1919.

Homenagem á Madre Maria Theodora

Do «Calvario do Sonho»

A Conversão

Para o dr. Pinheiro da Cunha

*—Vejam como se traja pòtremente!
Emfanto, ella foi rica e presumptuosa!
Como no mundo nada é permanente,
Tem sempre foi-lhe a sorte venturosa.*

*Vencida pelo amor, inexperiente,
Já soriez de uma vida tumultuosa,
Já joven seductor, intelligente,
Joubá-lhe a paz tranqúilla e deleitosa!*

*Dahi, não mais lhe soude uma ventura.
Frolega o pobre, esquece a sua insania,
Chorando de alegria e de ternura!*

*Após a conversão, anda adictida,
Qual Miriam, a virgem de Belhania,
Deseja a morte que é o melhor da vida!*

FRANCISCO GASPAR

A commissão de senhoras que promoveu a piedosa homenagem á Madre Maria Theodora, Superiora Provincial das Irmãs de S. José de Chambéry, offerece-nos um exemplar da luxuosa polyanthêa. E' um grosso volume, em magnifico papel glacê, ornado de nitidas gravuras, com cerca de seisentas paginas, impresso nas officinas das Escolas Profissionais do Lyceo Salesiano S. Coração de Jesus.

Em 1919 transcorreu o sexagenario anniversario do estabelecimento das Irmãs da Congregação de S. José no Brasil, transcorrendo tambem o sexagenario anniversario do superiorato da Madre Maria Theodora. A commissão de senhoras, pois, organisando essa polyanthêa, teve em vista, como o declaramo no prefacio, rememorar e perpetuar toda a grandiosa obra realisada entre nós, nestes sessenta annos, pela benemerita Congregação e sua incita Superiora.

A iniciativa das distintas senhoras foi coroadá de um exito brilhante.

Para as senhoras, muitas das quaes são hoje velhas, a cuja instrução e educação moral presidiu a homenagem de hoje, esse livro é um livro de saudade, onde, em cada pagina, encontrarão ellas as mais gratas recordações da remota infancia.

As antigas discipulas da Congregação de S. José, e todas as pessoas a quem possa interessar, podem, nessa redacção, adquirir um exemplar da esplendida e luxuosa polyanthêa pelo preço de 15\$000 o exemplar.

LIVROS NOVOS.

Idas de Géa Tatú e Cidades Mortas, chronicas e contos de Monteiro Lobato. Edição da «Revista do Brasil», São Paulo, 1919.

É dos nossos escriptores, Monteiro Lobato, um dos que mais rapidamente subiram ao supremo fastio da fama e da popularidade.

O seu livro de contos «Urupês», que está na 5.ª edição, sem que se saiba em quantos milheiros, foi um estrondoso triumpho das letras nacionaes. O seu typo «Géa Tatú», cabeclo ridiculamente feio e organicamente fragil, passou a ser, por arte de Ruy Barbosa, o esponente ethnologico da nossa nacionalidade.

Ha evidente exzaggero, quasi impatriotismo, nessa generalisação falsa. As nossas zonas rurais não são povoadas por typos atavicamente degenerados. Na Italia, na França, em certas zonas onde reina a lestria, ha tambem camponeses que nada ficam a dever ao Géa, das zonas littoranæ decadentes.

Seja como fór, porém, Monteiro Lobato, detado de um estylo vivo, escitante, cegante, maravilhoso, conquistou desde logo e nosso publico, impendo seu nome, que, hoje, é fartamente acclamado.

Desta vez publica dois livros de uma feita: «Idas de Géa Tatú», collectanea de admiráveis chronicas, algumas já publicadas em jornaes e revistas, e «Cidades Mortas», reunido de contos que em nada ficam inferiores aos admiráveis «Urupês».

«Cidades Mortas» é ainda um livro forte, de guerra, com o pessimismo um pouco azedo que caracteriza a arte estupenda de Monteiro Lobato. O prestigio de estylo snavalhante de A. dá á sua campanha um raro poder incoercido, quasi perigoso e demasiado reaccionario.

Em todo o caso, taes são as seducções do talento do autor da «Culcha de Rotalhos», que a gente acaba amando mesmo sua propria parafida. É um grande artista, isso é o que é.

Flamma e Argila, romance de Menotti del Picchia. São Paulo, 1919.

O autor de «Juca Mulato» revela-se, e agora romancista com este estupendo «Flamma e Argila», livro que com os de Lobato, vem enriquecer de orgulho as letras nacionaes.

Já Menotti del Picchia era por demais conhecido como prosador, collaboreando com assiduidade na grande imprensa. Mas o seu romance, num paiz onde a litteratura romantica é falha, constitue um triumpho.

Pens é que a escabrosidade da thesa que naquellas paginas se debate, — um bolchevismo moral quasi sedicioso — nos impeça de levantar applausos á moral que proga a philosophia profunda do seu livro. Vamos mais longe: condemnal-a até.

Ficam, para a nossa admiração, em «Flamma e Argila», apenas o seu estylo, admiravel e a erudição philosophica que entre-mostra, sem pedanteria, em factos da vida mais que em digressões, através dessas paginas onde passa um profundo sepro de amor e de morte.

Pedra que Jala..., por José Agudo. São Paulo, 1919.

Inda um livro de prosa que nos dá da presente florada litteraria paulista. Trata-se de um bello trabalho do já conhecido romancista José Agudo, pseudonymo que esconde um dos nossos mais interessantes belletristas.

Pedra que Jala é um livro original, symbolico, escripto em portuguez correto e bom cuidado, com muita ironia e com muita graça. Estamos certos de que está destinado a um brilhante successo em todo o paiz.

Reas dos Ventos, poemas por Luiz Edmundo. Rio de Janeiro, 1919.

Luiz Edmundo é um poeta por demais conhecido pelas nossas gentis leituras, para que seja mister falar da sua reputação litteraria e das suas obras anteriores. Todo o mundo sabe e recita por ahí, nos salões, o seu celebre e popularissimo soneto: «Olhos tristes»

Olhos tristes, vós sois como dois sóis num poente... A melancolia suavissima que repassa essas estrophas, tocando-nos a alma, é poesia verdadeira, desse immortal lyrismo que fica perpetuo no tempo.

Com «Reas dos Ventos», livro que faz ruido nas zonas litterarias nacionaes, Luiz Edmundo não desmerece sua fama. Acum-centa-a e com justiça.

Ha, de facto, neste novo livro de A. poesias bellissimas e ingenhas, onde os eternos motivos — amor e mulher — são resmoados pela sua arte original e nova.

Lêde este soneto e admirai:

Quanto pedace a gente neste mundo,
Para alcançar aquillo que deseja!
Que o egoismo dos homens é profundo
E a morte é caprichosa e maliciosa.

Soffrir-se tanto! Tanto! E embora seja
Heroica, a alma, em vencer o mal feudo,
Quando não se esmorece na peja,
Traz-se sempre a razão ferida a fundo.

E quanto mais soffremos e choramos,
E mais nossa alma so soffimento é affecta,
Mais texturas e magus encontramos.

Mas é soffrir com fé, de alma tranquilla,
Porque a verdade é tanto mais perfeita,
Quanto mais é difficil conseguirla.

Saudade, Livro para creanças, pelo professor Thales de Mello. São Paulo, 1919.

O sr. Thales de Mello, seguindo as pégadas de De Amicia, no seu admiravel e immortal «Cuete», escreveu tambem, para os pequerruchos, um livro suave e bom, a que denominou «Saudade».

É a historia ingenua e sincera de uma vida humilde, sempre guiada por uma radia moral christã, alta e tranquilla. O livro é todo escripto com admiravel simplicidade. Se algum defeito se lhe pôde apontar é certamente de ter seu autor adaptado, em certos trechos, o dialecto saipira, o que não é recommendavel ás creanças, que procuram em «Saudade» um padrao do proprio idioma.

Tirante isso, Thales de Andrade sempre se portou na altura da sua pratica de professor habilissimo, manejando a lingua com segurança.

Renovação, por Maria Lacerda de Moura. Edição da Typ. Athene' Belle Horizonte, 1919.

D. Maria Lacerda de Moura, a despeito da sua idade, porque é muito joven ainda, revela-nos uma verdadeira escriptora, possuidora

de uma segura orientação philosophica, de uma cultura apreciavel e sua linguagem, embora vacillante, é bastante clara.

Em nosso paiz, as mulheres que se dedicam ás letras, comecem pelo verso e shi ficam, sem nunca se ariscar ás responsabilidades da prosa, para a qual, sem duvida, se exige maior cultura e maior eloquencia. Mas os versos que fazem as nossas patriotas nunca trazem uma belleza nova, senão resições de que ha de mais velho em idéas, rimas e concetos. Não sabemos se a autora da «Renovação» comegou pelo verso, para seguir a tradição do seu sexo neste paiz de poetas. É praxavel que sim. Seja como for, a sua prosa é de uma escriptora, e, que é mais, de uma escriptora combativa.

Tudo o seu livro, que é valioso, versa exclusivamente sobre assumptos que dizem respeito á mulher e á creança e é, por isso mesmo, imensamente interessante, porque não ha assumptos, nesta hora de transições bruscas que atravessa o mundo, mais palpitantes que este.

Os problemas mais ardentes da actualidade, como o feminismo, o veto feminino, a emancipação da mulher, a educação das creanças, a hygiene domestica, a moral da familia, são os que occupam a sua attenção e é em torno dallas que ella borda, com eloquencia, não raro, observações e commentarios opportunos e dignos de reparo.

Vejamos o que, por exemplo, escreve a autora sobre a «Creança e o Cinematographo». Como é sabido, o «Primeiro Congresso Americano de Creanças» resolveu declarar perigosa a assistencia das creanças ás exhibições cinematographicas, salvo em se tratando de programas especialmente organizados, dos quaes se excluem todos os films sobre themas que, de qualquer sorte, possam conceber para a deformação do caracter juvenil.

É realmente interessante o que, a proposito dessa assumpto, que é de uma importancia capital, escreve a autora. Lsa-se:

«O cinematographo, diversamente instructivo que tão grande desenvolvimento intellectuel tem proporcionado por toda parte, está destinado a representar, na otogenia das gerações futuras, um papel de extraordinaria importancia. Sem duvida que o cinematographo é o melhor passatempo da epoca, sem duvida que é excellent meio de cultura intellectuel; falla-se em se utilizar no «écran» na escola moderna; entretanto, pelo facto de «instruir deliciaando», pelo facto de atrahir a attenção de todos, está o cinematographo em condições de desenvolver a nossa intelligencia, fortificando-a, ornando-a de conhecimentos uteis — sem prejudicar o systema nervoso? Uma sessão de cinematographo constitue um verdadeiro deleite, mas pouca gente se observa depois da passagem de algumas «pelliculas». O cinematographo irrita. Logo que cessa a exhibição do ultimo «film» ha pessoas que chegam quasi a correr para a saida, como que procurando mais ar, menos luz ou um derivativo para o physico abatido, cansado, insatisfeito.

E quem nos dirá o que se passa em cada sessão? Alguns «films» produzem uma sensação de fadiga excessiva. Os nossos musculos e nervos tentam-se gastos quando os programas são contentes em quando se excedem em tamanho, e um mal estar invade todo o organismo. Há individuos que dizem gostar imenso do cinematographo e queixam-se todos os dias de que os programas lhes desgastam. As creanças sentem essa mesma sensação nervosa, mais accentuada ainda, e proporcional, é certo, ao grau de vivacidade e intelligencia.

Tenho observado e noto muito maior intensidade nervosa na creança que vem de uma sessão cinematographica do que na que chega de um longo passeio ao campo.

O passivo pôde causar, de accordo com a durabilidade, estagnação, attractivo, etc., porém o cinematographo actua mais directamente no systema nervoso.

Não será tempo de estudar esse grande problema educativo para a formação de um typo menos neurotico?

Quaes serão as causas de tal irritabilidade nervosa? Será effeito das luzes na retina, serão as mudanças bruscas abrigando a vista a esforços de accommodação e convergencia, será a attenção prolongada, será effeito das emoções sensitivas que, de continuo, são transmitidas pelos nervos opticos ao centro do systema nervoso?

A creança já tem muita imaginação e o cinema lhe aviva, com cores berantes, essa faculdade intellectuel que, nelle, deve antes ser

contida, regrada, que desenvolvida e exzibida, — na opinião da maioria educadora. Quem vae acompanhar creanças a uma «matinée» vive mais na platá que no «écran»; maior parte da attenção se reparte entre ellas: discutem, gritam, batem palmas, andam, choram, assustam-se, etc.

É fóra de duvida que tantas emoções diversas e quasi ao mesmo tempo, devem abalar os nossos nervos predispostos hereditariamente a um determinado grau de psychismo nervoso.

As emoções sensitivas que nos affectam a vista, no cinematographo, são tambem de natureza a não affectar os nervos.

Effeitos de luz, cores, mudanças bruscas de tonalidades, de movimentos, a oscillação de uma passagem tirada de um barco, de um automovel a correr, de um comboio a toda velocidade, etc., todas essas emoções que affectam o encephalo mediante os raios visuaes, são capazes de, mesmo por instantes, predispor o nosso psychismo a disthezas nervosas.

Ha de actuar tambem por interaccão das células nervosas.

Por outro lado, a attenção fixa durante algum tempo é outra causa forte de irritabilidade.

Sabemos que a attenção modifica o rythmo respiratorio, diminue as pulsações, produz suores, extremidades, etc., etc.

Or, se o adulto tem difficuldade de attenção forte, se sente em si, modificações physiologicas por effeito da attenção, claro está que a creança, cujo systema nervoso em embrya é maximum excitavel, sentirá, mais ainda, os effeitos dessa attenção de uma ou duas horas, apenas com pequenos intervallos cujo beneficio é muito inferior ao mal que pode produzir — com a mudança brusca de luz.

Será o cinematographo uma das causas do «surmenage» accentuada da geração?

Não será necessario estudar a fadiga que provém de cinematographo como Mile, Yoteko, Sikoriki, Thorndike, Binet, Burgstein e tantos, tantos sciencistas estudaram e estudam a fadiga escolar? É um dos mais sérios problemas medico-sociaes da actualidade. Quem sabe o prejuizo que poderá causar a cinematographia na geração vindoura?

Não influirá certamente no feto a emotividade produzida ás futuras mães pelos «films» de ensação, pelos acontecimentos politicos de crimes — roubos, assassinios, etc. — dos mysterios dramaticos em scenas brutales de pelliculas que impressionam os menos nervosos?

A educação moral das futuras mães de familia não está sendo prejudicada?

Sem duvida que sim.

As Bertini, Gladys, Minicheli e tantas, tantas rainhas dos «cabarets» não influirão consideravelmente no inconsciente psychologico das meninas de hoje, ao se apresentar em «toilettes» cellantes, em decotes exzageradissimos, attitudes sensuaes provocadoras, com a ostentação mundana da vida facil em meio de um luxo asiatico, ás vezes?

O habito de ver, desde os 5 ou 6 annos, consecutivamente — adultérios, lutas com seductores, «silletas» de mundanas, reuniões de joguinas nas quaes tomam parte mulheres lindas, azarriadas, beijadas, aduladas, ostentando joias, fumadas, etc., e habito de ver casas, quartos e aposentos reservados, onde não podemos entrar mas onde penetramos agora, sem cerimonia, pelo «écran»: esse habito se inocula inconscientemente no subjectivo, e as meninas se adaptam perfeitamente á idéa de tal existencia, e na adolescencia, os sonhas do instincto explodem numa eclosão de vida e gozo e os ideaes são levantados sobre este aspecto.

Outro, riqueza, coferte, amor, palácios, automoveis, parques e até adultérios, serão as aspirações da futuras senhoras, se a educação domestica não completar a acção cinematographica, se a mãe não concluir a lição recebida na tela, se a educação moral, o exemplo do lar não sobrepuzar a emoção e sonhas pelo earedo suggerido.

Accresce o seguinte: na idade da juvenude, quem traça a fascinação das grandes cidades, dos «moços benitos», dos parques, dos lagos, joias, palácios, carruagens e lacaios, amor e honrarias, prazeres e luz pela vida trito, chorosa e pobre de uma modesta costurinha honesta, que luta pela vida, que clara perante tantas difficuldades e vive sózinha, trabalhando noite e dia para comer mal e vestir-se pobremente?

A sociedade actual, na litteratura romanesca, e por toda parte, quer belleza, luxo, ostentação, sensualismo.

E o cinematographo exclusivamente artistico, é lindo, fascinante, cheio de nuances e coloridos, bellezas e maravilhas da arte e sentimento: contribue para exaltar as excentricidades amorosas, o adultério, a mentira, os vicios.

Em salas de cinematographo o mysterio fremeate volta a até nas azas dos ventiladores...



Vida feminina

Arte e Letra

Uma nova adogada no foro do Rio

Sta. Djanira Pinto de Souza

No Rio e em S. Paulo muitas moças ha que fizeram o curso de Direito. Mas, se que nos conta, nenhuma tem exercido a serio a profissão, sendo accidentalmente e sem o firme proposito de extrahir della es necessario recurso para a sua manutenção. Mas a nova bacharel, a senhorita Djanira Pinto de Souza recentemente formada em sciencias jurídicas e sociais pela Faculdade Livre de Direito, do Rio, tem o proposito de abrir o seu escriptorio de advocacia. Como se trata de uma moça intelligentissima, que se desleou aos estudos academicos com muita seriedade e que se acha preparada para o exercicio da profissão, que adoptou, é provavel que seja uma vencedora.

Um dos reporters do «Correio da Manhã» teve occasião de entrevistá-la. Não é destituida de interesse a palestra que elle manteve com a jovem bacharel. Vejamos o que escreveu o reporter:

«Como ultimamente se têm bacharelado varias senhoritas da nossa sociedade, a curiosidade de reporter levounos a procurar entrar uma ligeira palestra com a senhorita Djanira Pinto de Souza, que ha dias terminou com brilhantismo e com a sciencia jurídica e sociais na Faculdade Livre de Direito. Certo e seu caso nada tem de original nem extraordinario.

Muitas patrias essas têm se formado, tanto em medicina como em direito. Nenhuma, porém, haria tornado publicas as suas impressões sobre os cinco annos de vida academica, sobre as transformações de seu espirito pela leitura dos Montaignes, dos Comtes, dos Kants, dos Ferris, dos Savigny, dos Herings emfim, de toda essa pleiade de philosophos, sociologos, romanistas e civilistas, cujas lições são citadas, diariamente, nas aulas daquello curso.

Seria curioso ouvir de uma senhorita, que deixou, ha dias os bancos de um estabelecimento de ensino juridico, as suas impressões pelos conhecimentos ali adquiridos.

Assim, fomos ter á residência de D. Djanira. Recebidos com muitas gentilezas, dissemos o nosso intuito.

Mlle. Djanira, a principio esquivou-se, mas por fim accedeu.

Perguntando-lhe quaes as impressões que havia recebido do curso, respondeu-nos:

«A impressão que tive de todo o meu curso, é a mais agradável que eu possa imaginar. Foi sempre bem succedida nos meus exames, e tenho a satisfação de ter, com esforço e perseverança, alcançado o meu desiderato. Da minha vida academica guardo immensa saudade.

«E quanto a seus collegos?

«Recobi de todos os meus collegos o acolhimento gentil que esperava ter, de rapazes de intelligencia culta e educação esmerada, nos quaes deu a minha gratidão pelo modo respeitoso e distincto com que sempre fui tratada.

«E para que resolveu bacharelar-se?

«Para poder exercer a profissão liberal, que é a advocacia, e della tirar os melhores resultados, assegurando honradamente a independencia do meu futuro.

«Mas permita-nos a indiscreção. As suas idéas religiosas não foram, em parte, affectadas pelas primeiras leituras dos livros pensadores?

«Absolutamente. As minhas convicções religiosas são inabalavéis.

«E sobre o casamento, considera-o um contrato? Sorriundo, respondeu-nos:

«Considerado sob o ponto de vista juridico, o casamento não pode deixar de ser um contrato. Entretanto, não admito o divorcio, que attenta contra os seus principios da moral. Admittir-lo é implantar a dissolução social.

«Naturalmente pretende advogar?

«Sim. Quando ligar a mim a tarefa de cursar a Academia, não obedeci a tola vaidade de bacharelar-me para conquistar apenas o titulo, mas sim, á intenção de ter uma profissão e poder exercê-la licitamente. Extrarei na vida pratica, animada pela esperança de um bom exito e para vencer empregar todo o meu esforço a boa vontade.

«E a materia que mais a atrahiu?

«Direito Civil e Direito Commercial.

Advogando, talvez seja mais tentada pelo foro civil.

Calculámos que já nos tornavamos fastidiosos e retirámo-nos, apresentado á senhorita Djanira os nossos votos pelo seu triumpho na profissão que vai iniciar.

A questão feminina

É tão complexa essa questão, dentro della se agitam tantas idéas e se chocam tantas hypothese, que é impossível estabelecer em torno della uma relativa uniformidade de opiniões.

O interessante periodico «Nosso Jornal», que se publica no Rio, abriu uma «fofete», a proposito dessa momentosa e palpitante questão. A essa «enquête» respondeu, entre outras senhoras, a sr. Raul Veiga, esposa do presidente do Estado do Rio.

Com a devida venia aqui transcrevemos a secção destinada a tratar da «Questão Feminina»:

Proseguindo nos nossos inqueritos sobre a «tendencia do movimento feminino entre nós», tivemos a boa sorte de ser gentilmente attendidas pela illustre esposa do sr. presidente do Estado do Rio de Janeiro.

Espirito moliterno, de uma pergrina bondade se equalava pela sua perfeita cultura, senhora de prendas e virtudes invulgarmente arodeada de uma larga e respeitosa consideração nas altas espheras da sociedade, a senhora Raul Veiga, houve por bem proporcionar-nos, em rapidas palavras, o seu ponto de vista sobre a repressão que deverá e poderá, ter no Brasil a questão feminina.

Fizemos á illustre dama a primeira pergunta:

Poderia V. Ex. dizer-nos o que pensa das iniciativas femininas da actualidade europeia e se acha possível e veloz prosperar ao assimilar em nosso meio?

«Eis o que responde a senhora Raul Veiga:

«O terrivel valcico de paixões que a guerra arrou e accendeu no commercio dos homens poderia fazer nascer as iniciativas femininas, que nesse periodo tão admiravelmente assestadas em que da tão longe assisto, tanto aquelle duo de gigantes.

Essas iniciativas foram, como os exercitios empenhados na formidavel pelega quasi improvisadas, mas ficaram e creio que rapidamente applaudidas e accettas pela universalidade das opiniões.

O soffrimento fal-as nascer e jamais des-

honrou o soffrimento — como li alguns — dos que e amaram, e submeron extrahir da sua propria seiva a esperança de diminuí-las nos seus semelhantes.

Mais uma razão ali teremos para acreditar possível e justificavel o successo das iniciativas femininas em nosso meio e ser até um programma do idéas de nossas patrias nesse sentido.

Como vê, não acho razão alguma para não ver vingar no Brasil o feminismo, mas o verdadeiro feminismo, aquelle que quer dizer a existencia moral e social, dedicacão virtuosa aos nossos semelhantes, meio de attenuar as suas proçações, ou de guil-os, corrigi-las, educá-las, salvá-las.

Submettemos depois ao juizo da distancia senhora a nossa segunda pergunta:

Que parece aconselhavel ás nossas patrias, as casadas ou das solteiras, ás ricas como da repressão e como da governa no movimento mundial que atravessamos, em que todas as classes aspiram por transformações e reformas?

«Eis a resposta:

«Depois disso, o que é aconselhavel ás nossas patrias, no momento melindroso que atravessamos, não é diffil de precisar: a educação do coracão dos filhos, que é a base da caracter e, com elle, os habitos de verdade, sinceridade, de bondade, justiça. Formar emfim, corações promptos á se preservarem das paixões dovaradas, almas capazes de fugir aos erros, consciencias equilibradas, justas e nobres.

Para isto basta possuir a mulher — a esposa, mãe, irmã uma unica virtude: a fé christã.

O feminismo no parlamento brasileiro

Não deixa de ser interessante o que, a proposito do senador Justo Chermont, sobre o que fizemos, em nosso numero anterior, alguns commentarios, disse a poetisa Gilka Machado. Ouçamos a palestra que, com um jornalista curioso, teve a brillante literata.

Num dos ultimos dias do Parlamento, o senador Justo Chermont apresentou á apreciação do Senado um projeto de lei concedendo o direito de voto á mulher. O assumpto não era novo dentro do Congresso. Não ha muito tempo, foi agitado na Camara, quando o sr. Maurício de Lacerda, estribado nas mesmas razões do senador parense, apresentou e defendeu um projecto identico. Houve até uma longa temporada de discussões em torno dello, sem que um resultado satisfatorio chegasse a coroar o esforço de oratoria despendido pelos ardorosos congressistas. Marcou o projecto. E das cinsas desse projecto morto saiu o trabalho do sr. Justo Chermont, que não teve certo trabalho, na Camara Alta, onde aliás, teria de lutar com uma pleiade mais intruzigente de velhos conservadores, que não se arderião a linha sequer de suas arraigadas convicções, nem que as razões convincentes sejam os lindos olhos da Mulher.

Sobre o assumpto tivemos agora uma palestra occasional com a poetisa Gilka Machado, que é uma das mais fortes e caracteristicas expressões montes de seu sexo no Brasil. Eis o que ella nos disse:

«Sou pela. Mulher no Parlamento porque entendo que onde o homem entra a mulher poderá entrar tambem. Para as rapas organisadas, que tem o progresso como uma

preocupação permanente e que consideram o trabalho como um dos mais apreciáveis elementos do progresso, e que, em consequência, os seus filhos e filhas em comum que vivem um fim progressista. Assim pensam e agem os americanos, que vem na Mulher a colaboradora normal do homem na luta pela vida.

Nós, povo de Jevas, que temos o sangue abrasado com o espírito inferior e que consideramos para a mulher a tarefa da espediente e a Mulher apenas como quem vê o objecto do nosso desejo inconfessável, seremos sempre aqueles que se afastam da espediente compatível com os mistérios do homem.

— Acha, então, que nunca poderemos reconhecer o direito do voto feminino?

— Acho, pelo menos agora. Comquanto reconheço que essa victoria do feminismo é de grande necessidade social, tanto de considerável inexistência para o Brasil, nos tempos que correm. A Mulher brasileira reboixou-se tanto que, para convencê-la de que tem consciencia e deveres fazer tão alto quanto o homem, teremos do gastar cincoenta annos no minimo. Em tempo mais reduzido não se poderá destruir a obra enfezadora dos seculos. E contra os elementos, pelos seculos, o tempo que o homem vem reboixando a Mulher é condição subalterna de Gata Borralheira, fazendo-a convicta de que só nasceu para isso.

— Mas, a Mulher brasileira ainda não começou a ter consciencia de seus direitos?

— A Mulher, no que este simples palavra define na amplitude da caixa alta, ainda está muito longe de ter essa consciencia redemptora. Somente um círculo reducidissimo de senhoras intellectuaes a tem. Mas estas, que são um estado-maior muito desfalecido, pouco poderão fazer, porque na outra, as que formam o grosso do exército, as temem como noivas á paz do lar e muitas vezes á integridade matrimonial...

— Espanta-se? Pois é um facto. Para as mães de familia brasileiras, as litteratas são indigenas de frequentar-lhes o lar porquese presume que ellas se prebendam conquistadoras dos maridos. Dizendo isto, em terço dito que a efficiente propaganda em pró do feminismo no Brasil vive emperrada, visto que só das litteratas poderá partir qualquer movimento nesse sentido. E tudo isso porque? Porque o homem em seu egoismo requintado, hesita consola a Mulher de que ella em tudo lhe é inferior e só nasceu para as affazeres domesticas, para as suas tarefas em que hoje se exercitam os "almofadinhas"...

— Considera, então, a Mulher capaz de enfrentar, na vida pratica, os encargos de seu companheiro?

— Na luta pela vida, a Mulher é tão capaz quanto o homem. Elle e ella são eguaes, mesmo intellectualmente. Mas como não lhe deram a educação que ao homem se proporciona, e isso, como apegue no lar que o habito lhe impõe, negando-lhe o desembarço para a vida externa, ella parece inferior ao homem, mas essa inferioridade é apenas apparencia.

Nisia Floresta

Nisia Floresta é uma das mulheres mais intelligentes da nossa raça. Além de escriptora e poetisa de grande merito, foi, segundo a expressão de Oliveira Lima, o elegante e erudito escriptor parisiense, a conferencia que em seguida transcreveremos, pronunciada na cidade do Natal, Rio Grande do Norte.

— Floresta, no Rio Grande do Norte, fazenda que "infelicidade" de familia e o vendaval das revoluções na epocha agitada da independencia fizeram decahir e sossobrar, foi em 1910 o berço da mais notavel mulher de letters do Brasil. Em 1911, a filha de dez, quer pela amplitude da visão, quer pela suavidade do estilo. O unico defeito a apontar-lhe o seu nome ditapostado pois que o pai se chamava Dionisio Gonçalves Pinto, e bastante extraxido na sua mistura de arado e patriótico. Tambem o irmão, que era barcharel e se chamava Joaquim Pinto, e acrescentou no nome o appellido do Brasil. Ainda devemos dar graças a Deus de não ter ido além, porque se não, o tempo do nacionalismo nos nomes de familia — dos Genuinistas de Sinimbá, dos Oticiais, dos Susuppirá, dos Gê Aayaby de Montezuma.

Nisia Floresta, brasileira genuina, tem um sobrenome pseudonymo, mas sem de plume que fosse, a escriptora modestamente occultada, ou, pelo menos, não estava no geral dos seus escriptos — alguns annonymos, outros publicados com iniciaes, outros

com um quarto de nome, outros ainda sob a designação de uma «brésilienne auteur de plusieurs ouvrages littéraires et moraux». Varynago publicava a sua *Historia Geral* dizendo ser obra de um brasileiro de Socroabas.

Nisia Floresta nasceu depois dos 19 annos de idade a residir em Pernambuco, e é com melancolia que ella se refere ás sombras negras e ás aguas frescas do Beberibe, lembrando o forcaes castal cultas e a liberdade e o estudo e o amor torravam encantada. A sua formação intellectual, possivelmente de auto didacta, pelo menos em boa parte, ou feita sob o influxo de algum parente de espirito erudito — eram menores raras do que se suppoz as mulheres que naquelles tempos adiriam uma cultura humanista — foi sólida e brilhante, classica e moderna. As viagens e a convivência em circulos intellectuaes europaes enriqueceram-lhe por certo a illustração, mas foi do torção natal que ella trouxe adestrada a capacidade de assimilação e a distincção.

Esse torção natal, com suas praias de areia branca, suas dunas, suas salinas e seus coqueiros, ella nunca esqueceu, antes gratifica a moda de insuperável, pelo refinamento litterario, na alma dessa romulista. Porque é o que ella foi espiritualmente e essencialmente, esse sentimento nullo de ampliação dos sentimentos generosos e foram sentimentos generosos o que parece terem exultantemente provocado a alma dessa mulher, que um seu contemporaneo portuguez disse ser dotada de espirito elevado e coraçao excellentissimo e cuja vida, segundo consta de alguns paragrafos que lhe dedicou Henrique Castriciano, foi «intensa, atormentada e gloriosa».

Com effeito ardentes seus affectos de familia, como o eram seus anhelos politicos e sociais. Dizia-me o meu Joaquim Nabuco, a proposito da dolorosa e inconsolavel vivencia de uma nossa commum amiga, senhora de alta intelligencia e de grande e nobilissima coraçao, que as penumbrecas faziam «suas muitas tragicas. Não sei ainda o fazem: imagino que sim, para consolo em vida dos maridos, mas do que estou certo é de que as brasileiras em geral conseguem a fazer mais de uma extrema intelligencia e devocão.

Nisia Floresta revelou-se nos seus escriptos e em suas conferencias, pelo interesse e pelas aquella que lhe deu o sar só frequentes e tocantes, manifestando o mais vivo espirito. Os *Conselhos a minha filha*, que datam da primeira edição de 1842 e tiveram novo edição em 1845, foram por ella propria traduzidos para o italiano e por um admirador, Braye-Debyayre, para o francez: ambas as versões editadas em Florencia, cujos melhores jornaes elogiaram o vernaculo da traductora. São publicações, uma de 1838 e outra de 1839, nome e que o biopo de Mondovi mandou, ao que a propria auctora se refere, fazer uma nova edição italiana, o que prova que pelo menos os conselhos maternos estavam no gosto do dia.

O clero italiano do *Risorgimento* não se dá com escriptura uma detida sympathia. Achava-o no delirio christão que parece ter sido sua fé, falto de espiritualidade, mas o prelado de Mondovi marcou-lhe n'uma moção o adjectivo de «veros».

Na lista dos ineditos de Nisia Floresta, que abrangem memorias que é lastimavel não terem visto a luz da publicidade, figura uma collecção de poesias intitulada — *Insipidias maternas*. O seu contemporaneo portuguez, citado a este proposito por Innocencio da Silva, o abalizado autor do *Dictionnaire Bibliographique*, e que provavelmente era José Feliciano de Castello, observa que «ella se tem sempre em vista teorica o practico, tentando melhorar a condição do sexo feminino, no intuito de promover a felicidade domestica da familia. D'ahi, e como a boa educação deve começar por ella, os *Conselhos a filha*».

Suas theses não se circumscreveram toda a vida a uma theoria. O seu primeiro trabalho impresso no Recife, em 1833, foi a traducção, segundo corre, revista pelo philologo portuguez frei Miguel do Sacramento de Lourenço, de *Sanctos Directores das mulheres e justicias dos homens* de Miss Godwin. A escriptura revela uma tendencia e a circumstantia torna a uma presenca, a feminista no Brasil. Conta contudo dos seus falhos apontamentos biographicos que em 1842 ella rasgou no Rio de Janeiro, em conferencias abolicionistas e republicanas, nas que pregava a emancipação dos escravos, a liberdade de

cultos e a federacão das provincias, e que a collocou pelo desatouro das suas theorias acima da maioria dos seus contemporaneos na sua patria, superior mesmo a um Tavares Bastos, que só mais de 20 annos depois nos veio surprender com a consciencia de sua desnaturalisacão da sua franqua flavel e da sua tolerancia religiosa.

Não devemos esquecer o nome e reinado de Luiz Philippe em France, de 1830 a 1848, foi a idade de ouro do romanticismo. A té e essencialmente foi romântico em termos de Fourier e o direito ao trabalho de Louis Blanc. O imperio autoritario de Luiz Napoleão, após 1852 e até sua conversão liberal, o confugido com o espirito de reacção provocado na Egreja pelo espirito de revolução e do qual provieram o Syllabus e o dogma da infalibilidade papal, exerceram sobre as nações latinas da Europa e da America uma acção comprehensiva contra que se insurgiu na Italia a pena de Nisia Floresta, que de Brazil já viera embebiada no extremo liberalismo do meio. A escriptora abominava, no seu proprio dizer, os tyranos e os represses e detestava Luiz Napoleão como si fosse uma victima de Dois de Dezembro.

Os sentimentos democraticos de Nisia Floresta revelaram-se certamente no seu Grande do Sul, para onde ella emigrou do Recife e onde teve collegio, tanto ali vivio em plena republica do Firzina. No Rio exerceu igualmente a sua actividade como educadora, e já levava uns 10 annos quasi dessa nobre profissão quando publicou os *Conselhos* que a republicana e a feminista. De 1847 data *Dacia ou a jovem completa*, historia para as educandas da nossa Madama de Genailis.

A data da sua vida pará a Europa é dada differentemente nas reunidas notas que colhi a seu respeito. Não pretendo fora de Cavier da critica litteraria que se esforçasse a reconstituir a largos trechos e dispondo da metade de um dos seus livros a vida de uma intelligencia, como o grande auctoralista francez reconstituiu com um osso e applicando as leis da subordinacão dos orgaos e da coraçao das formas e anatomia de uma animal fossil, mas o facto é que, ali de mais de Henrique Castriciano no Almanack Garnier e do Dictionario de Innocencio que transcrevi Black copios, não houve emquanto fontes onde huir informacões sobre o assumpto. Pense que 1819 foi a data da primeira viagem de Nisia Floresta ao Velho Mundo porquanto ella herself em 1821, foi despedirse de Lamartine no Clátozo de Madrid, no Bosque de Bolonha, onde o poeta das *Medias* viera com a prodigalidade que o arruinou.

Nesse anno de 1849 publica Nisia Floresta sob o pseudonymo de Talluilla, que recorda patriota grega da antiguidade, libertadora de Argos, uma producção que pelo titulo indica que uma vez pelo menos elle não foi estrebado e indomito. Chama-se *A ispirma de um cahet* e são lamentações ao verso, tendo por thema a revolução parisiense que custou a vida a Nuno de Matoso. Em 1850 ensaou-se no romance historico — *Didicção de uma amiga*, do qual li duas volumes quando deviam ser quatro. Os annos de 1851 a 1856 parece terem sido os do seu maior esforço litterario, correspondendo na maturidade dos seus annos — dos 35 aos 55 — ao sazonamento das suas facultades. Em 1853 voltou aos seus predilectos themas de pedagogia moral, publicando o *Opusculo humanitario*, muito sabido por Luiz Philippe Laito, professor do lyceu de Lisboa, que foi meu examinador do francez e que era com seu espesso bigode branco um homem culto e um espirito amavel. De 1857 é *Voyage en Allemague*, de 1858 as *Scintille d'un anno braziliense*; de 1861 as impressões de viagem que elle fez em sua residencia em Italia de viagem a Grece; de 1862 o *Alyssa sob flores*. Em Firmin Didot e Dentu, que eram então com Michel Levy os principaes editores do Paris, foram os que publicaram seus trabalhos em francez, o que é sufficiente attestado de seu valor.

A revolução de 1848, a mais romantica das revoluções, deve ter sido para o espirito ultra-liberal de Nisia Floresta, o maior chispeo europae talvez o restabelecimento do imperio contribuisse para seu regresso ao Brasil. Em 1855 achava-se ella no Rio de Janeiro no tempo da tercel cholera morbida, pois que fallou dos seus servicos de primeira, consolação que se lhe deparou na dor causada pela morte de sua mãe. A Europa profeta em sua intensa e sua fervida exercera sobre ella uma fascinação que não mais se apagará. Os cursos de professores

il teatro, as visitas aos museus de artes e de sciencia, as observatorios e laboratorios, as conversações de arte e philosophica, a todo a attenção para lá e a demorada digressão de tres annos á Italia foi o seu baptismo de arte.

Era tambem seu presunção a epocha da crise aguda da liberdade da Italia. Diante de collaboração nos principaes jornaes do Rio — o *Journal de Commercio*, o *Diario Mercantil*, o *Diario*, e o *Philosophico*, e, neste ultimo, foram publicadas varias contribuições suas em 1854 — pôde ajudar a propagação da idéa da unidade italiana, a qual, depois da restauração em 1815, doutrina das nacionalidades e das raças, apiaxava o mundo intellectual não só latino como tentonico, comprehendendo nestes detalhes o exotico. Nisia Floresta relaciona-se na Italia tanto com figuras menores, Capponi e Themasco por exemplo, dous patriotas de Florença que a cogitava mais ardentes ainda torava; quanto com as figuras maiores do movimento, Mazzini e Garibaldi. Ella propria escreve que, ao encontrar em Napoleão um amigo, partidario extremado dos Bourbons e convencido da duração da monarchia nesianna, sentia não poder revelar-lhe a que combates dos preparativos que se operavam na penumbra.

Nem podia a causa italiana deixar de fazer pulsar a energia assim generoso. A residência de Nisia Floresta é instantaneamente interessante pelo vasto circulo de amizade que lhe proporcionou, sendo tão somente de deplorar que ignoramos a sua correspondencia com alguns escriptores illustres da sua convivencia. Salvaram-se apenas do oblivio algumas cartas de Augusto Comte, que foram publicadas pelo Apóstolo da positivista, no Rio de Janeiro sob a direcção de Miguel de Lemos. Sinto não as ter presentes, mas posso perfeitamente imaginar o tom em que são concebidas.

Todos conhecem o culto que á mulher votava o fundador do positivismo e que se concentrou na meiga personalidade de Clotilde de Vaux. Nis não se alguma de vós já viu o appartamento da rua Monsieur le Prince, no bairro da Sorbonne, onde viveu e faleceu o mestre. A dedicação de algumas reliquias, entre as quaes avultam os brasielles, conservava-se no seu aspecto de templo, como um lugar de romaria para os fideis positivistas da humanidade. Era a casa modesta de um professor, com mobilia brata no estylo sem gosto de Luis Philippe. No quarto de dormir o seu leito de madeira de madeira de marte, donde os seus olhos até o ultimo momento pensaram a seu refrigerio sobre um ramo de flores arritadas sobre redoma a qual lhe offerreca um dia o objecto da sua fervorosa e platonica paixão, cuja memoria os positivistas veneram a par do grande philosopho.

Pela gravidade do seu pensar, pela elevação dos seus conselhos, pela extrema intellectualidade do seu ser disposto a receber todas as suggestões da belleza e do bem, Nisia Floresta encarnava certamente o typo de mulher que Augusto Comte admirava e reverenciava.

Além de Lamartine e de Comte, il que a nossa patria conheceu Victor Hugo, La boulaye, que era um fino espirito de politico e de sociologo, George Sand, com quem tem grandes pontos de contacto sua personalidade intellectual, sendo a ambas commum tanto a vibração d'arte que as passagens historicas da Italia e da Grecia nacionalavam, como a concepção humana que foi a maior honra do seculo XIX.

A mulher brasileira da geração de Nisia Floresta apresenta-se nos dotada de um coração dedicado e de capacidade administrativa, porque para governar uma casa — as casas de outrora com uma quantidade de escravos, alem da quantidade de filhos — elle necessitaria tino e energia como para governar uma republica, a differença estando no tamanho. Ella pessoalmente se nos revelou porosa prudente de um natural talento de expressão, bem como de uma rara independencia de opiniões, produzida pela ausência de preconceitos que a natureza, individual e adicional e ao mesmo tempo individual, impedia de degenerar em anarchia de principios moraes.

Um episodio mostra como habia e costumava pensar por si esta mulher que reprovava o celibato ecclesiastico como uma violação da lei da natureza, que considerava o poeta satânico Byron o maior dos tempos mo-

dernos, e que condemnava o poder temporal dos papas, como a principal razão a evidencia da doutrina christi, que lá no seculo XV levára a Petrarcho a flagellarlo num soito de tres annos á Italia foi o seu baptismo como

*Fantasia di dolore, d'albergo d'ira
Scola d'errori, exempta d'eresia.*

Cito seus pontos de vista sem os discutir, pois estou fazendo critica objectiva. A religiosidade do espirito da sacerdotisa era de natureza superior ás simples exterioridades do outo e ella detestava mesmo a beatidão da simulação sua caridade na moral do evangelho.

O episodio a que alludo foi o seguinte. Ao ordenar uma nova edição dos *Conselhos* das alunas da sua diocese, o reverendo bispo de Mondovi desejava que a autora retirasse do livro as linhas em que recommendava ás suas filhas de 12 annos que lhas confiasse todos os recessos da sua alma para que ella, «gula e mais interessada da sua felicidade, pudesse melhor dirigi-la», fazendo o mesmo aosinhos ignorados pela sua inexperiencia. Tal recommendação significava-se no prelado, que era um modelo das virtudes, castidade diligente e compassivo, contraria á missão dos directores espirituas das jovens consciencias. perante a recusa formal da escriptora seou porosa, com esse felleo sympathico de transigencia que caracterisa o povo italiano como nenhum outro, e que em materia religiosa não affecta as suas opiniões nas modalidades. Nem a escriptora dos *Conselhos* a minha filha era uma livre pensadora, apenas uma pensadora sem prejuizos.

A mentalidade de Nisia Floresta tinha de psular, dado o seu sexo e dado o meio da sua formação, essa fuzda preoccupação dos problemas politicos e sociais da humanidade, combinada com a acida e combathão philosophica que envolvia o seu liberalismo. Ella não desmuniava por exemplo a sympathia que na sua alma despertava a sorte de uma India e de uma Algeria, dominadas embora por nações progressivas. A Italia e a Grecia detam no seu espirito christão um haubo de paganismio, que se reflecte no surto tomado pela sua imaginação no contemplarem seus olhos essa natureza risbna a amavel. O mar e o luz da Grecia, que ella chama «os dous eternos e incomparaveis feiticos dessa terra classica, os grandes manganis da inspiração da poesia hellenica, o proprio Homero não lograr traduzir nos seus versos a formozura encantadora do colorido e dos seus cambiantes», foram tambem factores poterosos da sua fantasia maravilhada.

O patriotismo de Nisia Floresta, que resembra em cada pagina sua, era romantico como todo o seu felleo espirital. As invocações á patria nuneso são repetidas e mecenosas. Havia niso o convencionalismo literario da epocha, era il dister de todas as epochas. Sylvio Romero, com aquelle felleo inoconclastico que o distinguia, notou que Domingos de Magalhães lastimou nuna versão o seu felleo, jurando que se continuasse longe da patria, morreria de nostalgia. Entretanto passaram-se 40 annos antes que lha acontecesse essa fatalidade, que nada teve a ver com semelhante enfermidade morali: então a saudade foi para elle, como dizia Voltaire do café, um veneno muito lento. Nisia Floresta falava mais ou meos a linguagem de Magalhães, mesmo em Florença, cidade da sua predilecção pela luz suave e pela sociedade gentil, mas veio a morrer em Rouen aos 65 annos, em 1858, e pela Europa ficara desde os annos 60 o tanto.

Não quer isto dizer que elle pretendia a membração o seu patriotismo. Esta sermencia exerce-se perto ou longe, ás vezes mais de longe que de perto, porque se tem a vista em conjunto e não se esta a braco de os interesses. Nem em credito sonzento no patriotismo indulgente. Aho que o patriotismo critico tem bem sua razão de ser e talvez seja mais sinero do que o outro. Pelo menos um é ego e o outro vidente, e o melhor patriotismo ver cada qual o seu país como se deseja que o outro seja o mesmo. Não menos um é ego e o outro vidente, e o melhor patriotismo mais intelligente e mais honesto.

Nisia Floresta não occultou aliás o seu sentimento contra as iniquidades, o que significava que seu patriotismo andava ligado com o sentimento de justiça. Ella precedeu Emile Faguet no parecer que o mundo é

sobrado de mediocres; será porque estes formam o maior numero. Por outro lado, personalidades culminantes, genias, como a de Napoleão, eram-lhe repulsivas, offendendo até a attenção o sentimento do paganismio. O sentimento já existia: o que não existia ainda era o vocabulo. Ao que me lembro é a sua repulsa a Napoleão, a Napoleão, porque admira a Alemanha não menos do que Madame de Staël. Dirigião-se ao irmão no prefacio do *Voyage en Allemagne*.

«Ce pays du sentiment et de la philosophie crête d'être parcouru et analysé par toi. Viens-y en jouir avec toute cette richesse d'intelligence que la modeste ville dans laquelle tu es né te confie et que de si égras sans merite réel avait mieux que les génies se faire jour.»

O romantismo foi muito espirital nas pouco espirituas, no sentido que communmente se empresta á expressão: pelo menos o não foi o verdadeiro romantismo, cujos chistes eram arrancados e cujo comico chegava muitas vezes a ser meastro. Ainda niso Nisia Floresta era romantica, como tambem era nas suas creações religiosas, admirando a fé e a fé da sua infancia, do Padre de Lamennais e de Lacordaire, despois de gulas terrenas e paradoado numa atmosphera luminosa de fé apotolica e do abstracção anglica.

Nestas condições não podia divertir-se a *biague* franceza. Nas paginas dedicadas á Grecia ella lançou-se contra Edmond About por haver notado de que se com affluencia lyrica devia ser tratado. Estou certo de que suas contribuições para os jornaes francezes e italiani em que collaborou eram alheias a quanto não fosse sensação d'arte, nota de sciencia, entusiasmo por uma causa politica de caracter geral ou impulso humanitario. Eu dizia que seu animo tinha mais de germanico que de latino, pela empacidade reflexiva e pela ingenuidade espontanea, si não fosse a fé e os seus acastamentos nas doutrinas francezas e que superficial ou artificial, esquecendo que Renan, o mais francezo dos prosadores francezes do seculo XIX, o que o menos tinha o espirito *quadevriere*.

O estylo de Nisia Floresta tem alguma coisa do deite mago: a tral e prende extraordinariamente a attenção da leitora e pela sua limpidez, estranho a toda emphase e a toda abstrusidade, mesmo quando turgido de liberalismo em lidando com especulações philosophicas das quaes se emanava a sua intelligencia desde que lera as paginas sublimes de Platão. Sob este aspecto mais é a sua individualidade do que a de qualquer outro philosopho — os seus genios, são digo os que christamam o desmaesmo em philosophia — se contam pelos dados da mão. Nisia Floresta foi porém o exemplo vivo do que elle sempre ensinou e praticou — que a mulher deve possuir e exercer virtudes domesticas e civicas.

Virtudes domesticas são uma expressão lista e que como qualquer outra pode ter nua accepção mais restricta ou mais ampla. Neste caso deve ser tomada com *gravo* sois, não podendo significar mais do que affecto e piedade, virtudes domesticas de que na verdade parece haver transbordado o coração de nossa mulher superior. Ella foi quem em todo sentido a nossa George Sand, em cuja vida houve um Alfred de Musset e até um Dr. Pagnello. Fara o catholicismo romantico, apesar de inspirado pela doutrina christã, o amor não constitua um mandamento restricto, como para o catholicismo catholico. A alma em encontrava-se ás vezes fora do matrimonio e quando era encontrada, associavam-se dous romanticamente, isto é, ardentemente.

Nisia Floresta falla da vivaz do seu coração e a tradição que estabelecer uma differença entre esta vivuez e a vivuez legal, do marido pelo vinculo civil ou religioso. Conceder a que fosse aquella mais frágil do que esta, vez que o sentimento conjugal gerao da liberdade e não imposto pelo modo de vida da benção ecclesiastica. É portanto que seguir a escriptora mais no que ella pregou do que no que ella escreveu em sua vida particular. Foi um São Thome de Aquino que disse a respeito de si: «Ficções não admiráveis e estas serão afinal as que ficam. Vivuez volvem a mesmo estado colonico. Exatido não se encontra em termos e civicas, quem nos diz que ella se offerreia como modelo? A moral na sua penca inspirada era certamente mais objectiva do que subjectiva.

Único depositário para a
 Brasil:
Empresa Feminina
 Brasileira
 Praça Antonio Prado
 S. PAULO



(TRICALCICAS)

Antes do mais:

As pastilhas Americanas Tricalcicas do Dr. Malcom não são uma panacéia. Tratam-se de um producto químico definido cujos elementos principais assim se compõem (Ph. H₂O₂) Ca² (Ph. O₂ 2 Ca 3 adicionado: de seivas vegetaes, estimulantes da função histológica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe C₂ H₄ 2 O) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo as formas glicol, além de principios aromaticos e fitvinasas com (Ph. H₂O₂) Ca² (Ph. O₂) 2 Ca 3² (Fe C₂ H₄ 2 O).

É uma forma de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Tratam-se portanto de um medicamento de reais resultados em todas as vicias da nutrição.

(Relatório dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

A cura tricalcica do Dr. Malcom deve durar pelo menos dois mezes, é por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despesa cada semana. Demais as Pastilhas Malcom não são um producto commercial no qual se sacrificam ás vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço. Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias da nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOM

são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que, ao cabo de dois mezes, de tratamento obtiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaustantes e que necessitam de phosphoro, bem como, para a fraqueza de qualquer outro organo.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcom são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas . . . 20\$000

DOSE:— PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar, em seguida, para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos moços é bastante metade da dose acima.

PARA CRIANÇAS. Uma pastilha a cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creança de menos de 4 annos começar por 1,2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina

Praça Antonio Prado - S. Paulo

S. P. Mfg. Druggs Co.





A Saúde da Mulher
cura incommodos de senhoras